

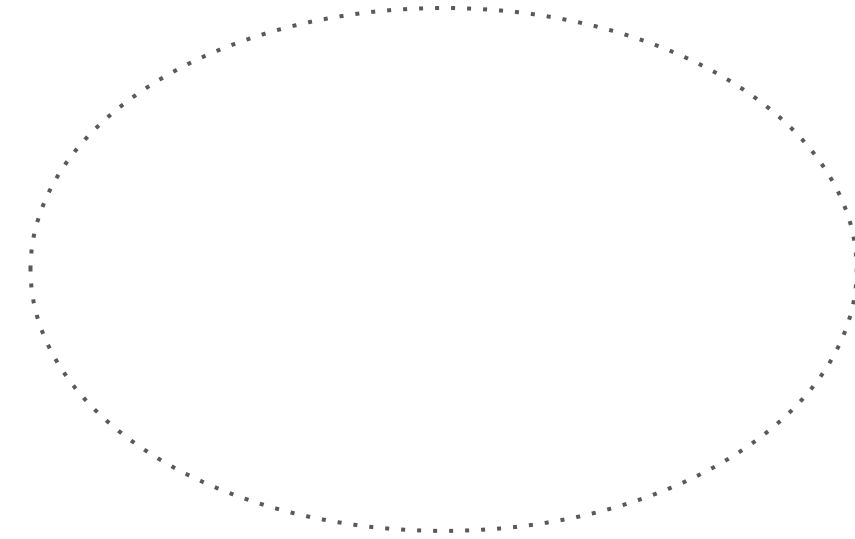
*Bela, Recatada e do Lar:
as imagens do feminino da revista “A Casa”
e seus enfrentamentos na contemporaneidade.*

Dedicatória

A minha avó, Maria de Jesus, com quem tive o prazer de aprender o valor da educação e dos estudos. Meu exemplo de mulher e professora.

Agradecimentos

Agradeço aos meus pais e as minhas irmãs por sempre apoiarem e sustentarem minhas decisões. Ao Hélio, por ser calma em meio a tantas turbulências. Aos meus amigos, pela paciência inesgotável ao longo de todos estes anos de formação — especialmente aqueles que compartilharam as angústias e ensinamentos proporcionados pela FAU/UFRJ. Aos docentes com quem tive o prazer de cruzar o caminho, em especial às profs. Ana Paula Polizzo, Ana Paula Araújo e Juliana Nery, pelas orientações e contribuições para o desenvolvimento do presente trabalho. Por fim, meu muitíssimo obrigada à Flávia, sem a qual eu não estaria aqui. Obrigada por aceitar ser minha orientadora, por dividir seus conhecimentos e principalmente, seus questionamentos. Hoje voou mais longe por sua causa.



Sumário

Lista de imagens | p. 4

1. **APRESENTAÇÃO** | p. 7

Resumo | p. 9

1.1. Bela, Recatada e do Lar: a caracterização da mulher perpassando pelo ambiente doméstico | p. 10

1.2. Por que a revista “A Casa”? | p. 12

2. **OBJETIVOS, METODOLOGIA E RESULTADOS** | p. 15

2.1. Objetivos e Metodologia | p. 16

2.2. Linha do Tempo - Revista “A Casa” ao longo dos anos a partir da leitura de seus editoriais | p. 20

2.2.1. Revista “A Casa”: revista ou manual? | p. 36

2.3. Domesticidade e questão de gênero | p. 37

2.4. Revista DES.CASA - Parte I | p. 40

2.5. Revista DES.CASA - Parte II | p. 112

2.5. Análises quantitativas | p. 124

3. **CONCLUSÃO** | p. 135

4. **BIBLIOGRAFIA** | p. 138

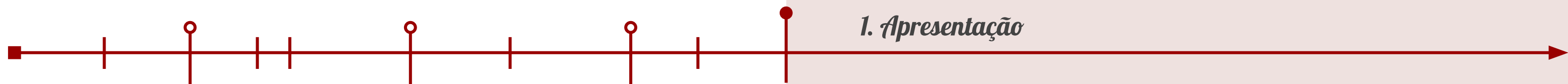
5. **ANEXO** | p. 140

Lista de imagens

- Figura 01** - Esquema indicando as categorias criadas para a análise das páginas das edições selecionadas dentro do recorte estabelecido. Fonte: Autoria própria. | **p. 18**
- Figura 2** - Imagem da demolição do Morro do Castelo. Fonte: Brasiliana Fotográfica. Disponível em: <<https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?p=14030>>. Acessado em: 23 de ago. de 2021. | **p. 24**
- Figura 03** - Capas da Revista "A Casa" das edições 009, 069 e 128, referentes aos meses de janeiro dos anos 1925, 1930 e 1935. Fonte: Revista "A Casa", n. 9; 69 e 128;,, capa, jan., 1925; 1930 e 1935. | **p. 26**
- Figura 04** - Capas da Revista "A Casa" das edições 188 e 256/257, referentes aos meses de janeiro e setembro/outubro dos anos 1940 e 1945, respectivamente. Fonte: Revista "A Casa", n. 188 e 256/257, capa, jan. 1940 ,set./out. 1945. | **p. 27**
- Figura 05** - Declaração intitulada "A casa, revista do lar - não deve faltar em sua residência". Fonte: Revista "A Casa", n. 256/257, p. 11, set/out., 1945. | **p. 38**
- Figura 06** - Anúncio das Revistas de Arquitetura e Concreto, também propriedades da Editora "O Construtor". Fonte: Revista "A Casa", n.236, p. 6, jan., 1944. | **p. 29**
- Figura 07** - Recorte da Revista "A Casa" de fevereiro de 1950. Fonte: Revista "A Casa", n. 306, p. 76, fev., 1950. | **p. 30**
- Figura 08** - Recorte da Revista "A Casa" de março de 1950. Fonte: Revista "A Casa", n. 307, p. 59, mar., 1945. | **p. 30**
- Figura 09** - Linha do tempo. Fonte: Produção própria. | **p. 32-35**
- Figura 10** - Imagens de Marcela Temer: I) em um concurso de miss; II) na posse presidencial de Dilma Rousseff; III) no lançamento do programa Criança Feliz. Fonte: Isto é. | **p. 38**
- Figura 11** - Imagem de capa do Instagram da revista DES.CASA. Fonte: Autoria própria. | **p. 113**
- Figura 12** - Postagem do Instagram da revista DES.CASA. Fonte: Autoria própria. | **p. 114**
- Figura 13** - Postagem do Instagram da revista DES.CASA. Fonte: Autoria própria. | **p.115**
- Figura 14** - Postagem do Instagram da revista DES.CASA. Fonte: Autoria própria. | **p. 116-117**
- Figura 15** - Postagem do Instagram da revista DES.CASA. Fonte: Autoria própria. | **p. 118**
- Figura 16** - Postagem do Instagram da revista DES.CASA. Fonte: Autoria própria. | **p. 119**
- Figura 17** - Postagem do Instagram da revista DES.CASA. Fonte: Autoria própria. | **p. 120-121**
- Figura 18** - Postagem do Instagram da revista DES.CASA. Fonte: Autoria própria. | **p. 122**
- Figura 19** - Postagem do Instagram da revista DES.CASA. Fonte: Autoria própria. | **p. 123**
- Figura 20** - Esquema que exemplifica o critério aplicado nas cores utilizadas para a construção da legenda na revista DES.CASA - Parte I.. Fonte: Autoria própria. | **p. 124**

Imagens Linha do Tempo

- Figura 01** - Imagem com slogan da Semana de Arte Moderna de 1922 junto a pintura Abaporu (1928) de Tarsila de Amaral. Fonte: Revista Prosa Verso e Arte. Disponível em: <<https://www.revistaprosaversoarte.com/semana-de-arte-moderna-de-1922/>>. Acessado em: 23 de ago. de 2021. | **p. 32-33**
- Figura 02** - Imagem da demolição do Morro do Castelo. Fonte: Brasiliana Fotográfica. Disponível em: <<https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?p=14030>>. Acessado em: 23 de ago. de 2021. | **p. 32-33**
- Figura 03** - Imagem da colheita do café no anos de 1920. Fonte: Jornal do Comércio. Disponível em: <https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/economia/2019/10/709138-crise-acaba-com-era-d-e-ouro-do-cafe-no-brasil.html>. Acessado em: 23 de ago. de 2021. | **p. 32-33**
- Figura 04** - Imagem de Getúlio Vargas, representante do Estado Novo. Fonte: Brasil Escola. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/historiab/era-vargas.htm>>. Acessado em: 23 de ago. de 2021. | **p. 32-33**
- Figura 05** - Imagem de Lúcio Costa. Fonte: Pinterest. Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/520095456942390354/>>. Acessado em: 23 de ago. de 2021. | **p. 34-35**
- Figura 06** - Imagem da Escola Nacional de Belas Artes. Fonte: IBGE. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=440268>>. Acessado em: 23 de ago. de 2021. | **p. 32-33**
- Figura 07** - Imagem do edifício Jorge Machado Moreira, construído para abrigar a FNA. Fonte: FAU UFRJ. Disponível em: <<http://www.fau.ufrj.br/historia-e-patrimonio/>>. Acessado em: 23 de ago. de 2021. | **p. 34**



1. Apresentação

Resumo

O presente trabalho buscou desenvolver as questões de gênero¹ junto ao campo da arquitetura por meio da análise das representações do feminino nas imagens da revista “A Casa”. O objetivo principal foi o de questionar o papel da arquitetura na construção e consolidação de imaginários pautados em discursos de gênero.

A questão de gênero foi abordada no campo da arquitetura por Diana Agrest (1988), em seu texto “À margem da arquitetura”. Segundo a teórica, o “sistema da arquitetura” – entendido pelo corpo de textos e regras desenvolvidos no Renascimento – gerou sistematicamente um ser reprimido. O reprimido, ou seja, aquilo que está à margem, é a própria mulher e seu corpo. Como abordado por Zaida Martínez (2018), o conhecimento gerado ao longo da história é um conhecimento masculino e portanto, no qual as mulheres não se reconhecem.

A fim de identificar o processo de transformação da Casa como um periódico de arquitetura para um manual feminino, produziu-se uma linha do tempo que relaciona as mudanças do editorial da revista durante seu período de veiculação, 1923 a 1952, a eventos históricos significativos do país. A partir dessa análise, foram identificados dois momentos de direcionamento explícito ao público feminino, ocorridos nos anos de 1931 e 1945. Ambos corroboram para a conexão direta entre o ideal doméstico de consumo, atribuído ao gênero feminino, e a produção do trabalho que gera renda no âmbito público, atribuída ao gênero masculino.

Estabeleceu-se um recorte organizado em três blocos definidos pelos anos de direcionamento do conteúdo para mulheres e, adicionalmente, pelo ano de lançamento do periódico, a saber, Bloco 1, 1923-1924, Bloco 2, 1931 e Bloco 3, 1945. Foram selecionadas três edições de cada bloco, cujas imagens foram selecionadas de acordo com as seguintes categorias: I) tem a presença efetiva de mulheres; e II) sugerem a presença feminina sob uma narrativa pautada em questões de gênero. Tais categorias foram subdivididas a fim de identificar a relação do gênero com o espaço interior ou exterior. Então, realizou-se um levantamento do número total de imagens em cada categoria criada a fim de se comparar os anos do recorte estabelecido.

1. “O gênero, no contexto ocidental, é a construção social e cultural de papéis, formada historicamente, que atribui capacidades específicas, determina espaços e dá prioridades diferentes a cada sexo”. (MARTÍNEZ, 2018, p. 24).

1.1. Bela, Recatada e do Lar: a caracterização da mulher perpassando pelo ambiente doméstico

Em 20 de abril de 2016, três dias após a votação favorável ao impeachment da então presidente Dilma Rousseff, primeira mulher a ocupar tal cargo no Brasil, pela Câmara dos Deputados, a Revista Veja publicou uma edição extra que continha um artigo sobre Marcela Temer². O artigo, intitulado “Marcela Temer: bela, recatada e do lar”, teve grande repercussão, evidenciando o quanto o imaginário da mulher no Brasil contemporâneo ainda é um campo em disputa. Foram geradas inúmeras imagens, principalmente *memes*³, que posicionavam-se de forma contrária à reportagem e à estereotipização da mulher feita na mesma, compartilhadas em várias plataformas digitais, como Facebook, Instagram, Twitter, etc.

Sobre a matéria, é interessante ressaltar que a caracterização de Marcela Temer passa pelo lar, ou seja, pelo espaço doméstico que, de acordo com Walter Benjamin⁴, é separado pela primeira vez do espaço de trabalho no início do século XIX, na Inglaterra. É justamente a partir desta divisão que é definido o conceito de “domesticidade”, assumido por Hilde Heynen (2005) como um conjunto de ideias desenvolvidas como reação a divisão casa-trabalho. A casa então, passa a ser um espaço privado, individual, associado exclusivamente à reprodução e controlado pela mulher, que não tem direito ao espaço público.

É importante destacar que a associação do espaço doméstico a um mundo feminino — vinculado a um espaço de cuidado e consumo — em contraposição a associação do espaço de trabalho a um mundo masculino — vinculado a um espaço público e de produção — diz respeito a uma classe social específica da sociedade e, portanto, a uma raça de mulheres. Falamos aqui da burguesia e de mulheres brancas. A sobreposição das condições de classe, gênero e raça complexifica substancialmente a atribuição de um espaço e/ou tarefa a uma dessas condições específicas. Sueli Carneiro (2003)⁵ fomenta a discussão sobre como a estruturação do feminismo brasileiro se deu a partir de reprodução de uma tendência colonial, assumindo uma identidade branca e ocidental. Dessa forma, o movimento tornou-se excludente para com as características multirracial e pluricultural do país, já invisibilizadas historicamente. O espaço da mulher negra e pobre foi, e ainda é, definido por alguém que não ela mesma. E este espaço definitivamente não é sua casa.

Na reportagem da revista Veja, os signos de bela, recatada e do lar são manipulados a fim de

construir a imagem de boa esposa, mãe e dona de casa de Marcela Temer. Esta construção corrobora a sustentação do imaginário que atribui à mulher branca e de classe média ao espaço doméstico e vai de encontro à imagem atribuída a então presidenta Dilma Rousseff — mulher em um cargo público e político, que teve sua figura masculinizada e caracterizada como incapaz para exercer seu papel. Assim, é clara a percepção de que a construção da imagem da mulher ainda encontra um solo de compreensão, especialmente nas camadas de elite.

Vivemos em um mundo com uma grande produção de imagens, com forte componente informativo, que se potencializa a cada dia. *Smartphones* cada vez mais sofisticados, junto ao constante aprimoramento das plataformas de divulgação — como Instagram, Twitter, Youtube, etc. — tornam a produção e consumo destas imagens cada vez mais acessíveis. Porém, além do poder da informação, as imagens apresentam um grande poder de persuasão. Como abordado na reportagem “Casos Samuel e Saul Klein: violência de gênero também se aprende em casa”, as imagens têm papel fundamental não só na reprodução, mas também na perpetuação do que veiculam.

Imageria, questão principal discutida por Jacques Rancière em seu livro “O destino das imagens”, traz à luz a influência política das imagens a partir da criação ou modificação de códigos de conduta sociais. Para o escritor francês, a “*policidade*” das imagens se deve à construção delas ser a partir de condições e forças históricas, políticas e culturais, que contextualizam sua produção e/ou marcam seu caminho. Sendo assim, a análise e a produção de imagens se torna um dos pilares do presente trabalho, a fim de entender e questionar o papel da arquitetura na construção de imaginários pautados nas questões de gênero.

2. Marcela Temer é mulher de Michel Temer, vice-presidente do Brasil à época.

3. Definidos por Natália Botelho Horta (2015) como produção em grande parte de baixa qualidade técnica, realizados de forma lúdica e aparente pretensão de provocar um efeito risível.

4. Benjamin (1999) apud Heynen (2005).

5. No artigo “Enegrecer o Feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero”, 2003.

1.2. Por que a revista “A Casa”?

O objeto de estudo foi definido, tanto por questões práticas de acesso, sua disponibilidade integral na plataforma *online* da Biblioteca Nacional Digital, quanto por ser o único periódico de arquitetura, durante o surgimento do movimento moderno no país, direcionado ao público leigo⁶.

A revista “A Casa” foi lançada em 1923, sob propriedade e edição do arquiteto-engenheiro alemão Ricardo Wriedt⁷. Apesar de ter sido um periódico previsto para circular quinzenalmente, logo nas primeiras edições sua distribuição foi alterada para mensal e assim permaneceu até o fim de sua produção, em 1952. Ao longo de seus mais de 30 anos de veiculação, a revista em questão apresentou mudanças estéticas consideráveis, transpassadas notoriamente por suas capas, que passam a ter um apelo explícito ao público feminino. Este apelo se dá através da aparição de imagens femininas efetivamente, ou seja, quando as figuras femininas de fato aparecem, ou imagens que representam este feminino, por meio de objetos, espaços, cores, etc. A revista passa por um processo de transformação significativo que converte seu conteúdo de projetos de arquitetura a temas considerados de interesse feminino, como culinária, moda, etc. É interessante ressaltar que o editorial da Casa foi composto em sua maioria – quase exclusivamente – por homens, tendo a primeira mulher ingressado somente em dezembro de 1938, 15 anos após a sua criação.

A grande maioria das imagens que são apresentadas – as femininas inclusive – são desenhos. Acredita-se que parte desta motivação tenha a ver com uma questão de logística e economia de impressão⁸. Porém, é inegável a maior facilidade da manipulação dos elementos na construção dos desenhos, facilitando, por consequência, a construção de um imaginário pretendido.

A revista foi inaugurada próximo a um momento de tensão no campo acadêmico da arquitetura, o que incrementou a importância dos periódicos à época. Em agosto de 1931, Lúcio Costa é retirado do cargo de diretor da ENBA – somente após nove meses ocupando-o – sob a acusação de não cumprir o novo regulamento estabelecido no início de sua vigência, tomando decisões de forma independente e sem consultar os Conselhos Universitários e Conselhos Técnicos Administrativos (PINHEIRO, 1997).

Duas das primeiras revistas do Brasil especializadas no campo da arquitetura e que representaram esta disputa são: a “Revista de Arquitetura”, fundada em 1934 por Levi Aufran e Paulo

Motta, vinculada à ENBA; e a “Revista Arquitetura e Urbanismo”, fundada em 1939 como veículo do órgão representativo da classe dos arquitetos, o Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB). Ambos os periódicos tiveram papel fundamental na veiculação e desenvolvimento da identidade da arquitetura carioca a partir dos debates e discussões trazidos à luz. Além disso, tiveram importância também no processo de afirmação da profissão na sociedade brasileira e de seus interesses (AMORA, 2006). Apesar de ter sido lançada no início da tensão travada a respeito da legitimação da Arquitetura Moderna no país, a revista “A casa” não representava (ou tinha a contribuição) de nenhum órgão oficial. Neste sentido, era uma revista ordinária, pouco rebuscada e voltada ao público em geral.

6. Este direcionamento é passível de ser visto logo na primeira edição, na “Carta de Apresentação”.

7. Ricardo Wriedt desenvolveu carreira no Brasil, especialmente no Rio de Janeiro, onde estabeleceu residência e seu escritório de arquitetura (NERY, 2013).

8. A fotografia surgiu em 1839 porém só foi incorporada à imprensa 30 anos mais tarde. Isto se deve à dificuldade técnica dos meios jornalísticos de imprimir os diferentes tons de cinza que formam uma imagem fotográfica (FELZ, 2008). No entanto, o fotojornalismo já era visível em periódicos contemporâneos à Casa, como a revista “O Cruzeiro”, que já apresentava fotografias junto a ilustrações em sua primeira edição, em 1928.



2. Objetivos, Metodologia e Resultados

2.1. Objetivos e Metodologia

O trabalho buscou analisar as representações do feminino nas imagens da revista “A Casa”, um dos primeiros periódicos de arquitetura do Brasil, a fim de questionar o papel da representação da arquitetura na construção de imaginários pautados nas questões de gênero.

Como objetivo secundário, a fim de promover a reflexão sobre a importância da arquitetura na construção dos imaginários pautados no gênero foi desenvolvido o produto “Revista DES.CASA”. A “DES.CASA” foi desenvolvida de duas formas diferentes: a primeira, envolvendo manipulação textual e disponibilizada exclusivamente no presente caderno e busca revelar as análises críticas realizadas exclusivamente a respeito das imagens divulgadas na revista “A Casa”; a segunda, envolvendo manipulação gráfica, é disponibilizada sob o instagram “[@revista_des.casa](#)” e procura relacionar as análises anteriormente feitas com imagens e temáticas contemporâneas.

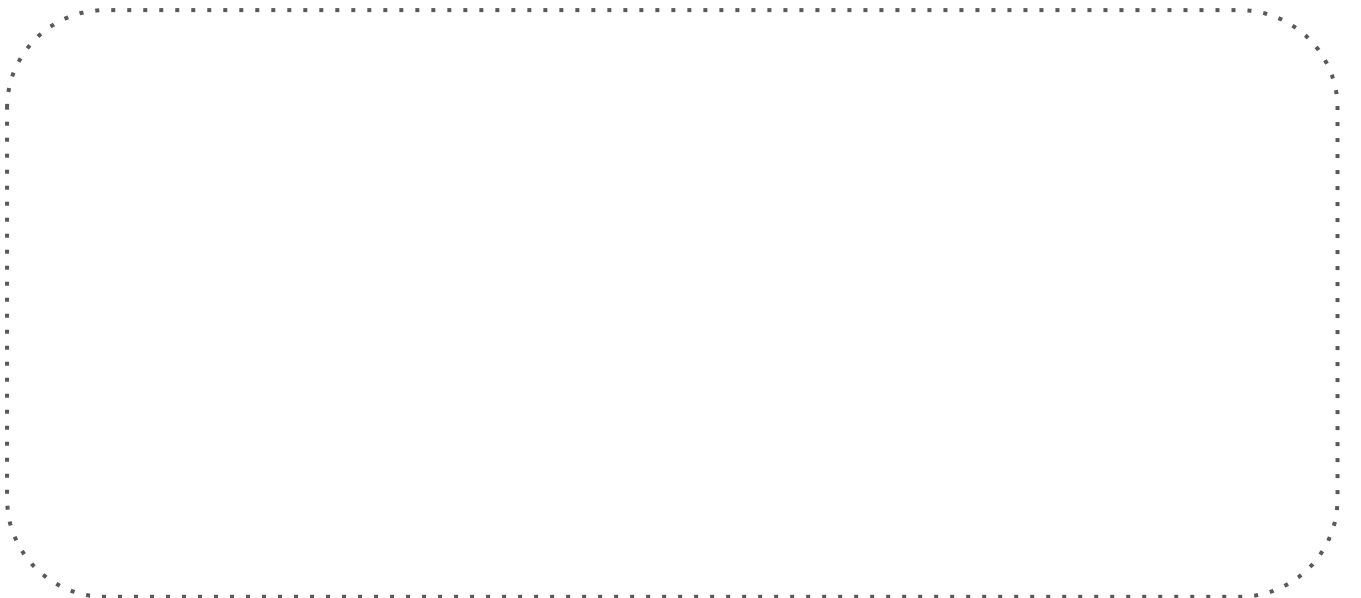
A fim de decodificar o processo de transformação da Casa de um periódico de arquitetura a um manual feminino, produziu-se uma linha do tempo (figura 09, p. 32) que relaciona as mudanças do editorial da revista durante seu período de veiculação, 1923 a 1952, a eventos históricos significativos do país e do mundo de forma cronológica. Para produzi-la, foram consultadas as páginas iniciais de todas as edições disponíveis na Biblioteca Nacional Digital, bem como textos sobre periódicos de arquitetura brasileiros e seus respectivos impactos na consolidação da arquitetura moderna do país – sendo os de maior relevância para o trabalho “Falas e Ecos na Formação da Arquitetura Moderna no Brasil”, tese de doutorado de Juliana Cardoso Nery, defendida em 2013, e “Arquitetura em Revista – o moderno e a tradição em dois periódicos representativos dos campos acadêmico e profissional da arquitetura e do urbanismo”, artigo desenvolvido a partir da pesquisa de doutorado de Ana Albano Amora, defendido em 2006.

A partir da coleta e cruzamento de dados, foram identificados dois momentos de direcionamento explícito ao público feminino, ocorridos nos anos de 1931 e 1945. Ambos corroboram para a conexão direta entre o ideal doméstico de consumo, atribuído ao gênero feminino, e a produção do trabalho que gera renda, no âmbito público, atribuída ao gênero masculino – apresentada por Hilde Heynen em “Modernity and Domesticity: tensions and contradictions”, 2005. O primeiro momento relaciona-se com o contexto da Crise de 1929, e o segundo no contexto da Segunda Guerra Mundial. Concomitantemente à linha do tempo, gerou-se uma tabela que relaciona o número das edições das revistas publicadas aos meses e anos em que foram publicados (anexo 01, p. 140).

Assim, estabeleceu-se um recorte organizado em três blocos definidos pelos anos de direcionamento do conteúdo para mulheres e, adicionalmente, pelo ano de lançamento do periódico, a saber, Bloco 1, 1923-1924, Bloco 2, 1931 e Bloco 3, 1945.

Foram selecionadas três edições de cada bloco, cujas imagens foram selecionadas de acordo com as seguintes categorias: I) tem a presença efetiva de mulheres; e II) sugerem a presença feminina sob uma narrativa pautada em questões de gênero. Acredita-se que ausência de um elemento é tão importante quanto sua presença na comunicação de narrativas. Diana Agrest (1988), ao determinar “sistema de arquitetura” por “sistema [que] se define tanto pelo que inclui como pelo que exclui, sendo a inclusão e a exclusão partes integrantes do mesmo constructo.” (p. 585) sustenta a ideia levantada. No mais, o foco ateu-se às imagens com filtro pautado no gênero feminino, primeiramente por uma questão de interesse e também, por uma questão de viabilidade.

Em um segundo momento, tais categorias foram subdivididas a fim de identificar a relação do gênero com o espaço interior ou exterior. Especificamente, analisou-se principalmente os elementos não-textuais buscando verificar a associação do gênero feminino com o ambiente doméstico, especialmente o interior da casa e seus objetos. Porém, durante a análise do Bloco 3, viu-se a necessidade de criação de uma quinta categoria: Sugestão da Aparição de Mulheres por *Temas*. Isto se deve ao notar-se maior relevância das matérias apresentadas junto às imagens, comunicadas majoritariamente na forma de textos, do que o próprio espaço representado nas imagens. Assim, realizou-se um levantamento do número total de imagens em cada categoria criada a fim de se comparar os anos do recorte estabelecido.



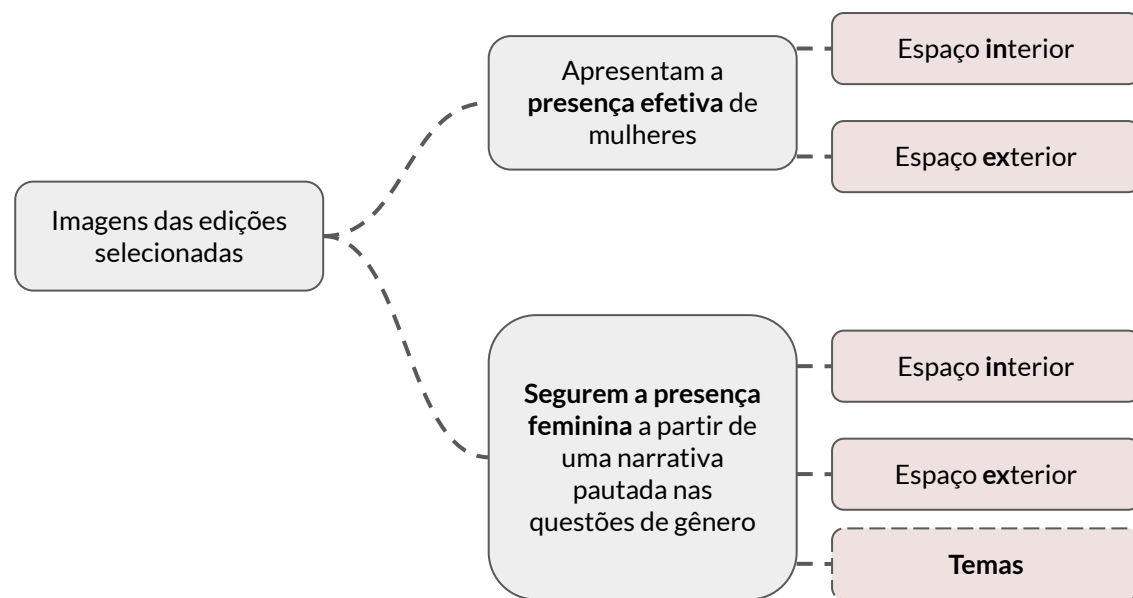


Figura 01 - Esquema indicando as categorias criadas para a análise das páginas das edições selecionadas dentro do recorte estabelecido. Fonte: Autoria própria.

Uma vez que parte das categorias criadas implica no acesso à questões subjetivas (culturais, sociais e contextuais) que contribuem na formação dos imaginários individuais, soube-se desde o princípio de que a análise realizada não é imparcial. A falsa neutralidade e universalidade diante da transmissão de conhecimento, especialmente quando este diz respeito a questões de “sexo” e “gênero” é um tema abordado por Zaida Martínez, em seu livro “Mujeres, Casas y Ciudades - Más allá del umbral” (2018). Escreve sobre como os papéis e as habilidades de gênero são imposições baseadas na suposta dualidade do sexo biológico do nascimento e sobre isso, afirma:

“Gerda Lerner [...] descreveu o gênero como ‘a definição cultural da conduta definida como apropriada aos sexos em uma sociedade dada em uma época dada.’ Gênero é uma série de papéis culturais. [...] Tudo isso quer dizer que o que conhecemos como ‘homem’ e o que conhecemos como ‘mulher’ não consiste em um conjunto de atributos, em um conjunto de objetos predominantemente naturais, senão que se trata em grande arte de construções culturais.” (MARTINEZ, 2018, p. 16)

A partir das análises geradas, foi desenvolvida a primeira parte da Revista DES.CASA, a ser apresentada exclusivamente no presente caderno. Baseada na metodologia de Paulo Tavares

mostrada na Revista Des-Habitat⁹, a DES.CASA - Parte I promove uma desincronia entre as imagens apresentadas – retiradas originalmente da Revista “A Casa” – e o texto apresentado ao lado. O escrito visou explicitar de maneira irônica, por meio de histórias construídas, as narrativas apresentadas e/ou incitadas pelas imagens da Casa. Narrativas tais que corroboram para a consolidação de um imaginário sexista e pautado no gênero, ou seja, que atribuem um espaço e/ou uma atividade a partir do gênero do indivíduo. Para a construção destes textos, foram utilizados autores literários relevantes, como Nelson Rodrigues, a fim de melhor retratar a classe média carioca e instigar de maneira mais assertiva o imaginário do leitor, contextualizado à época da veiculação das imagens. A apresentação desta primeira parte é feita de forma a remeter-se à diagramação e à textura do papel da revista original.

Na busca de relacionar as análises feitas na DES.CASA - Parte I e relacioná-las com imagens e temáticas contemporâneas, surgiu a DES.CASA - Parte II. Disponibilizada na plataforma Instagram, sob o usuário “@revista_des.casa”, a parte II da revista criada visa ampliar o debate sobre a influência da arquitetura na construção do imaginário pautado na questão de gênero, costurando temáticas apresentadas na revista “A Casa” com questões contemporâneas. O benefício identificado na plataforma de veiculação diz respeito a assincronicidade das postagens, permitindo uma maior liberdade criativa. Apesar de existir um *feed* (mural), onde há referência a data de postagem, a leitura da plataforma não se faz de forma contínua ou cronológica. Expressões antecedidas por hashtags (#) e que criam verdadeiros movimentos no Instagram, evidenciam essa estrutura, como é o caso da “#tbt” (*throwback thursday*¹⁰).



9. Na Revista Des-Habitat, Paulo Tavares promove uma profunda análise crítica a respeito das comparações estabelecidas na Revista Habitat, veiculada de 1950 a 1965, especialmente entre a arte indígena brasileira e a arte européia. Para isso, apresenta imagens trazidas na Habitat junto a textos que surpreendem a expectativa do leitor.

10. O movimento “#throwbackthursday” (quinta feira do retorno) é conhecido pelo ação de pessoas postarem fotos antigas e/ou de momentos especiais, com a o escrito “#tbt”. A postagem é feita às quintas feiras.

2.2. Linha do Tempo - Revista “A Casa” ao longo dos anos a partir da leitura de seus editoriais

A linha do tempo que exhibe as transformações das linhas editoriais, reflexos das mudanças do corpo editorial (figura 09, p. 32), foi subdividida em três grupos, o de proprietários, o de editores e o de fatos históricos. A partir da identificação de informações semelhantes, agrupou-se três momentos: I) outubro de 1923 a maio de 1924; II) novembro de 1924 a maio/dezembro de 1941; e III) junho de 1943 a dezembro de 1952.

O **primeiro momento** da revista (out. 1923 a mai. de 1924), sob o comando de Ricardo Wriedt, durou apenas as 6 primeiras edições. Na edição de número 001, na *página de apresentação*¹¹ junto ao nome da revista, nome do editor e a indicação de periodicidade, é mostrada uma Carta de Apresentação. A carta, transcrita abaixo, tem como título “Duas Palavras”, é assinada pela “Redação” e transcreve muitos dos objetivos principais da revista naquele momento.

DUAS PALAVRAS

A fim de suprir uma necessidade, que desde muito tempo vem fazendo-se sentir, entregamos hoje ao público uma nova revista >A CASA<, a qual, pelo seu programma, deverá encontrar inumeros amigos, entre os 13 profissionaes de Architectura e Construcção, assim como interessará aos, que pretendem futuramente construir ou mandar construir o seu lar.

Tendo o Brasil um estylo architectonico, que se pode denominar de proprio, adaptado ás necessidades do clima e da vida, faltava-lhe ainda uma obra ou revista, que servisse de guia ou instrutor, quando trata-se da escolha de uma planta ou exterior como do interior para uma moradia ou edificio, pois todos os trabalhos, que podem ser consultados neste sentido, procedem do estrangeiro.

Como acima citamos, nos resolvemos suprir esta falta e assim entregamos á circulaçãõ a >A CASA<, esperando que a mesma tenha de parte dos leitores a mais satisfatória acceitaçãõ e que cada um encontre nella o, que desde muito tempo vem procurando: um guia exacto do estylo decorativo externa e interna de sua casa.

Interessamos-nos especialmente pelo typo de construcção pequena, afim de facilitar aos menos abastados a escolha e organizaçãõ do seu futuro lar.

Os modelos que publicamos em nossa revista, deverão servir do mesmo modo aos profissionaes, como aos leigos n'esta seductora arte, que é a Architectura.

De maneira que estamos certos com o bom agrado, que a presente revista fará no seio do publico brasileiro. A Redacção. (Edição da Revista “A Casa”, do ano de 1923, N° 001, p. 6)

Ricardo Wriedt apresenta a revista “A Casa” como uma revista de arquitetura. Expressa a vontade de atingir um público mais amplo do que os profissionais da área, agregando a ele leigos que pudessem se interessar pelos temas apresentados.

No momento da criação da revista, o Rio de Janeiro, então capital federal, vinha sofrendo transformações urbanas significativas desde o início dos anos de 1900. No ano de 1922, um ano antes do lançamento da revista “A Casa”, a retirada do Morro do Castelo possibilitou a abertura de vias para

11. Entendendo como “*página de apresentação*” a página onde são apresentadas as informações referentes ao corpo editorial e/ou técnico.

melhorar a circulação no centro e favorecer a conexão de áreas recentemente urbanizadas, como Leblon, Ipanema e Copacabana. Segundo o Censo de 1930, a cidade possuía mais de 1 milhão de habitantes naquele momento e vinha despertando o interesse de investidores imobiliários. Nesse momento do avanço da expansão imobiliária na cidade, talvez fosse interessante expandir a discussão da urbanização e novas perspectivas de moradias para um maior número de leitores que teriam na revista “A Casa” um periódico informativo.

Em novembro de 1924, acontece a primeira mudança na direção da revista, Alberto Brandão de Segadas Vianna e J. Cordeiro de Azeredo assumem a propriedade da revista sob a firma “Segadas & Cordeiro LTDA”, gestão que perdurou até agosto de 1926. Segadas Vianna¹² e Cordeiro de Azeredo são apresentados inicialmente como diretores na primeira edição que coordenam – a de número 007 – mas já na edição seguinte assumem os cargos de redator e gerente, respectivamente. Em abril de 1925, Bráz Jordão ingressa no corpo editorial, permanecendo durante 11 anos, alternando entre as funções de gerente, secretário e redator. Esses foram os três personagens principais que marcaram o **segundo momento** (nov. de 1924 a dez. 1941) identificado na linha do tempo do editorial da revista “A Casa”.

Cordeiro de Azeredo e Bráz Jordão compuseram a dupla mais representativa deste período da revista por compor um corpo editorial que demonstrou constantes esforços para promover o debate sobre a arquitetura moderna, a partir dos artigos e projetos selecionados. J. Cordeiro era arquiteto, tinha seu próprio escritório e a grande maioria dos projetos apresentados em “A Casa” naquele momento eram de sua autoria. Bráz Jordão, por sua vez, era engenheiro e geógrafo, mas atuava também como arquiteto e são dele vários dos artigos apresentados na revista neste período. Os artigos abordam sempre temas e problemáticas contemporâneas à época referentes ao campo da arquitetura e adjacentes, como por exemplo o uso do concreto armado nas construções como um partido (NERY, 2013).

Dezembro de 1926 marca a data da primeira edição lançada após a saída de J. Cordeiro de Azeredo e, cuja propriedade da revista passa a ser vinculada ao nome de “M. Segadas Vianna”. O restante do corpo editorial manteve-se o mesmo, composto por A. Segadas Vianna e Bráz Jordão, ambos na posição de redatores.

12. Segadas Vianna, engenheiro, além de ser proprietário e redator da revista, era funcionário do Banco do Brasil. Então, acredita-se que a contribuição de Vianna, principalmente junto ao editorial, era menor quando comparada a de J. Cordeiro e, com a entrada de Bráz Jordão, imagina-se que essa contribuição reduziu-se ainda mais. O nome “A. Segadas Vianna” apareceu pela última vez em dezembro de 1926, na publicação de número 032, única edição em que a revista esteve sob a propriedade de Maurício Segadas Vianna, irmão de Alberto. Assim como seu irmão, Maurício possuía outro emprego não vinculado à revista “A Casa” ou ao campo da arquitetura. Ele fazia parte do Corpo de Médicos do Instituto dos Industriários, o que nos leva a crer que quem assumiu a propriedade da revista verdadeiramente neste momento foi, de fato, Alberto.

Em janeiro de 1931, a revista “A Casa”, sob propriedade de “M. L. Jordão e Cia” e a redação sob os nomes de Bráz Jordão e J. Cordeiro de Azeredo (que acaba de retornar ao corpo editorial) faz seu primeiro direcionamento de conteúdo ao público feminino. Especula-se que essa condução deu-se porque, tratando-se do ambiente doméstico e da classe média, o poder de compra referente a este é atribuído à mulher. Conforme explicado por Marinês Santos (2009):

Vale ressaltar que, tradicionalmente, os significados dos conceitos ‘doméstico’ e ‘consumo’ são definidos em oposição à concepção de esfera pública e à noção de atividade produtiva, vistas como masculinas por excelência. (p. 259)

Dois anos antes dessa mudança no padrão editorial, em 1929, estoura nos Estados Unidos a maior crise do capitalismo financeiro do séc. XX, a “Grande Depressão”. A repercussão no Brasil foi drástica, tomando proporções não só financeiras como também políticas. A produção cafeeira paulista, que movimentava grande parte da economia do país e dependia da estabilidade da economia internacional, teve sua arrecadação comprometida, impactando a economia brasileira. O café determinava não só a economia de exportação, mas também o modelo político das oligarquias que regiam o país, a política do “café com leite”. O processo de reestruturação político-econômica, desencadeado pela queda da bolsa de Nova Iorque, resultou na Revolução de 1930 do Brasil, culminando na ascensão de Getúlio Vargas ao poder a partir da Aliança Liberal (LB)¹³, no qual permaneceu durante 15 anos sob um regime ditatorial, com interrupção somente entre os anos de 1934 e 1937.

Uma hipótese que se faz é que por estarem enfrentando um momento de crise econômica no país, a estratégia de sobrevivência do periódico foi a de acrescentar, ampliando o conteúdo ali veiculado para outro nicho, a arquitetura de interiores. Neste momento, projetos e artigos como os veiculados anteriormente continuaram a ser apresentados, e o que ocorreu foi um **acréscimo** de temas que poderiam interessar mais diretamente o público feminino, bem como a redução do preço do periódico. Ao contrário de limitar o público alvo da revista às mulheres, o corpo de editores visou ampliar a diversidade de público e interesses dos leitores do periódico.

13. A tensão política deste período se iniciou com a nomeação de Júlio Prestes como sucessor à presidência pelo então presidente Washington Luís, contrariando o acordo vigente da política do “café com leite”, indica o paulista Júlio Prestes como seu sucessor. A tensão política então é travada a partir da formação de uma nova frente composta por representantes dos estados do Rio Grande do Sul, Pernambuco, Paraíba e Rio de Janeiro. Lançaram-se sob o nome de Aliança Liberal (AL), indicando Getúlio Vargas ao cargo da presidência e João Pessoa ao da vice-presidência. Com a derrota nas urnas, a AL une-se aos militares de baixa patente buscando uma resposta revolucionária que tem como gatilho a morte de João Pessoa. Vargas assume assim, o poder.

O direcionamento feito foi explicitado em uma carta encontrada na *página de apresentação*, transcrita abaixo:

NOVO PROGRAMMA

Mudança de proprietário quasi sempre significa mudança de hábitos numa casa. É o que está acontecendo com a revista que, em virtude de ter passado às mãos de outra firma, resolveu adoptar novo programma. Comquanto continue a apresentar projectos, photographias de casas e accessorios decorativos de moradias, a nova Direcção julga necessario ampliar o seu campo de acção no sentido de tornal-a mais attrahente não só aos leitores, mas, principalmente, às leitoras. Para esse fim já estão sendo organizadas para o próximo numero algumas secções especiaes, dentre as quaes destacamos: artistica, literaria, scientifica, social, feminina, infantil e humoristica.

Será, finalmente, uma revista dedicada ao lar e, como tal, accesivel a todas as bolsas. Assim sendo, a Direcção, não medindo sacrificios, resolveu baixar o preço de cada exemplar para 1\$000 e o das assignaturas annuaes para 10\$, a partir do presente número inclusive.

Mudando a feição da revista, vimos attender a innumeras sugestões que nos vinham sendo feitas principalmente por gentis leitoras. Vindo portanto, ao encontro dessas solicitações, a nova Direcção aceita com prazer qualquer idéa nova ou reparo que lhe quizerem fazer.¹⁴

Entre janeiro de 1931 e junho de 1937, período em que “M. L. Jordão e Cia” esteve sob a propriedade da revista “A Casa”, três revistas tiveram **os números de suas edições conjugados**. Melhor dizendo, uma única revista correspondeu a dois números de edições diferentes (anexo 01, p. 140). Acontecimentos como este vão se intensificar pelo restante dos anos correspondentes ao “momento II” da linha do tempo, o que parece indicar uma instabilidade financeira do periódico.



14. Edição da Revista “A Casa”, do ano de 1931, Nº 080, p. 3. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=690422&pagfis=3708>>. Acesso em: 23 de nov. de 2021.

Na edição de número 158/159, correspondente aos meses de julho e agosto de 1937, o nome do proprietário da revista deixou de ser mostrado e não houve nenhuma carta de introdução a um novo proprietário. Como nesse momento, Bráz Jordão deixou o corpo editorial, imaginou-se que o proprietário anterior, H. Vaz Correa, engenheiro civil, deva ter assumido a direção e depois a redação da revista. Até o final de 1941, inúmeros profissionais compuseram o corpo editorial da revista “A Casa”, porém, somente a arquiteta Francisca Franco da Rocha, o engenheiro civil João Ortiz e R. Gentil Saez foram citados. Francisca da Rocha foi a primeira mulher a integrar o corpo editorial da revista, em novembro de 1938. Mas foi somente em fevereiro de 1939 que seu nome aparece junto a um artigo intitulado “Impressões sobre a arquitetura de Berlim” (figura 02, p. 24), único artigo publicado de sua autoria. Além de Francisca, outras duas mulheres integraram a revista “A Casa”, foram elas: Georgina de Albuquerque (pintora) e Giuseppina Pirro. Nenhuma das duas teve alguma participação para além da edição da revista.

J. Cordeiro de Azeredo, que havia retornado ao corpo editorial em janeiro de 1931 como redator, passou pelo cargo de diretor para finalmente tornar-se, em julho de 1938, diretor-proprietário, cargo no qual permaneceu até dezembro de 1941.

Apesar de alguns nomes se repetirem frequentemente ao longo dos 11 anos que compõem o “momento II” da linha do tempo, é importante destacar as constantes mudanças de cargo atribuídos a esses nomes e, também, a possibilidade de existência de um corpo editorial maior do que o apresentado nas revistas. Essa dinâmica, junto a(o): I) Revolução de 1930; II) surgimento de novos periódicos importantes, como a “Revista de Arquitetura”, em 1934, a “Revista de Arquitetura e Urbanismo”, em 1936, e revista “Acrópole”, em 1938; e III) reforma da Escola Nacional de Belas Artes (ENBA) teve reflexos tanto no conteúdo, como também, na estética apresentada no periódico. Este *segundo momento* foi marcado por experimentações visíveis nas capas e sumários de suas edições.

Em junho de 1943, o grupo “O Construtor S.A.” assumiu a propriedade da revista “A Casa”. Nesse momento, o periódico tinha apresentado, desde 1934, um total de 16 exemplares conjugados, o que indica problemas na produção, como escassez de conteúdo, considerando que o periódico era mensal. Além dos fatos históricos anteriormente referidos, a eclosão da 2ª Guerra Mundial (2GM) em 1939, certamente contribuiu para o agravamento dos problemas na revista. A mudança da revista para as mãos de um grupo editorial e não mais um grupo familiar ligada ao campo da arquitetura, traz algumas hipóteses para esse movimento. A primeira, e mais óbvia, é a necessidade de aporte financeiro para a sobrevivência da revista. A segunda hipótese não tão evidente relaciona-se aos rumos da revista. Por um lado, pode-se pensar que, como concorrente, o grupo “O Construtor” estaria interessado em ampliar os nichos de alcance de suas revistas, investido no mercado consumidor feminino, principalmente pela última guinada que a revista teve.

Apesar de ter ingressado no corpo editorial da revista “A Casa” na edição de número 174/175, foi somente na edição de número 177 que a arquiteta Francisca Franco da Rocha publicou um artigo. O texto, que ocupou duas das sessenta páginas da revista, discorria sobre a arquitetura alemã, especificamente a de Berlim, explicitando a opinião da arquiteta a respeito das construções — assunto pouco específico ao público feminino.

As outras duas integrantes mulheres do editorial da revista “A Casa” não tiveram nenhuma publicação em seu nome, o que mostra a pouca visibilidade feminina na revista, mesmo depois do primeiro direcionamento às mulheres, em 1931.

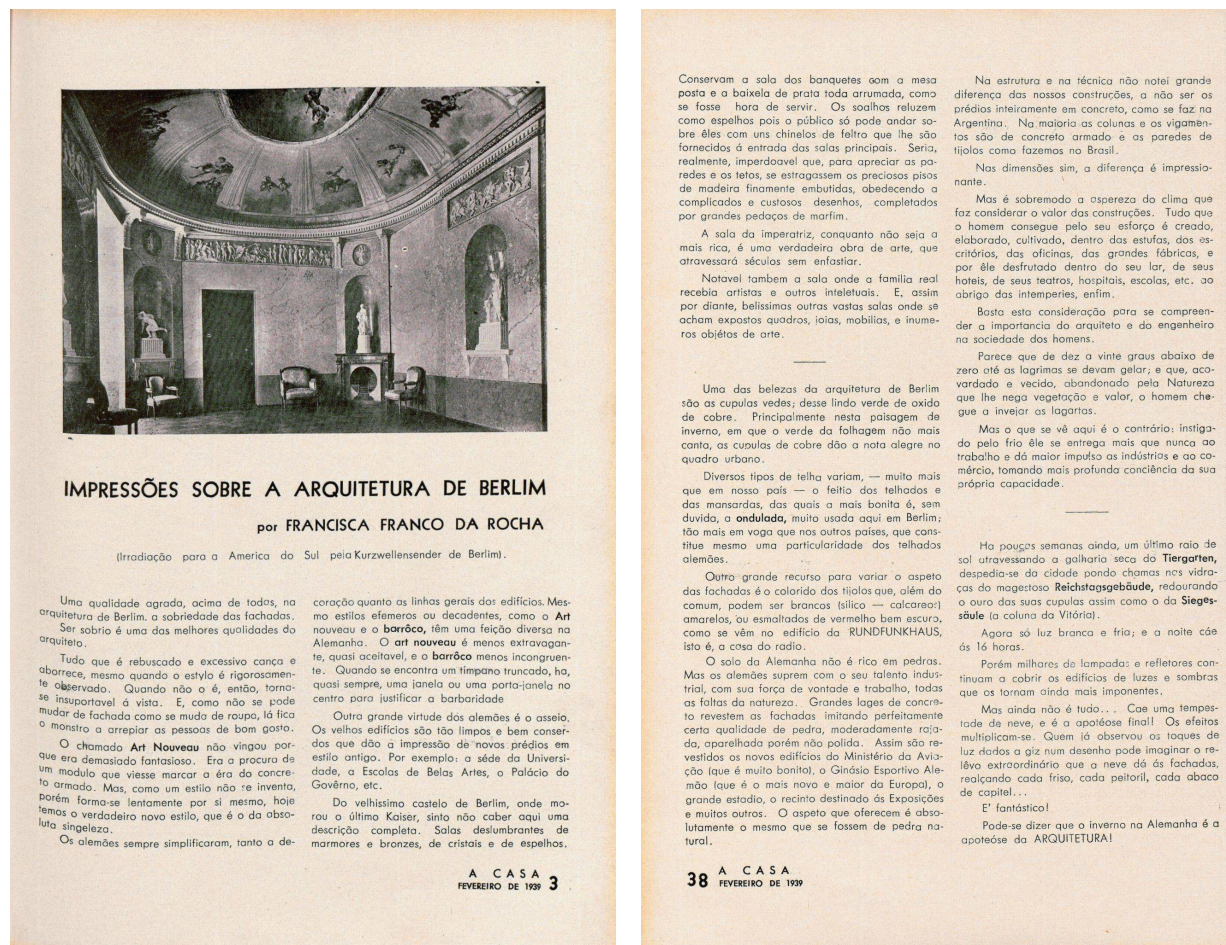


Figura 02 - Artigo intitulado “Impressões sobre a arquitetura de Berlim”, por Francisca Franco da Rocha. Fonte: Revista “A Casa”, n. 177, p. 39 e 40, fev., 1939.

Importante observar que esse momento, de novo investimento na revista, coincida com a 2ª Guerra Mundial. Embora o Brasil não tenha participado ativamente da guerra, os impactos políticos e, principalmente econômicos, que reverberam de um evento de tamanha dimensão, foram suficientes para afetar a estrutura econômica do país.

Sob nova propriedade, assume como diretor-responsável da revista "A Casa", o Dr. Manoel Couto Duarte. E logo em agosto de 1944, começaram a surgir novos nomes que comporão o conselho técnico até junho de 1945, nomes estes apresentados junto ao sumário.

Em 1945, além dos marcos do final da 2GM e da criação da Faculdade Nacional de Arquitetura (FNA), os meses de setembro e outubro determinam um marco também na trajetória da revista "A Casa". A revista, agora sob a gestão de um grupo empresarial de editora, nos números 256 e 257, correspondentes aos referidos meses, sob nova direção, sofre uma mudança drástica direcionada ao público feminino, evidenciada pela presença inusitada de uma figura feminina na capa. Na página do sumário, faz-se referência a esta nova capa, associando a figura feminina a um ambiente da casa, nesse caso específico, a varanda. O pequeno texto também expõe a compreensão de que a mulher tem um dom natural para a arte, podendo fazer, sem esforço nenhum, "pequenos nada", arranjos que tornam os ambientes encantadores. Isso se deve ao fato destas palavras estabelecerem uma relação – velada ou não – da mulher com adjetivos que a afastam do real e portanto, do técnico, do atingível. Essa relação estabelecida, bem como o próprio direcionamento do texto, também revelam o apelo explícito às mulheres neste novo momento da revista.



Figura 03 - Capas da Revista "A Casa" das edições 009, 069 e 128, referentes aos meses de janeiro dos anos 1925, 1930 e 1935. Fonte: Revista "A Casa", n. 9; 69 e 128;., capa, jan., 1925; 1930 e 1935.

NOSSA CAPA

Leve, sugestiva e original, a nossa capa revelando a nova orientação adotada pela "A CASA", representa uma varanda improvisada numa pequena residência de fim de semana, em **perfeita harmonia** com o ambiente. O espírito que presidiu a esta composição **não foi a técnica** propriamente dita da realização de uma varanda, mas o desejo **puro** e simples de indicar qualquer **coisa sutil** que escapa aos que dedicam exclusivamente ao trabalho profissional. A **mão feminina**, com a **arte que lhe é peculiar** sobrepuja essas dificuldades e cria **arranjos encantadores** que se casam magnificamente com o conjunto. São pequenos nada que tornam os ambientes alegres e confortáveis, sem necessidade, muitas vezes, de recorrer a custosas instalações.

O bom senso e o **dom** artístico de muitas pessoas é capaz de improvisar esplendidas criações do mais extraordinário efeito. A casa deste número salienta essa faculdade de improvisação que é necessário desenvolver em nosso meio. (Edição da Revista "A Casa", do ano de 1945, N° 256, 257, p. 12)

A utilização de substantivos e adjetivos como, "perfeita harmonia", "coisa sutil", "mão feminina", "arranjos encantadores", etc, é comumente associada ao universo feminino, como refere-se a matéria no jornal "El País" de 2019. Esta matéria apresenta um estudo feito pela Universidade de Copenhague que desenvolveu um algoritmo para buscar um padrão na correlação entre os gêneros e adjetivos atribuídos a cada um deles.

A análise conclui que as mulheres recebem apenas qualificativos relacionados ao seu físico, enquanto para os homens as referências se concentram principalmente em sua força e personalidade. Os atributos negativos relacionados ao físico e à aparência nestas obras são observados até cinco vezes mais nas mulheres do que nos homens. (Artigo "Nos livros, elas são 'lindas' e 'encantadoras'. Eles, 'corajosos' e 'racionais' - El País, 2019)



Figura 04 - Capas da Revista "A Casa" das edições 188 e 256/257, referentes aos meses de janeiro e setembro/outubro dos anos 1940 e 1945, respectivamente. Fonte: Revista "A Casa", n. 188 e 256/257, capa, jan. 1940, set./out. 1945.

Ao analisar as capas dos anos de 1925, 1930, 1935, 1940 e finalmente, 1945, é possível perceber que a revista "A Casa" adotou diferentes identidades visuais ao longo dos anos de sua veiculação. No entanto, todas elas, com exceção da última, compartilham de um mesmo tema central: projeto de arquitetura. Ainda que apresentados de formas distintas, o que aparece em evidência são as casas apresentadas. Porém, na edição de número 256/257, o centro da capa é preenchido pela figura feminina e a casa aparece como cenário. O foco claramente muda e o objetivo principal torna-se o da construção de narrativas.

O estudo mostra-se importante ao desenvolver um sistema capaz de identificar e revelar novas áreas em que o sexismo faz-se presente – como no caso da revista “A Casa”, por exemplo, inserida no campo da arquitetura.

A organização interna desta edição também diferencia-se do padrão antigo. Antes do sumário passa a existir uma página com uma declaração intitulada “A casa, revista do lar - não deve faltar em sua residência”. Nela, explicitam o motivo pelo qual a revista “A Casa” não deve faltar na *casa das mulheres* e, também, o público alvo da revista naquele momento, o público feminino.

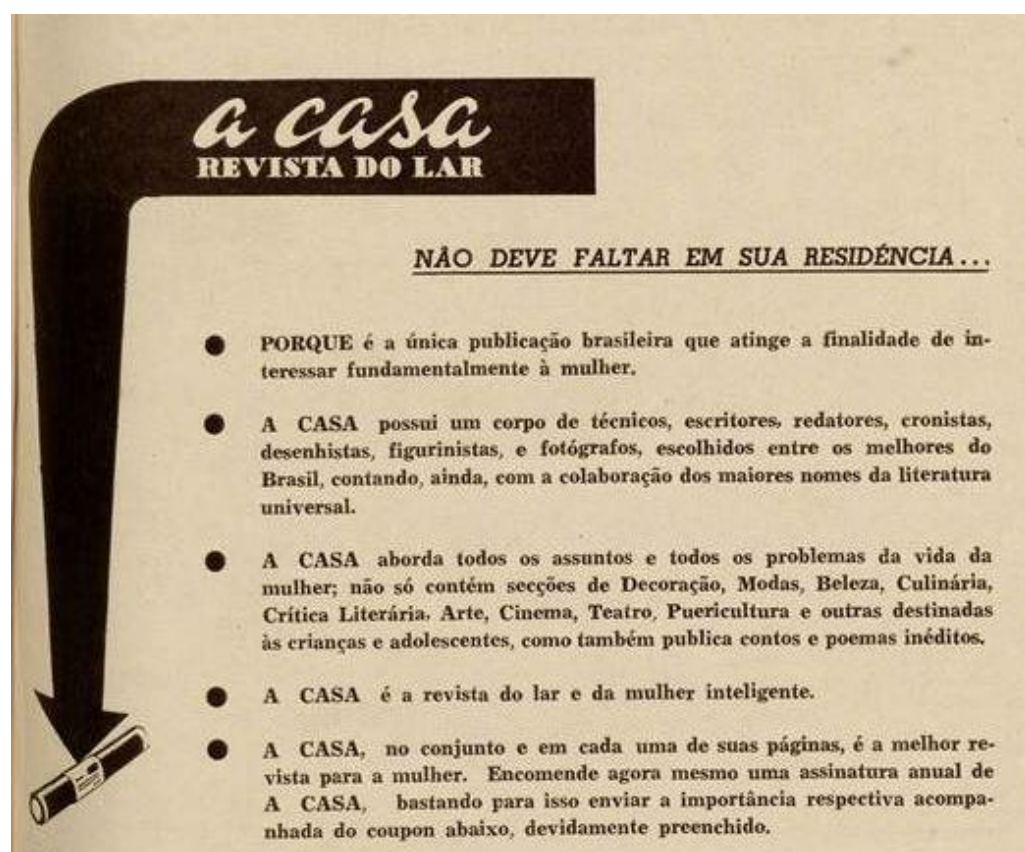


Figura 05 - Declaração intitulada "A casa, revista do lar - não deve faltar em sua residência". Fonte: Revista "A Casa", n. 256/257, p. 11, set/out., 1945.

Ao categorizar a revista “A Casa” como a revista do *lar* e justificar como primeiro motivo do porque ela não deve faltar em uma residência o fato de ser a única publicação brasileira de interesse fundamentalmente feminino, podemos ver de forma explícita a vinculação da mulher ao espaço doméstico por parte do periódico em questão. A ideia de que assuntos de interesse feminino necessariamente perpassa por assuntos domésticos corrobora para a perpetuação do imaginário pautado no gênero, que atribui a casa como o espaço destinado às mulheres.

De 1945 até 1950, o corpo editorial da revista foi coordenado pelo Dr. Manoel Couto Duarte, com adesão periódica de alguns outros membros, como Luiz Fraga, Darcy Saba, Rolanda Moreau, Flávio Porto e Prof. M. Vieira de Andrade. Em julho de 1951, Alberto Dourado Lopes assume o cargo de diretor-responsável, permanecendo nele até o final da revista, junto a Luiz Fraga, como supervisor político-social e posteriormente diretor-secretário, e Darcy Saba, como diretor-gerente.

O novo direcionamento feito no periódico permanecerá até o término de sua veiculação, em 1952. É importante destacar que a editora “O Construtor S.A.” era proprietária também de outras revistas direcionadas ao campo da arquitetura e da construção, a “Revista de Arquitetura” e a revista “Concreto”. A Primeira delas tinha por objetivo abordar temas referentes às áreas da Teoria da Arquitetura, Arquitetura no Brasil, Arquitetura no estrangeiro, Tecnologia, Decoração e Didática. Já a revista “Concreto” era especializada em técnica das construções em concreto armado. Supõe-se que isso possibilitou que ela aumentasse o público leitor, orientando os periódicos e seus públicos específicos, num claro movimento de especialização de temas.



Figura 06 - Anúncio das Revistas de Arquitetura e Concreto, também propriedades da Editora “O Construtor”. Fonte: Revista "A Casa", n.236, p. 6, jan., 1944.

Apesar de tratar-se de um momento contextualizado mundialmente como pós-guerra, a *criatividade pós-destruição* não tinha atingido o Brasil uma vez que este não lutou na guerra, não sofrendo assim, de sua destruição física. Então, ao mesmo tempo em que ideias revolucionárias¹⁵ efervesciam nos EUA com relação ao posicionamento da mulher na sociedade – a partir da necessidade que tiveram de assumir postos de trabalhos antes designados aos homens durante a guerra –, os costumes sociais brasileiros permaneciam conservadores. A revista “A Casa” não só continuou, como intensificou, a caracterização da mulher que permanecia no lar, demonstrando um certo descompasso em relação às ideias revolucionárias estadunidenses.



As imagens ao lado evidenciam como o conteúdo veiculado pela revista “A Casa” a partir do ano de 1945 contribuiu para a vinculação da figura feminina ao espaço doméstico. Na primeira imagem, ainda que se trate do anúncio de um hotel — produto que não tinha as mulheres como público alvo à época — a partir do momento que vende-se a ideia de um “HOTEL - RESIDÊNCIA” e o relaciona com o lar, a figura feminina é inserida. A mulher é representada justamente como deveria se portar em seu lar: cuidando das crianças enquanto o homem descansa. Já na segunda imagem, a palavra LAR aparece junto a um dos principais ambientes considerados “naturais” da função feminina no lar: a sala de jantar. Isso porque é na sala de jantar onde se promove tanto momentos de família quanto eventos sociais.

Figura 07 - Recorte da Revista "A Casa" de fevereiro de 1950. Fonte: Revista "A Casa", n. 306, p. 76, fev., 1950.

Figura 08 - Recorte da Revista "A Casa" de março de 1950. Fonte: Revista "A Casa", n. 307, p. 59, mar., 1945.

15. O famoso cartaz com o slogan “YES, WE CAN DO IT”, criado por J. Howard Miller para a fábrica Westinghouse Electric Corporation e hoje um dos principais símbolos imagéticos do feminismo, foi produzido justamente no contexto da 2ª GM, com o objetivo de incentivar as mulheres trabalhadoras durante a guerra. É importante ressaltar que o feminismo aqui referido é o feminismo branco. De acordo com Mercedes Jabardo Velasco (2012), o feminismo negro estadunidense surge justamente da tensão dos movimentos do abolicionismo e do sufrágio, este último liderado pelo feminismo branco de origem burguesa, no final do século XIX e início do século XX.

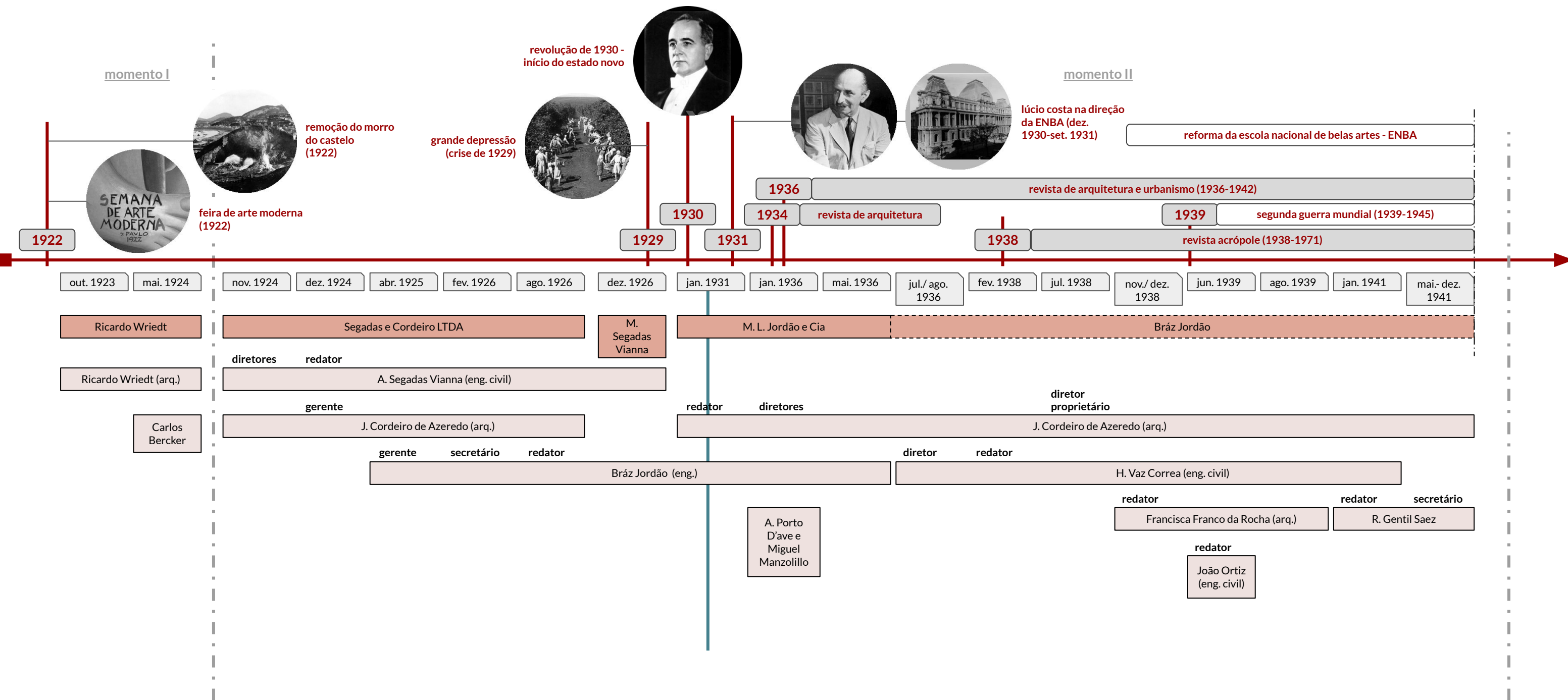


Figura 09 - Linha do tempo. Fonte: Produção própria.

momento III

reforma da escola nacional de belas artes - ENBA



criação da faculdade nacional de arquitetura - FNA (1945)

segunda guerra mundial (1939-1945)

1945

revista acrópole (1938-1971)

jun. 1943 ago. 1944 jan. 1945 jun. 1945 set./out. 1945 set. 1946 ago. 1948 set. 1948 set. 1949 out. 1949 mar. 1950 jun. 1950 jun. 1951 jul. 1951 mar. 1952 dez. 1952

Editora "O Construtor S.A."

Editora "O Construtor S.A."

diretor responsável

Dr. Manoel Couto Duarte

diretor responsável

Alberto Dourado Lopes

conselho técnico

Prof. Alfredo Galvão

Angelo Bruhns

Benjamin da Cunha

E. P. Sigaud

Prof. Georgina de Albuquerque

Giuseppina Pirro

Moacyr Fraga

Rafael Galvão

S. Batalha

diretor secretário

Luiz Fraga

superv. político-social

diretor secretário

diretor gerente

Darcy Saba

ass. comercial

Rolanda Moreau

ass. social

Flavio Porto

ass. social sp

Prof. M. Vieira de Andrade

LEGENDA

RESTANTE DOS ACONTECIMENTOS HISTÓRICOS

PERIÓDICOS DE ARQUITETURA

EDIÇÃO

PROPRIETÁRIO - coletado

PROPRIETÁRIO - deduzido

DIRETOR | REDATOR | GERENTE

- direcionamento explícito ao público feminino

- divisão dos momentos

2.2.1. Revista “A Casa”: revista ou manual?

A revista “A Casa”, até o ano de 1943, tinha uma preocupação com a arquitetura, enquanto objeto construído, o projeto da casa, da moradia. Seus números apresentavam projetos, desenhos técnicos, plantas, fachadas, perspectivas, etc., além de artigos sobre novas construções, materiais e mobiliários insurgentes.

Ao longo de sua vida, alguns temas, como o da decoração, por exemplo, surgiram como possibilidade de diversificação dos tipos de leitores, mas nunca desvincular-se do grande tema: o de projetos de arquitetura. Será a partir de 1945, com sua aquisição pelo grupo editorial “O Construtor”, que a revista transforma-se em uma espécie de **Manual Feminino**, abandonando sua ideia original de apresentar projetos de arquitetura e assuntos relacionados a este tema.

A classificação de Manual Feminino traz consigo a ideia de uma produção de conteúdo com viés pedagógico referente ao comportamento feminino, a intenção “educativa”. Através de suas imagens e matérias, a revista expõe normas, condutas e regras de cuidado com a casa, ambiente entendido como espaço feminino.

A ideia de existir um manual para o cuidado com a casa não é nova. No livro *Sexuality and Space*, de Beatriz Colomina, Mark Wigley observa como Alberti, em seu livro *On the Art of Building in Ten Books*, do século XV, apresenta a casa como um mecanismo de domesticação. Alberti descreve o manual da casa a partir de um *tour* feito com as mulheres que estavam noivas, prestes a se casar, a fim de mostrar-lhes o lugar *natural* de cada objeto dentro da casa. Com esta prática, o espaço doméstico passava a ser um reprodutor da questão de gênero, atribuindo um espaço e um comportamento pautado no sexo (COLOMINA et al., 1992). O mesmo faz a revista “A Casa” a partir dos meses de setembro e outubro de 1945, quando acontece o maior e mais explícito direcionamento ao público feminino realizado.

2.3. Domesticidade e a questão de gênero

A fim de melhor entender os embasamentos que estruturam a produção da Revista DES.CASA, é importante ter em mente alguns conceitos e ideias estruturais para este desenvolvimento. O primeiro deles, que perpassa por todo o trabalho e, portanto, a Revista DES.CASA, é o conceito de domesticidade e suas transformações ao longo do tempo.

Segundo Hilde Heynen (2005), Walter Benjamin afirma que o espaço doméstico será separado pela primeira vez do espaço de trabalho, no início do século XIX, e será entendido como espaço privado e individual. O termo “domesticidade” pode ser entendido, então, como referente a um conjunto de ideias desenvolvidas como reação à divisão entre trabalho e casa. Antes de assumir o significado pautado nas questões de gênero, o conceito de domesticidade passou por alguns estágios.

Na Inglaterra, em um primeiro momento, a separação entre casa e trabalho se deu na camada social da burguesia. A casa passou a ser vista como uma espécie de refúgio, mas sem deixar de participar da vida masculina. Segundo John Tosh, foi somente no final do século XIX que os conceitos de domesticidade e o de masculinidade começaram a ser opostos (apud HEYNEN, 2005). Isso ocorreu devido a um aumento significativo do número de filhos que, criados por suas mães, passaram a ameaçar a reprodução do imaginário dos valores masculinos. Porém, a evolução do conceito de domesticidade mostrou diferentes repercussões em função de diferentes classes sociais. Diferentemente da burguesia, na camada operária, a participação da domesticidade na esfera masculina foi crescente.

Outro ponto importante a ser considerado é a diferenciação entre os termos “gênero” e “sexo”. Este dualismo foi criado em 1955, quando John Money, Joan Hampson e John Hampson introduziram na primeira vez literatura o esboço para definição de *gênero*. O termo foi definido como um conjunto de comportamentos, exercidos por mulheres ou homens, que era *aprendido* e, portanto, ensinado. Porém, foi somente em 1975, com Gayle Rubin, que a relação sexo/gênero foi estabelecida como um sistema político a partir do momento em que a autora identificou que homens e mulheres estavam submetidos a um sistema de poder que define condições diferentes para cada um, pautadas em seus sexos (MARTÍNEZ, 2018). Assumindo a mesma definição de Judith Butler (2003) sobre a dualidade *sexo-gênero*, assumimos: A) *sexo* como algo natural, estabelecido pela natureza, ou seja, referente ao físico; e B) *gênero* como produto da cultura no qual este sexo se insere, como “sexo natural” e que é estabelecido como “pré-discursivo”, ou seja, que é uma base neutra sobre a qual a cultura vai agir (apud SANTOS, 2011).

O entendimento dessa diferença de conceitos se faz de suma importância para o desenvolvimento do trabalho. Durante toda a veiculação do periódico “A Casa” (1923-1952), a definição do termo “gênero” não existia. Assim, toda a produção de texto e/ou imagem que caracterizava o discurso da revista era pautado no entendimento único de que sexo e gênero eram algo natural, ou seja, que era provindo da natureza. A partir do momento em que se constrói esta narrativa — não só pela “A Casa” mas por todos os meios de produção e/ou transmissão de cultura, conhecimento e comunicação — é construída também a ideia de que os conhecimentos passados são fixos e imutáveis (SANTOS, 2011). Assim, a construção e manipulação do imaginário feminino é naturalizada, comunicando códigos que muitas vezes não condizem com a realidade. O discurso pautado nos papéis de gênero — que atribui um espaço e uma função a partir da diferenciação dos gêneros masculino e feminino — consolida-se pela aceitação da estrutura patriarcal e hierárquica que, por sua vez, garante sua repetição e perpetuação por parentesco e desenvolve-se em dois cenários principais: a casa e a cidade (MARTÍNEZ, 2018).

Entender que a caracterização sobre gênero feminino ainda é construída pautada no imaginário que atribui à mulher o espaço doméstico, assumindo os papéis de esposa e mãe *perfeitas*, é de suma importância para o presente trabalho. O título da reportagem da revista *Veja* sobre Marcela Temer — *Bela, Recatada e do Lar* — sintetiza de forma assertiva a imagem desejada sobre as mulheres de classe média a partir da construção de elementos. No caso da ex-primeira-dama, sua aparência física foi um dos principais pontos de influência deste imaginário. Conforme seu nome ia ganhando destaque, foi possível perceber uma significativa mudança em seu vestuário a fim de atingir uma imagem que a caracterizasse como “bela”, sem vulgaridade.



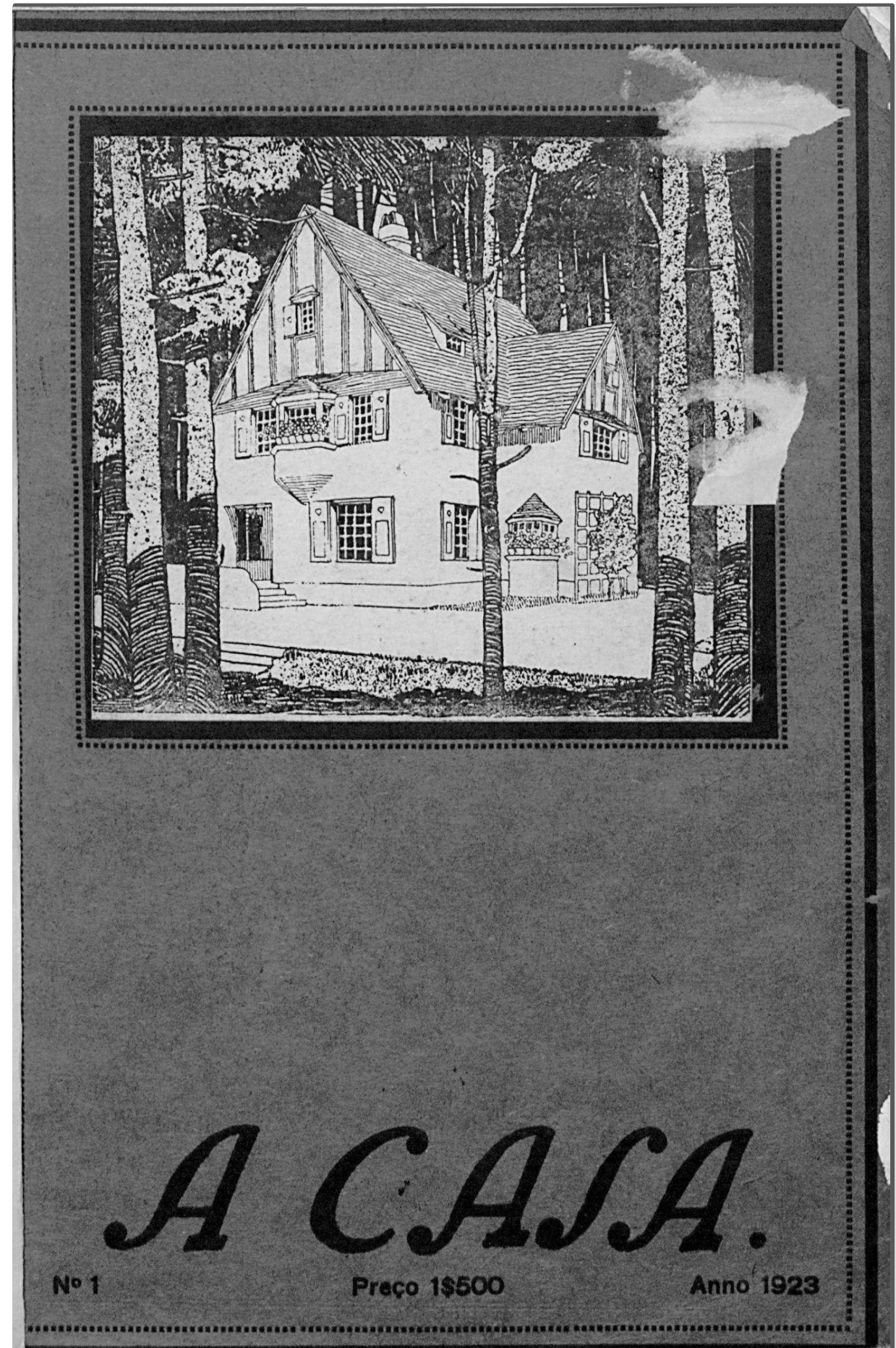
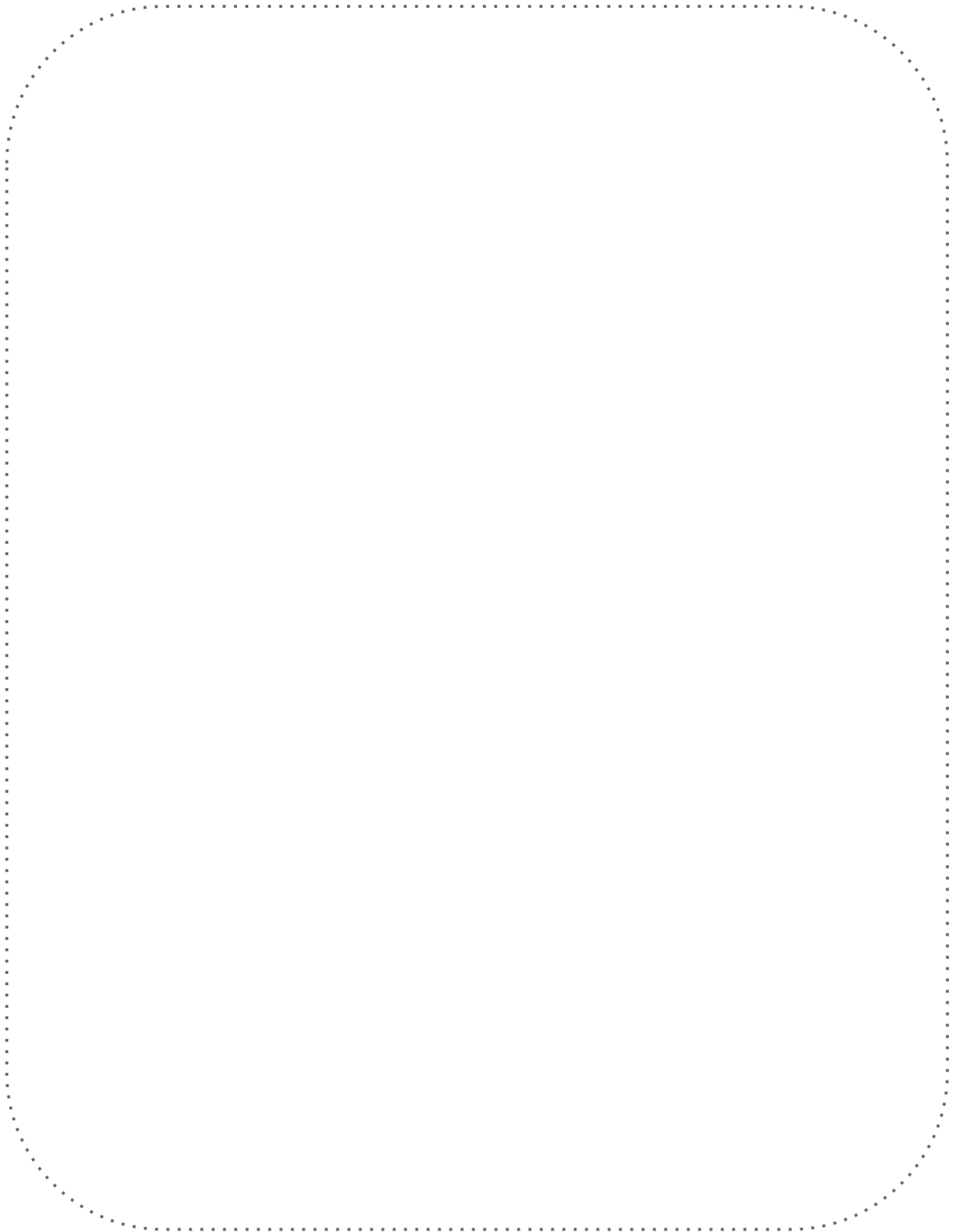
Figura 10 - Imagens de Marcela Temer: I) em um concurso de miss; II) na posse presidencial de Dilma Rousseff; III) no lançamento do programa Criança Feliz. Fonte: Isto é.

A reportagem do jornal “El País” (2019), intitulada “Nos livros, elas são ‘lindas’ e ‘encantadoras’. Eles, ‘corajosos’ e ‘racionais’”, confirma justamente a regularidade com que substantivos e adjetivos referentes a aparência são atribuídos às mulheres — em comparação aos utilizados em referência aos homens, que dizem respeito a sua personalidade. O estudo realizado pela Universidade de Copenhague, que desenvolveu um algoritmo para buscar um padrão na correlação entre os gêneros e adjetivos atribuídos a cada um deles, identificou também que os atributos negativos relacionados ao físico nos livros analisados são encontrados até cinco vezes mais ligados às mulheres.

Este último dado põe à prova a diferença entre a realidade e a imagem que é passada, ou seja, o imaginário que é construído — e de alguma forma, esperado. Sobre isso, Paulo Marins ilustra de forma clara esta diferença em seu artigo “Um sobrado como mediação: Ana Rosa de Araújo entre a reclusão e a vida social (São Paulo, Século XIX)”.

Ana Rosa foi uma rica senhora, divorciada, sem filhos, e também a última proprietária de um sobrado residencial na Rua da Imperatriz, atual Rua XV de Novembro. O sobrado tinha muxarabis nos quatro balcões voltados à rua, “elementos tradicionalmente tidos como uma das maiores evidências da submissão feminina ao ideal de recato” (MARINS, 2017, p. 59). Porém, ao analisar a documentação relativa à vida de Ana Rosa, Marins descobre que 90% do testamento da dona do sobrado era provindo, na verdade, de empréstimos feitos a grandes fazendeiros do café. Ana Rosa utilizou-se de sua herança, ínfima comparada à riqueza que gerou, para fazer parte do mundo dos negócios capitalistas. A mulher divorciada, sem filhos e de negócios, morava em uma das casas que representava o atraso arquitetônico da rua: a casa dos muxarabis. No entanto, era a apropriação do elemento arquitetônico que traduzia o recato necessário para cumprir socialmente a expectativa perante uma mulher divorciada à época que permitiu a atuação de Ana Rosa na vida pública. A realidade ambígua: existe o que a casa de Ana Rosa indica como vida social, lugar da mulher – recatada e reclusa e existe a vida social que realmente acontece ali dentro, a mais próxima da esfera pública, de negócios (ironicamente protegida pelo elemento de submissão feminina, o muxarabi). A partir da história de Ana Rosa, fica claro o uso de códigos sociais que se rebatem nos elementos arquitetônicos e como estes ajudam a construir imaginários sociais.

2.4. Revista DES.CASA - Parte I



MANUAL - COMO LER A DES.CASA

A revista DES.CASA é fruto das análises feitas da revista "A Casa" referentes ao recorte pré estabelecidos – a saber: Bloco 1, 1923/24, Bloco 2, 1931 e Bloco 3, 1945 e tem por objetivo promover a reflexão sobre a importância da arquitetura na construção dos imaginários pautados no gênero. A seguir serão apresentadas as análises textuais realizadas nas imagens selecionadas dos três blocos.

Para a seleção das páginas a serem analisadas, examinou-se principalmente os elementos não-textuais buscando verificar a associação do gênero feminino com o ambiente doméstico, especialmente o interior da casa e seus objetos. Assim, criou-se quatro categorias: I) Aparição de Mulheres em Ambientes Internos; II) Aparição de Mulheres em Ambientes Externos; III) Sugestão da Aparição de Mulheres em Ambientes Internos; e IV) Sugestão da Aparição de Mulheres em Ambientes Externos. Posteriormente, durante a análise do Bloco 3, criou-se uma quinta categoria que relaciona a sugestão da aparição da imagem feminina, não mais com o espaço e sim, com determinados temas. Gerou-se uma simbologia para facilitar a identificação da classificação estabelecida neste trabalho.

Durante a leitura da revista DES.CASA - Parte I serão encontrados textos de duas cores. Os textos em vermelho são referentes às críticas feitas a respeito da imagem indicada. Já os em preto são referentes a informações adicionais às análises, como notas e comentários com caráter mais técnicos. As análises foram construídas na intenção de explicitar as possíveis narrativas apresentadas pelas imagens. Narrativas tais que corroboram para a consolidação de um imaginário sexista e pautado no gênero, ou seja, que atribuem um espaço e/ou uma atividade a partir do gênero do indivíduo. Por isso, alguns dos textos apresentados são vistos de forma fragmentada devido ao interesse de sinalizar os elementos da imagem que contribuem fortemente para a construção da narrativa apresentada.

As narrativas apresentadas foram baseadas nas crônicas de Nelson Rodrigues a fim de melhor retratar a classe média brasileira, especialmente a carioca, e instigar de maneira mais assertiva o imaginário do leitor – contextualizado à época da veiculação das imagens. A diagramação e a textura de papel aplicadas a primeira parte da DES.CASA visam remeter-se à revista original.

LEGENDA

Todas as páginas que apresentarem as barras laterais em tons de rosa ou verde indicados nesta página representam a legenda indicada ao lado. Esta marcação foi feita a fim de possibilitar a contabilização das páginas de acordo com as devidas categorias e, por fim, gerar gráficos contendo resultados comparativos entre os três blocos dentro do recorte de análise.

Em nenhuma Casa de Família

deve faltar um vidro da preciosa "4711" que, em casos de desmaios, cansaço e dores de cabeça presta serviços inestimáveis. A Água de Colônia "4711" além do seu perfume suave e agradável, possui qualidades refrescantes e acalmantes.

Reparem bem a marca "4711" sobre rotulo azul-ouro. Fabricada, desde 1792, pela Eau de Cologne- & Parfümerie-Fabrik, Glockengasse N° 4711, Ferd. Mülhens, Cologne s/Rheno (Alemanha).



N.º 4711.
Eau de Cologne.



À Venda nas melhores Perfumarias, Casas de Modas e Pharmacias.
Representantes-Depositarios para o Brasil: EWEL & COHEN Ltda., Rio de Janeiro,
Rua dos Andradas 44. — Telephone Norte 1896.

IV.

Realmente, nenhuma casa de família se sustenta sem a Água de Colônia N°4711. Sorte a de Arlete que tinha um vidro desses em sua casa!

III.

A Água de Colônia, assim como Arlete, tem um perfume suave e agradável. Afinal, que mulher não iria querer um produto assim, com propriedades calmantes, para os nervos?

I.

Arlete, mulher branca e de classe média, é um ser de muita sorte. Depois de um dia inteiro arrumando a casa, ao sentir-se cansada e com dores de cabeça, tem a ajuda de seu marido que lhe oferece a milagrosa Água de Colônia N° 4711.

II.

Mas também, não se engane! Arlete faz por merecer este cuidado! Mesmo depois de um dia orientando a empregada como preparar o almoço e o jantar, o jardineiro a cuidar das folhagens e tomar conta de seu filho, ela se arruma para receber seu marido quando este chega do trabalho. Veste sempre vestidos confortáveis, porém elegantes, salto e arruma seus cabelos.

NOTA:

A Água de Colônia foi inventada em 1709 pelo italiano expatriado Giovanni Maria Farina, então residente da cidade de Colônia. Originalmente, ficou conhecida como "água milagrosa" e era vendida como medicamento a fim de curar diversos tipos de males, podendo ser de uso externo ou interno. Porém, foi somente em 1792 que o comerciante Wilhelm Mülhens fundou a empresa que comercializaria a Água de Cheiro que conhecemos hoje. Como presente pelo casamento, recebeu a receita secreta da água milagrosa (água de colônia) e por isso, comprou uma propriedade onde passou a comercializar o produto. Em 1845, a marca "KÖLNISCH WASSER 4711" (que significa "Água de Colônia 4711") foi registrada, sendo o número 4711 originado da renumeração das ruas de Colônia a partir da invasão de Napoleão. A venda passou a ser somente da água de cheiro e não mais da água milagrosa. Nos anos de 1900 a marca recebeu seu design característico e nos anos de 1920 teve como slogan: "fragrâncias especiais para mulheres especiais!"

NOTA:

O primeiro aspirador de pó a vácuo foi criado em 1901 pelo engenheiro inglês Hubert Cecil Booth. "Puffing Billy", como foi batizado, tinha motor a óleo e grandes dimensões o que dificultava sua venda para uso doméstico. Com o avanço da eletricidade, Booth aprimorou seu produto e desenvolveu um segundo, com motor elétrico, menor e mais eficaz. Existiam também outras marcas aprimorando o eletrodoméstico e que permanecem no mercado até hoje, como a Eletrolux e a Nilfisk. Em 1912 por exemplo, o fundador da Eletrolux lançou um novo modelo que, embora tivesse um motor de turbina e assim, fosse mais leve que os outros aparelhos na época, ainda pesava 14kg.

II.

Características técnicas do produto apresentado: aspirador de poeira.

I.

Produto a ser apresentado, sua função, sua forma de manuseio e seu público alvo: mulheres.

III.

Detinha trabalha para Dona Carmelita desde nova. Por não ter com quem deixá-la, a mãe de Detinha a trazia para o trabalho desde muito nova. Assim, Detinha foi aprendendo todas as tarefas domésticas e hoje faz um serviço impecável! Mas Detinha e sua mãe sempre tiveram uma sorte: a de serem brancas.

Assim como Dona Carmelita, muitas são as patroas que preferem uma empregada que *pareça da família*. Mas não pense que Dona Carmelita é preconceituosa pois até tem alguns empregados negros. Acontece que todos ocupam cargos de tarefas mais *discretas*...

IV.

Dona Carmelita é como uma mãe pra Detinha. Todas as roupas de Detinha são Dona Carmelita quem dá. Vestidos e saltos que, na verdade, são para Detinha trabalhar, mas são tão bonitas que dão para sair também.

V.

Que sorte a de Detinha de trabalhar para alguém como a Dona Carmelita.

Revista "A Casa", n. 01, p. 14, out., 1923

ASPIRADOR DE POEIRA

VACUUM
Nilfisk
CLEANER

**INDISPENSÁVEL
PARA LIMPEZA**

HYGIENICA :: RAPIDA :: EFFECTIVA

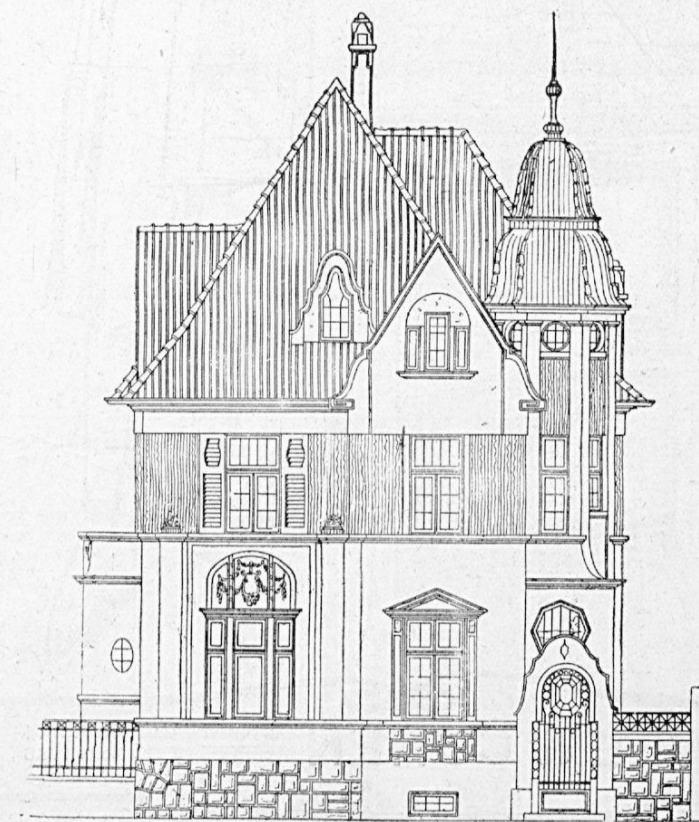
O melhor conservador de tapetes e mobílias
Manejo fácil — 5 tipos e tamanhos

GRANDE PREMIO
na Exposição Internacional do Centenario

Demonstração gratuita à domicilio

Exposição permanente: Leandro Martins & C.
Rua do Ouvidor, 93-95

Representantes gerais: CASA BRASILDANA
Rua Theophilo Ottoni, 81 — Telephone N° 6146



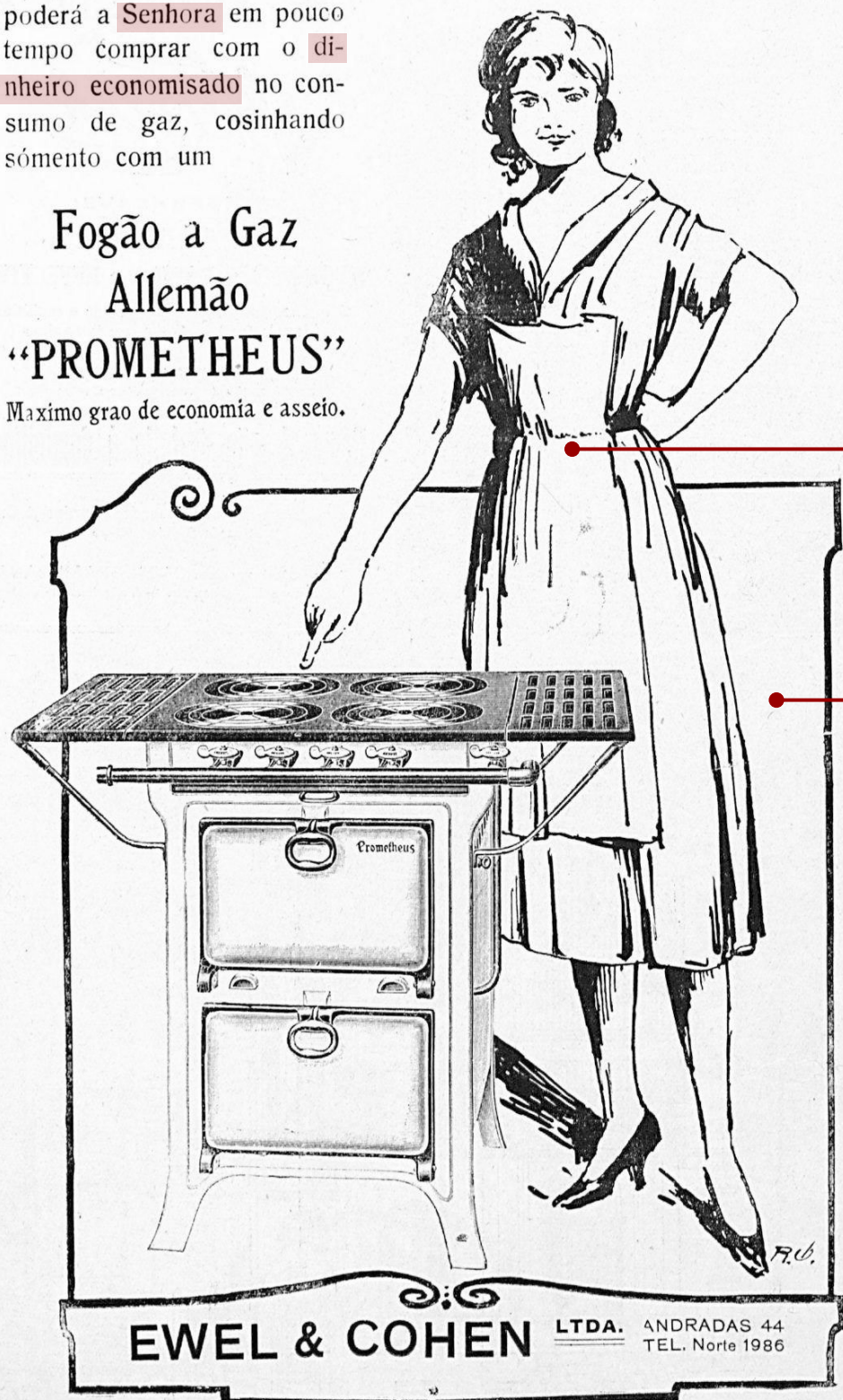
Elevação da fachada do mesmo palacete.

No .705

UM COLLAR DE PEROLAS

poderá a Senhora em pouco tempo comprar com o dinheiro economizado no consumo de gaz, cosinhando sómento com um

Fogão a Gaz
Allemão
"PROMETHEUS"
Maximo grao de economia e asseio.



EWEL & COHEN LTDA. ANDRADAS 44
TEL. Norte 1986

III.

...para comprar o sonho de toda mulher: um colar de pérolas!

IV.

Ela conseguiu economizar nenhum centavo da mesada que ganha de seu marido. Só mesmo com o fogão a gás importado da Alemanha essa economia foi possível.

I.

Odaléia, mulher branca e de classe média, realizou um sonho hoje!

II.

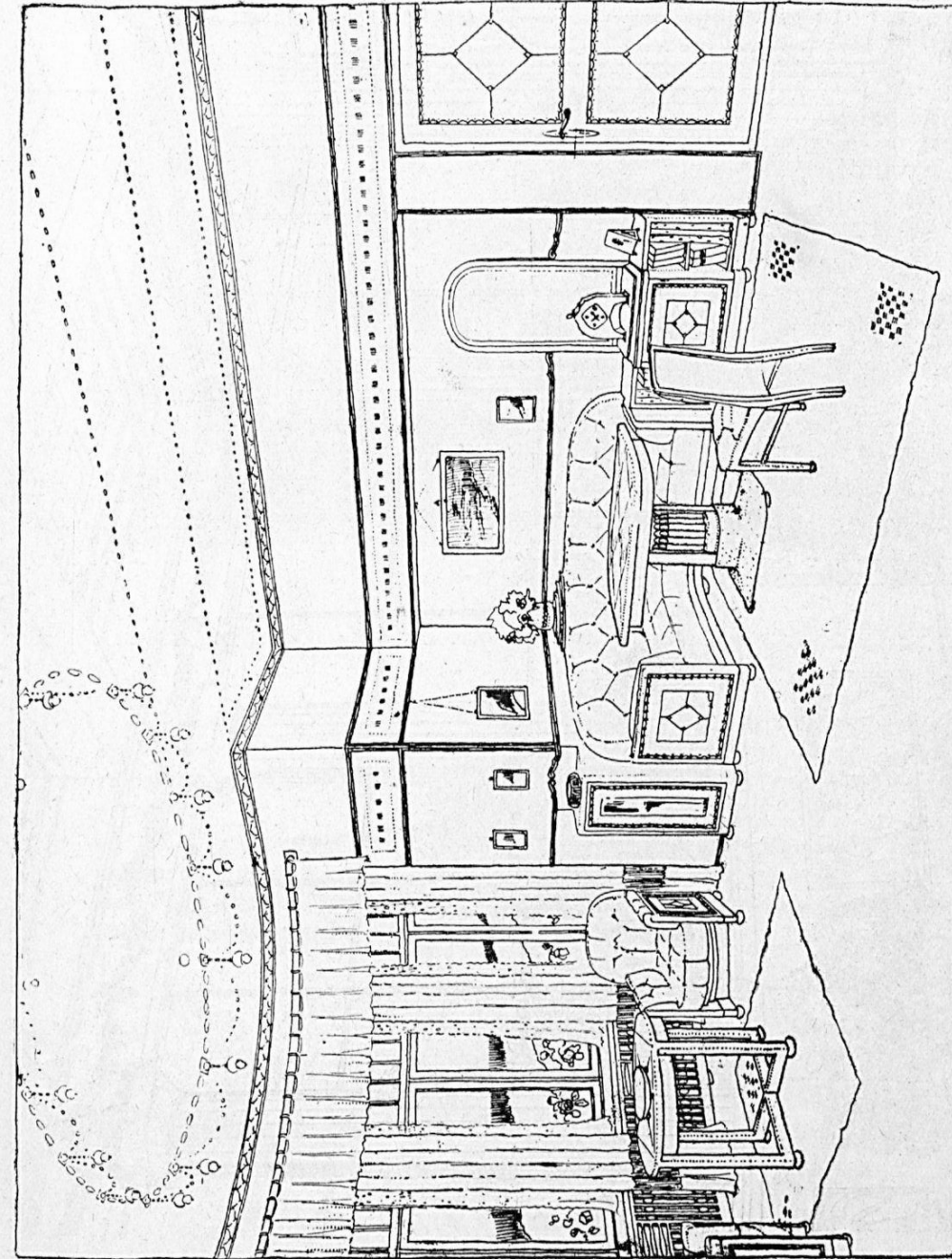
Depois de três meses que ela comprou o mais novo fogão a gás para sua família, conseguiu finalmente economizar o suficiente...

NOTA:

O fogão a gás começou a ser comercializado na Inglaterra em 1860 mas só chegou na América, mas especificamente nos Estados Unidos, no início do século XX. A principal vantagem do fogão a gás, quando comparado ao alimentado por lenha ou carvão, era que não precisava mais das pesadas caixas para queima do combustível, o que o tornava mais leve e compacto. A partir da década de 1920, eram vistos fogões com pés cada vez mais finos e design mais aprimorado, com 4 ou 5 bocas. O ferro foi substituído pela porcelana para melhor regulagem do calor, especialmente nas extremidades. Entre os modelos a gás e elétrico, o primeiro foi o melhor recebido e indicava prestígio e status à família que o tinha.

O marido de Sônia tinha programado essa reunião há mais de um mês, mas só a avisou há três dias. Esse foi o tempo que teve para tirar e limpar toda sua louça mais *chic* da cristaleira — a que tinha ganhado de casamento. O tal aparelho de chá era folheado a ouro e tinha vindo diretamente da Europa. Somente assim, a sala de visitas estaria impecável para que a atuação de Sônia junto às mulheres dos sócios de seu marido fosse satisfatória.

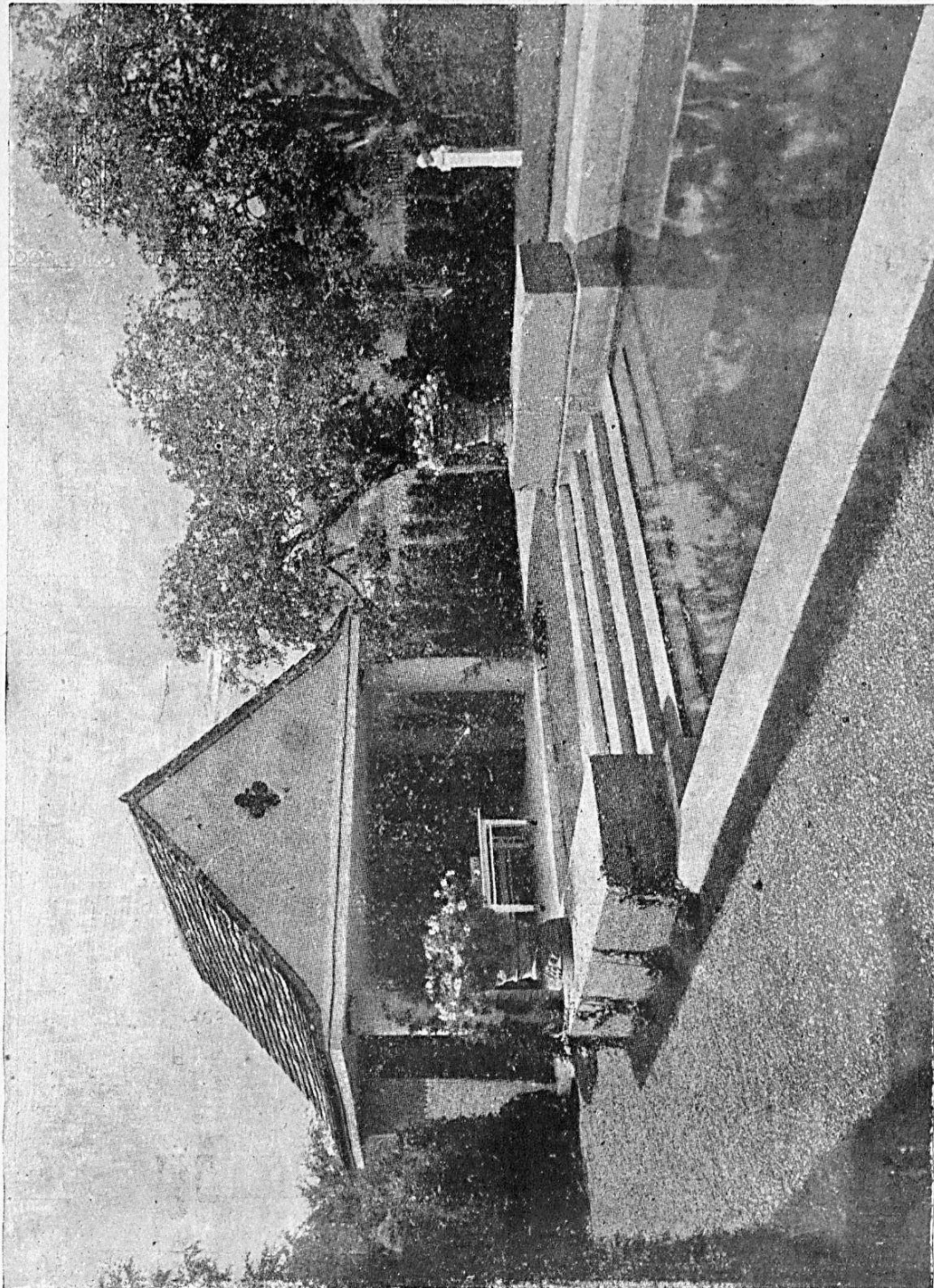
O mesmo tipo de narrativa pode ser construída em cima das imagens apresentadas nas páginas: I) 25 da edição de número 01; e II) 26, 26 e 27 da edição de número 04. Isto se deve ao fato delas também apresentarem o interior de uma casa e seus vestígios antropomórficos. A partir da análise de mobiliários e objetos, é feita uma associação automática a seus usos e, conseqüentemente, aos seus usuários.



N. 715

Interior de uma sala de visitas

017 11



Caramanchão num jardim

Era um dia lindo, não tinha uma nuvem no céu. O marido de Eunice não conseguia entender porque ela estava de mau humor naquele feriado maravilhoso. A cerveja estava gelada e a comida deliciosa! As crianças brincavam e os amigos conversavam.

Como poderia Eunice estar nervosa?

Carvalhinho, o filho mais novo, tinha levantado de madrugada com pesadelo, tendo feito xixi na cama. Depois de trocar sua roupa de cama e banhar-lhe, Eunice abriu a geladeira para preparar o café da manhã. Foi então que percebeu: a sobremesa preparada no dia anterior — para as visitas — tinha sido comida pelo marido depois da novela. Eunice saiu correndo para o mercado a fim de comprar algo pronto — algo completamente atípico. Dona de casa de mão cheia, sempre com recepções fartas e diversas... com uma sobremesa de supermercado... Quem diria, Eunice...

Quando chegou em casa, nem tempo de se arrumar teve pois os convidados já tinham chegado. Ficou assim, com a roupa do mercado.

Mas o dia estava lindo. Era um feriado maravilhoso. Como Eunice poderia estar nervosa?

O mesmo tipo de narrativa pode ser construída em cima da imagem apresentada nas página 28 da edição de número 01. Isto se deve ao fato delas apresentarem o que parece ser o jardim posterior de uma casa de classe média alta. Assim, vemos um espaço privado mas a céu aberto, bastante arborizado, e destinado ao lazer e/ou receber visitas.



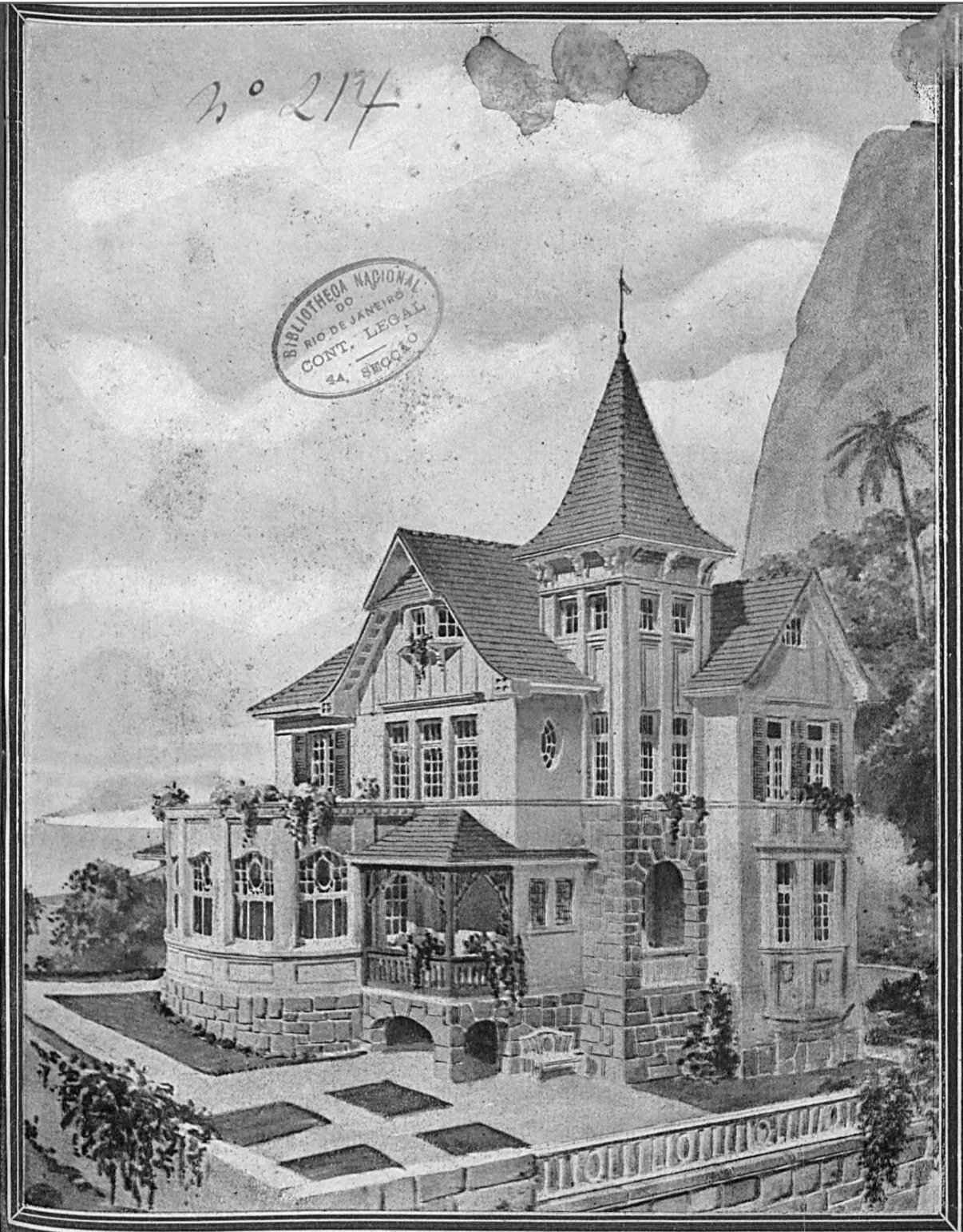
FREIRE & SODRE
Engenheiros

TENTAÇÃO UM BUNGALOW

ROSARIO, 88
Norte 5220

Deutsche Rio-Zeitung. 131-23

Assim como a maçã do Jardim do Éden era o *bungalow* para Eva — uma tentação. Mas como Deus na história bíblica, determinava o marido de Eva à ela: o mais perto que poderia chegar de um bagalô era olhando àquela revista. Pobre Eva.

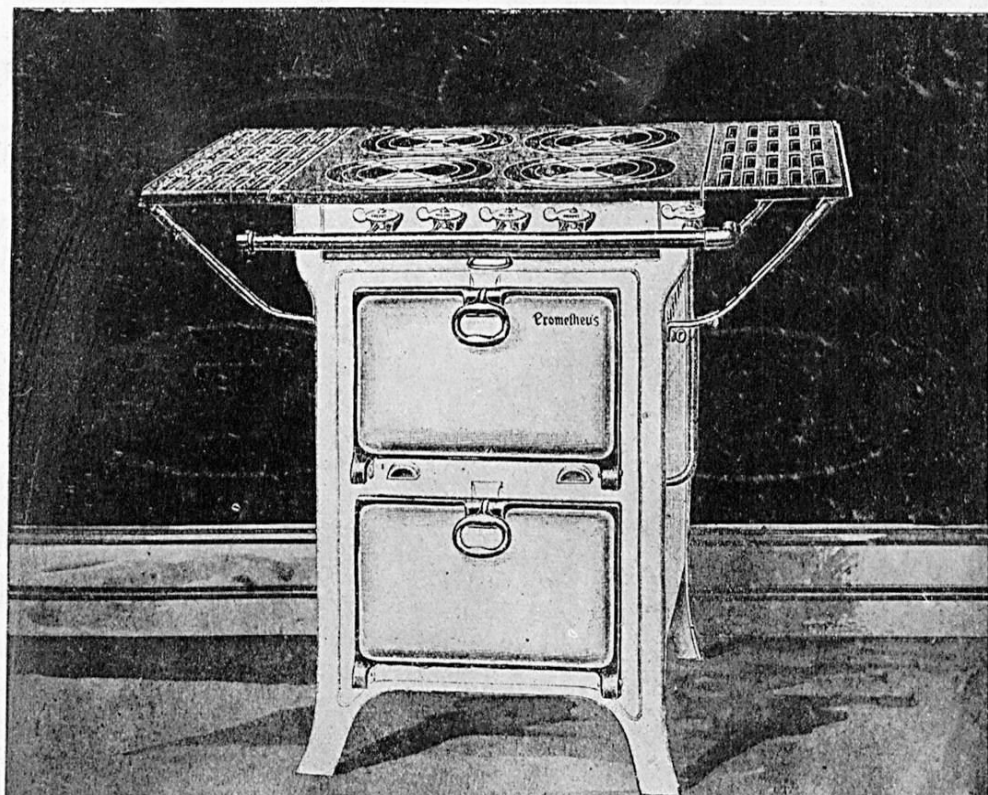


A CASA.

N° 4

PREÇO 2\$000

1924



**FOGÕES ALLEMÃES
A GAZ
"PROMETHEUS"**

Os melhores e os mais economicos,
: que até agora chegaram. :

Ewel & Cohen Ltda.

Rua dos Andradas, 44

TELEPHONE NORTE 1956

Amor, esse é o fogão que eu te falei que a Odaléia pediu pro marido!

Você só pensa em gastar dinheiro!

Ela falou que em três meses conseguiram economizar o suficiente para comprar um colar de pérolas!

Em três meses!?

Pode comprar. Estou precisando de um terno novo.

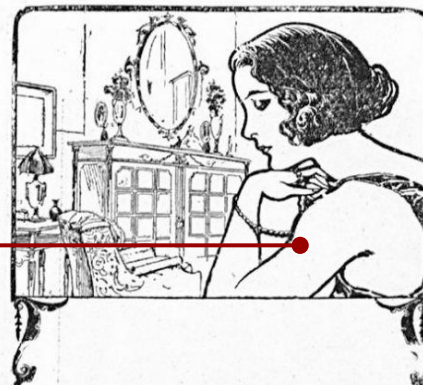
“ O dinheiro, **conseguido pelos homens**, por si só não traz a felicidade.
A felicidade consiste no conforto e na alegria em que vivemos.
Viver com conforto e alegria só numa residência ornamentada **por uma mulher**, com os artísticos mobiliários, tapeçarias e decorações da acreditadíssima.
Ou seja, para ser feliz em casa, é preciso uma mulher.”

Oferecimento: Casa Nunes

O mesmo tipo de narrativa pode ser construída em cima da imagem apresentada nas página 34 da edição de número 08. Isto se deve ao fato delas apresentarem uma marca e/ou um produto e no texto se restringirem a descrever características exclusivas a eles mas na imagem, apresentarem uma mulher branca, em um ambiente interna, no que parece ser uma casa de classe média. Acabam por vincular a imagem da mulher à marca e aos produtos relacionados à casa.

NOTA:

A Casa Nunes foi uma das mais importantes lojas de móveis e decoração do Rio de Janeiro. Foi fundada em 1912 e permaneceu até 1969, quando a casa-sede da loja, localizada na Rua da Carioca, foi desapropriada pela Prefeitura. A edificação tinha 4 pavimentos e dividia-se em uma grande loja, loja e escritórios, oficinas e estoque. A Casa Nunes foi a fornecedora dos móveis do Palácio do Catete, do Palácio do Itamaraty, do Ministério da Justiça e de boa parte da elite carioca. Além disso, vendia tapeçarias e cortinas, chegando a ser o maior importador de tapetes do Brasil nos anos 30.



O **dinheiro** por si só não traz a felicidade.

A felicidade consiste no conforto e na alegria em que vivemos.

Viver com conforto e alegria só numa **residência ornamentada** com os artísticos mobiliários, tapeçarias e **decorações** da acreditadíssima

ASA NUNES

Hors Concours na Exposição Internacional de 1922

65, Rua da Carioca, 67 -- RIO



Teixeira, Pinto & C.^{ia}

ELECTRICIDADE

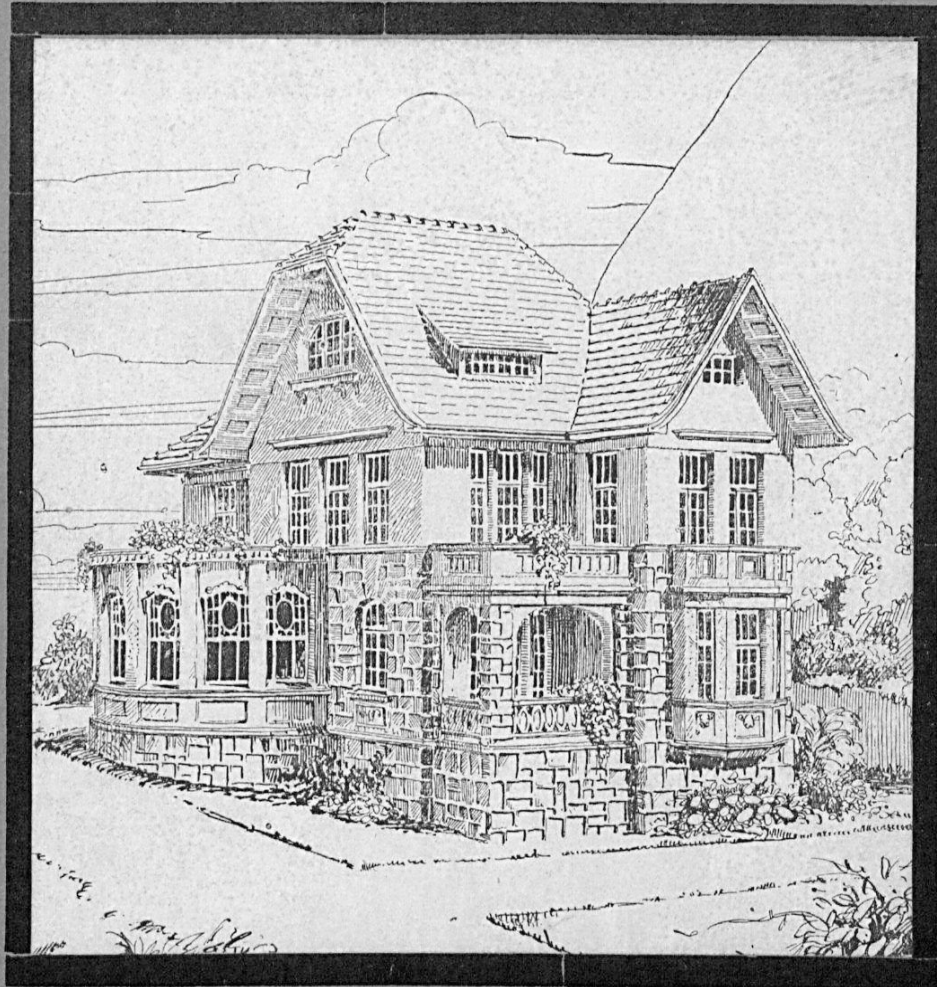
Instalações de Luz, Força, Telephone e Campainhas
:: :: Material para instalações Electricas :: ::
Motores, Ventiladores, Dynamos, Transformadores, Ferros
de engommar, Lustres, Arandellas, Lampadas, etc., etc.

16, RUA RODRIGO SILVA, 16

Telephone CENTRAL 1019 :::: Endereço Teleg. "AMPÉRE"

RIO DE JANEIRO

214



A CASA.

~ N. 8 ~

DEZEMBRO 1924

PREÇO 2\$000

Os annuncios na "A CASA" são os mais productivos,
porque essa revista ao contrario das outras não é
jogada á cesta dos papeis, é guardada cuidadosamente
para consulta, devido aos projectos que publica.

Empregue bem o seu dinheiro,
annunciando nesta Revista

Rua S. José 34 - sob. Tel. Cent. 2740

**GEORG HIRTH
LAUBISCH & CIA.**

OUVIDOR 86 TELEFONE
NORTE 3128

**GRANDE STOCK
E VENDA DE**

**TODA ESPECIE
DE TEÇIDOS PARA**

MOVEIS

♦ **DECORAÇÕES** ♦

TAPETES

PASSADEIRAS



PREÇOS REDUZIDOS

AVISO

AOS SRS.

ARCHITECTOS



**Cretones e linhos
estampados no
puro estylo
Colonial**

Olá Dona Zuleica, bom dia. Os
novos retalhos já chegaram?

Oi, Sra. Marlúcia, bom dia! Espere
um instante, por favor. Vou ver
para a Senhora.

Claro. Meu marido marcou um
jantar daqui a duas semanas e
indicou que eu comprasse um
novo vestido. Agora vá entender...
ele já reclama tanto dos meus
gastos com a casa...

Perdão Sra. Marlúcia, infelizmente
os novos retalhos ainda não
chegaram. Quando chegarem eu
lhe telefono.

Perfeito Dona Zuleica, muito
obrigada!

Este vaso vai aqui..

...aquele outro ali...

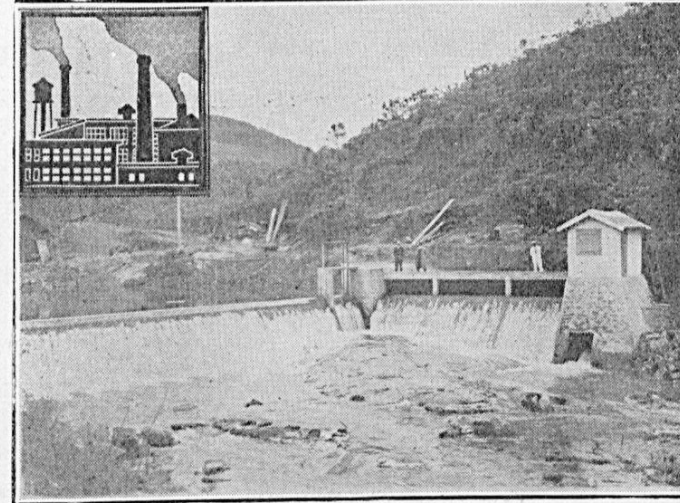
Este caminho de mesa aqui...

...esta cadeira ali...

Passar uma vassourinha nesse tapete...

Prontinho! Sala perfeita para as visitas.

Cimento Armado - Obras Hydraulicas - Construções Industriaes



Barragem em Nova Friburgo - Trabalho executado por:

DR. NOWACKI

RUA DE S. PEDRO, 14 - 2º andar
RIO DE JANEIRO

Secc. de E. Froté & Cia.
Engenheiro e Constructor

CAIXA DO CORREIO 2573
Telephone Norte 2229

Leão dos Mares

110 - Rua do Sasseio.
(Largo da Lapa)

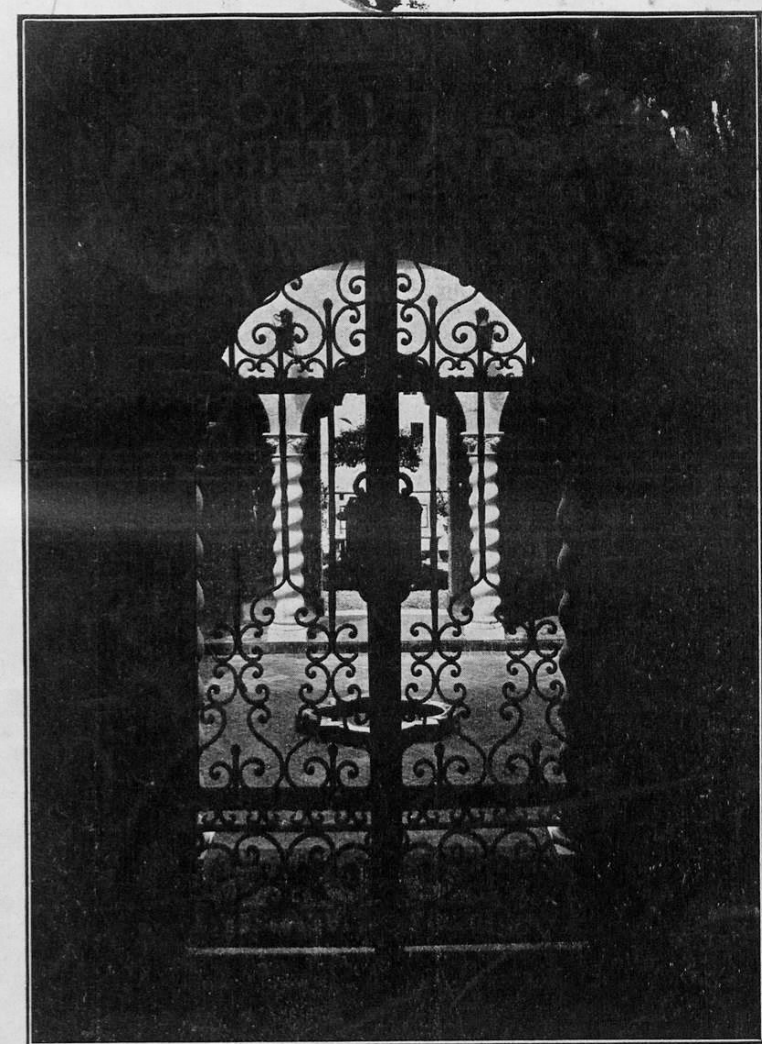
*Moveis
Luxuosos, Elegantes
Confortaveis*

A titulo de reclame fornece-
mos: Dormitorios completos,
embutidos, estylo moderno
1:050\$000 Sala de jantar Hol-
landeza 1:000\$000

4-81 480 x 26

A CASA

1400



(RAPHAEL GALVÃO)

REDACÇÃO: AVENIDA RIO BRANCO, 117 - 2.º - SALA 225
(EDIFÍCIO DO JORNAL DO COMMERCIO)

ANNO IX
N.º 80



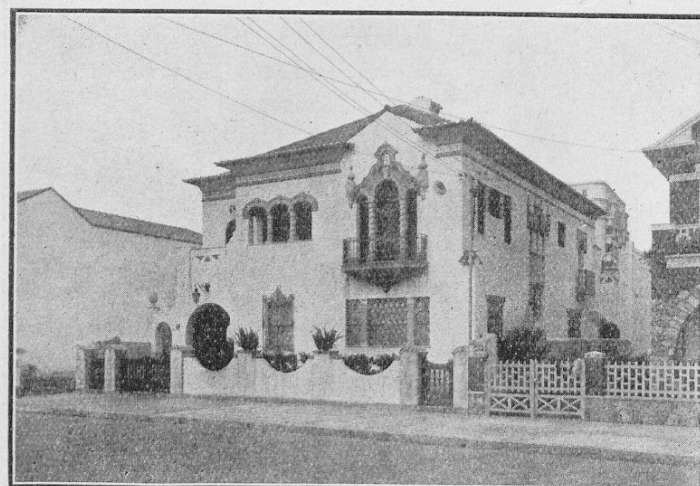
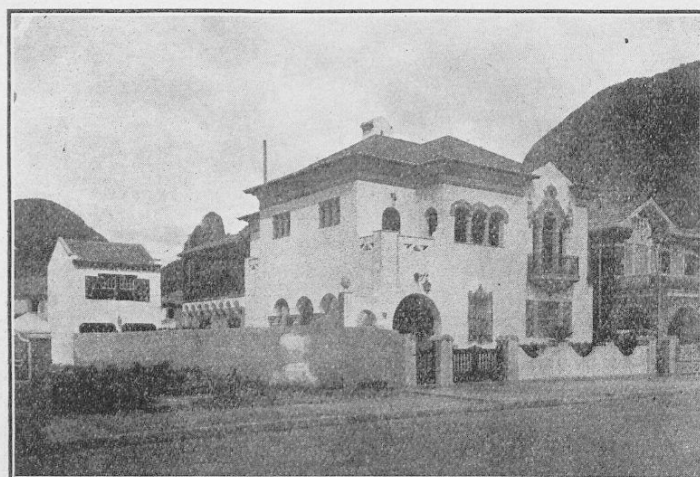
JANEIRO DE 1931



PREÇO
Rs. 1\$000



RAPHAEL GALVÃO
ENGENHEIRO-ARCHITECTO



Rua Haritoff
(Copacabana)

Já eram 18h33 quando Edila passava pela porta em direção ao portão. Foi o tempo de encontrar a chave, destrancar o trinco e o carro chegou. Seu marido entrou na garagem, saiu do carro, elogiou seu vestido e entrou em casa.

O mesmo tipo de narrativa pode ser construída em cima das imagens apresentadas nas páginas: I) 15, 17 e 19 da edição de número 80; II) 8, 9, 14, 19, 22 e 24 da edição de número 85; e III) 12, 14, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26 e 27 da edição de número 91. Isto se deve ao fato delas apresentarem a construção de uma casa e o entorno de onde ela se insere. Assim, vemos o acesso da casa junto a um jardim que constroem justamente este espaço de transição entre o espaço público, frequentemente associado ao homem, e o espaço privado, associado à mulher.

O mesmo tipo de narrativa pode ser construída em cima das imagens apresentadas na página 14 da edição de número 80. Isto se deve ao fato dela também apresentar imagens que mostram o nú feminino, vinculados ao desenho de observação e direcionados aos leitores da revista, em contraste com a geometria descritiva ensinada na Escola Politécnica, majoritariamente frequentada pelo gênero masculino.

I. Todas as alunas já tinham entrado na sala de aula. Era o primeiro dia de desenho de observação na Escola Politécnica.

III. Ele chegou e ali mesmo começou o exercício. As mulheres deveriam retratar o ato do despir para depois, registrar o nú.

V. Como podia a Professora Rute, uma mulher de família, propor uma aula tão indecente para meninas tão jovens... Além do que, aquele tipo de aptidão de nada incrementaria as qualidades técnicas daquelas futuras engenheiras...

IV. As alunas estavam no meio da aula quando foram interrompidas pelo coordenador do curso, que chamava pela Prof. Rute. A aula então, foi imediatamente encerrada.

II. A Professora Rute tinha chegado 20 minutos antes do início da aula, caso o modelo chegasse.

Ao darmos orientação nova a esta revista, temos em mira abordar todas as modalidades da actividade artistica. E para isso nada mais oportuno que o desenho espontaneo, indicado apenas.

Sabemos quão defficiente é esse estudo nas nossas escolas. Não nos referimos ás escolas primarias, porque ahí só se pode exigir que as professoras, á custa de ingentes esforços e não menores sacrificios, ensinem a lèr e ministrem alguns rudimentos de desenho. A ellas, aliás, não compete enveredar pelo caminho das especialidades.

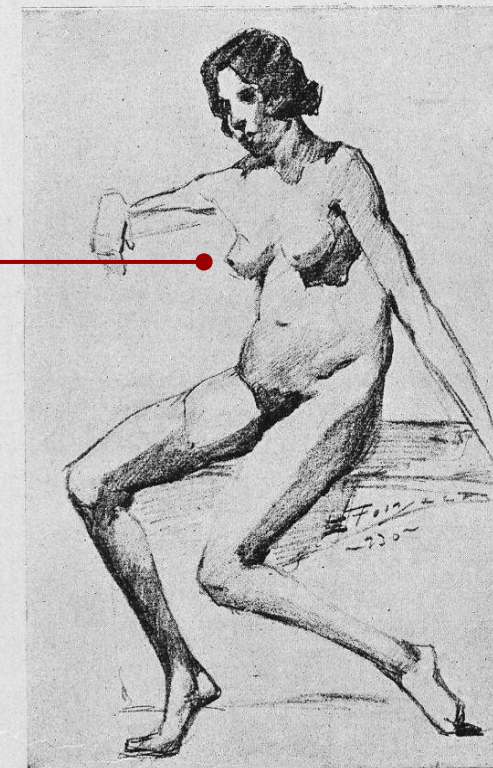
Entretanto, mesmo nas escolas profissionaes, onde o desenho é de maior necessidade, o ensino dessa materia é totalmente descurado.

Muitas vezes o filhotismo politico, agora tão combatido, faz professor de desenho, "verbi gratia", um engenheiro que -- honra lhe seja feita -- lida muito bem com reguas, esquadros e compassos, mas que é incapaz de ensinar desenhos de ornatos, figurados, etc., pela simples razão de nunca os ter aprendido.

Não se quer com isto dizer que o engenheiro

AULAS DE DESENHO ESPONTANEO

não pode desenhar ou ensinar esse mister. Não; a sua especialidade é inteiramente diversa, pois se prende ao desenho geometrico, de precisão,



meticuloso. Não é o desenho em traços largos do artista.

E' erro em que toda a gente incorre o generalizar toda especie de desenho, confundindo o desenho espontaneo, de observação -- como os que aqui inserimos, de-

senhados em 15 minutos de "pose" de modelo vivo com desenhos geometricos que, na Polytechnica, mettem na cabeça do alumno para lhe abrir caminho á indigesta descriptiva.

Ora, confiar uma cadeira de desenho a quem não entende do "metier", dá logar a que o seu possuidor, para não perder um logar quasi sempre bastante vantajoso, resolva muito simplesmente o problema da seguinte fórmula: adquire uma infinidade de modelos na Casa Cavalier, quadricula-os, ou, então, mais praticamente ainda, entrega-os aos alumnos para decalcarem-nos sobre o papel. E' por isso que, em fins de anno, não raro se vêm exposições desenhos escolares, todos eguaesinhos, como mostra de grande "progresso" dos alumnos.

Creando esta secção, para a qual fornecerá os elementos necessarios o Sr. E. Fonseca, membro da Sociedade Brasileira de Bellas Artes, esta revista pensa guiar assim aquelles que desejam adquirir noções de desenho espontaneo, de observação.

O Sr. E. Fonseca, a quem pode ser dirigida



Predio de propriedade
do
Sr João Bradaschia
(Architecto)

Rua Vergueiro n.º 662
São Paulo



Conceição já tinha instruído o caseiro sobre a orientação dos novos móveis das salas de visita e de jantar. A sala de visitas deveria proporcionar um ambiente de conversa e, portanto, as cadeiras deveriam estar dispostas em roda. Luci estava toda satisfeita com os novos estofados: mais claros e menos robustos. Já sobre a sala de jantar, preferiu ela mesma dar os retoques finais a fim de se certificar de que o espaço corresponderia a masculinidade e virilidade de seu marido.

O mesmo tipo de narrativa pode ser construída em cima das imagens apresentadas nas páginas 17 e 23 da edição de número 91. Isto se deve ao fato delas também apresentarem o interior de uma casa e seus vestígios antropomórficos. A partir da análise de mobiliários e objetos, é feita uma associação automática a seus usos e, conseqüentemente, aos seus usuários.

O SENHOR REGISTRADOR

por PEDRO MAUROY

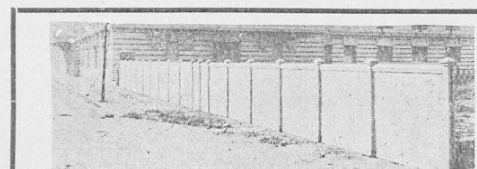
Ah! evidentemente, foi um verdadeiro acontecimento para a família Taupinet ao inteirar-se da notícia... Entre Lucia Taupinet e o Sr. Guerlai, o brilhante registrador de hypothecas, não tinha havido noivado. Embora frequentasse a casa da jovem ha mais de um anno, onde cejava duas vezes por semana, ninguem era capaz de suppôr que essa amizade fosse ter por epilogo uma boda.

Lucia, que não via outro candidato possivel para ella, tinha se resolvido por este. Sua mãe pensava como sua filha. Ella julgou-se na obrigação de communicar a grata nova a um ve'ho tio e alguns parentes que viviam em Paris, dirigindo-se a elles nestes termos:

"Nossa querida filha realizará brevemente suas bodas. Um partido soberbo... Casase com o registrador de hypothecas".

Emfim, o commandante Taupinet havia feito esta declaração em todos os tons e quando o commandante opinava sobre alguma coisa, ninguem mais podia dizer o contrario.

O Sr. Taupinet, na verdade, nunca servira no exercito. Sua existencia havia decorrido no meio da maior tranquilidade, vivendo na sua povoação natal a vida burgueza da provin-



Productos em cimento armado

TUBOS E BOEIROS de 1.^o qualidade
MUROS E GRADIS SYSTEMA DUARTE collocados, patente n.^o 5574.
CAIXAS D'AGUA e de GORDURA,
FOSSAS SANITARIAS, typo "Inco", etc.
PASTA IMPERMEABILISADORA para CONCRETO.

CASA SANO

COMP. BRASILEIRA DE PRODUCTOS EM CIMENTO ARMADO

ESCRITORIO:

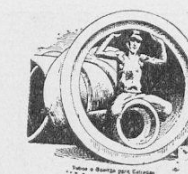
Rua dos Ourives, 56

Tel. 4-3144-Caixa post. 1924

FABRICA:

Delgado de Carvalho, 100

(Largo 2.^o feira)



PEÇAM CATALOGO

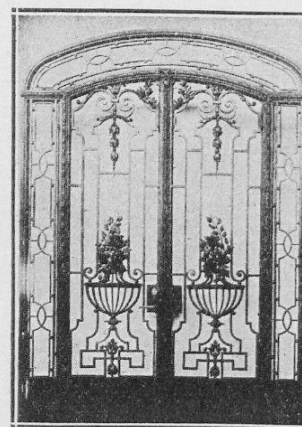
Já eram mais de 22h e Jandira tentava convencer o marido a trocar o portão de casa. Dizia que a serralheria "Fichet e Schwartz Hautmont" iria incrementar o jardim e trazer mais visibilidade da casa pela rua.

A conversa já tinha terminado, mas Jandira continuava a pensar em como as visitas se impressionariam ao chegar em sua casa e vissem, desde longe, aquele novo portão. Naquela noite, Jandira certamente sonharia com aquele novo portão...

O mesmo tipo de narrativa pode ser construída em cima das imagens apresentadas nas páginas 4 e 42 da edição de número 91. Isto se deve ao fato delas também apresentarem imagens que mostram um produto, vinculado ao ambiente doméstico, sem a presença de nenhuma figura humana ou uma contextualização específica. Assim, o processo natural do leitor é de completar o cenário iniciado na imagem, associando também aos usuários dos produtos.

Fichet e Schwartz Hautmont

Companhia Brasileira



SERRALHERIA ARTISTICA, CAIXILHOS E GRADES

Rio de Janeiro - Av. Rio Branco, 9 - Sala 219

São Paulo - Rua da Quitanda, 10

cia. Não obstante, suas maneiras eram tão bruscas e autoritarias, sabia tão bem distribuir ordens aos que o rodeavam, que os seus amigos, inclusive sua propria familia, e todo o mundo, tinham o habido de chamar-lhe "commandante". E elle, não vendo nesta palavra nenhuma ironia, senão uma homenagem á firmeza do seu caracter, não admittia outra denominação a não ser essa.

Um bello dia, porém, o Sr. Guerlai desapareceu. O commandante, dando um murro sobre a mesa, jurou que havia de perseguir o fugitivo e que havia de atravessal-o com a sua espada. Todos em casa tremeram. Entretanto, como não possuia espada e como não tinha muito interesse em metter-se numa aventura tão desagradavel como essa, absteve-se prudentemente de executar seus projectos. Limitou-se apenas em descarregar o máo humor sobre sua mu'her, e sua filha, que eram umas tontas.

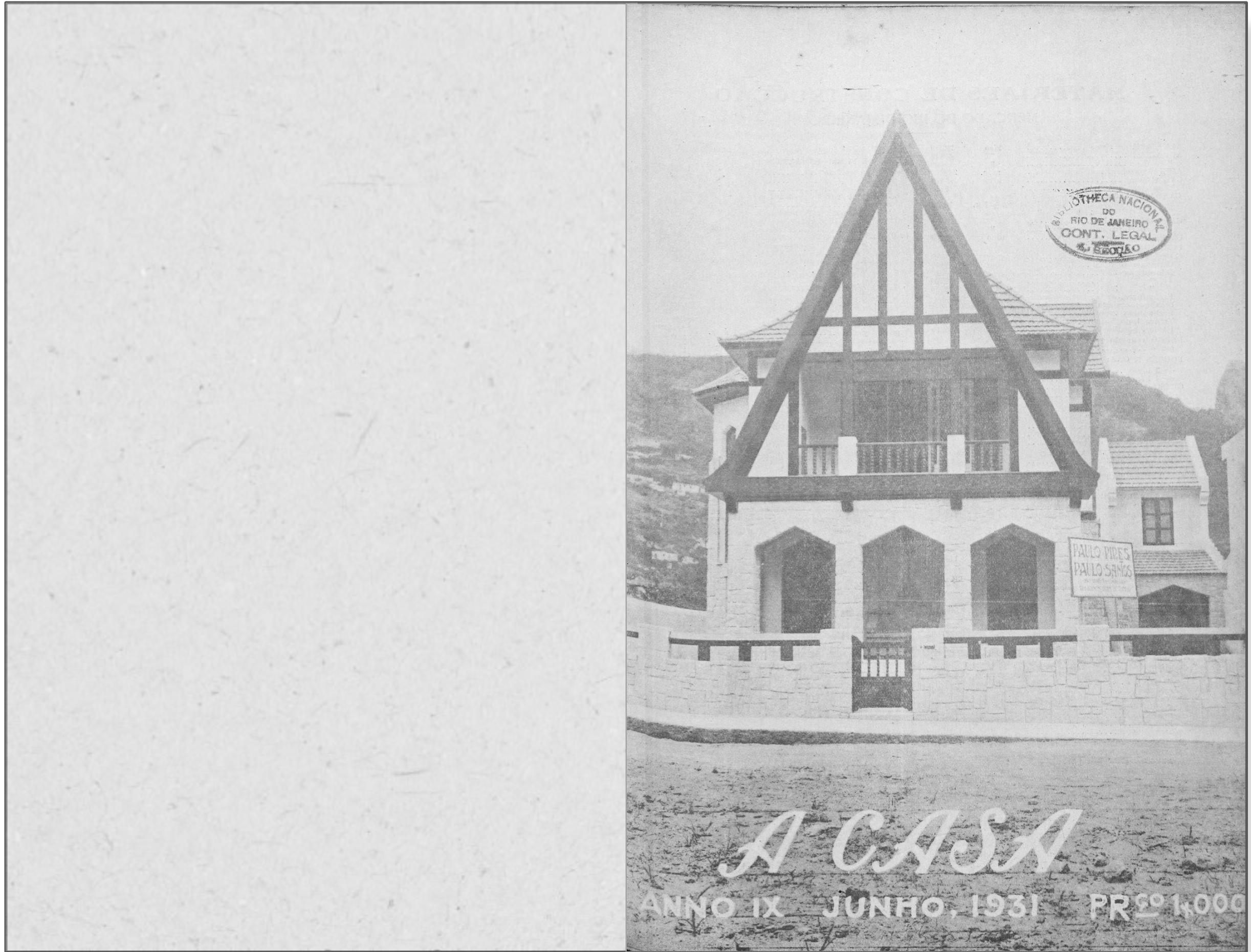
— Que será de Lucia? — suspirava, um dia a Sra. Taupinet...

— Lucia?... replicou o commandante violentamente. Desde que resolvi casar-a, ha de casar-se de qualquer maneira.

— Sim; mas com quem?...

— Com quem é o menos... O Sr. Guerlai não ha de ser o unico.

(Continua á pagina 22).



AUGMENTA O CONFORTO — PROTEGE A SAÚDE

SEM
ALTERAR
O
CUSTO
DA
CONSTRUÇÃO



São estas algumas das vantagens que V. S. auferirá empregando o Celotex em sua construção.

Além do bello acabamento que é possível se obter com o emprego deste material, V. S. terá a sua casa abrigada dos calores excessivos e dos ruídos exteriores.

Informe-se do seu architecto ou constructor sobre o Celotex, que é a unica madeira isolante feita das mais longas e fortes fibras do bagaço da canna de assucar.

Celotex é fornecido em folhas com a espessura de 11 m/m, largura de 1.22

metros e comprimentos de 2.44, 3.05, 3.66, e 4.27 metros.

A photographia acima, é de uma das muitas residencias no Rio de Janeiro que se encontram protegidas com o Celotex.

CELOTEX

INSULATING LUMBER

INTERNATIONAL MACHINERY COMPANY

RIO DE JANEIRO
RUA SÃO PEDRO, 66
RECIFE

SÃO PAULO
RUA FLOR. DE ABREU, 130-A
PORTO ALEGRE
RUA DAS FLORES, 903

RUA BOM JESUS, 237
NDERECO TELEGRAPHICO GERAL: INTERMACO

Odilon, será que você pode vir aqui, por favor?

Queria que você me ajudasse a entender uma propaganda aqui na revista...

Mas está cheia de detalhes técnicos que não estou entendendo muito bem...

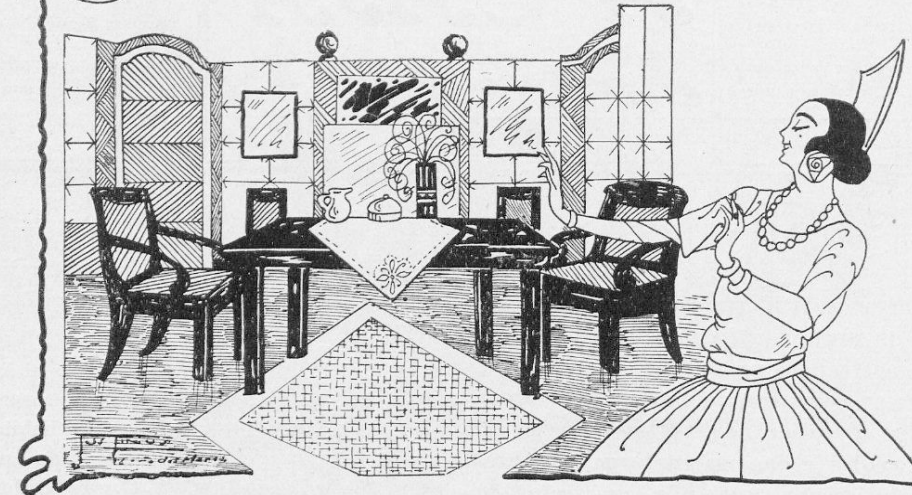
O mesmo tipo de narrativa pode ser construída em cima das imagens apresentadas nas páginas: I) 13, 25, 34, 35 e 43 da edição de número 85 e II) 33 da edição de número 91. Isto se deve ao fato delas apresentarem um objeto/produto, sempre vinculado ao espaço doméstico, que busca direcionar a organização e decoração da casa. Geralmente, o texto é direcionado para descrever características técnicas e/ou justificativas do porque o aquele objeto melhoraria as casas dos leitores enquanto as imagens apresentam ambientes internos que, inseridos em uma narrativa de gênero, estão vinculados ao gênero feminino.

Regina estava animada com os móveis novos da sala de jantar, comprados na *Leão dos Mares*. Para combinar, colocou um vestido novo e um clássico colar de pérolas. Nem muito, nem tão pouco. Regina sentia-se pronta para receber as visitas!

As visitas chegaram!

Regina finalmente conseguiu marcar um horário na agenda no marido para que comemorem o aniversário de casamento.

Leão dos Mares



MOVEIS COM GRANDE BAIXA NOS PREÇOS
Moveis fortes, bom acabamento e estylos modernos. Façam uma visita ao "Leão dos Mares" e verifiquem os seus preços. Dormitorios para casal, completos, 1:200\$000. Ditos typo Apartamento, 900\$000. Sala de jantar, 1:200\$000. Sala de visitas toda estufada (10 peças) 500\$000.

Para o interior, catalogo gratis

LARGO DA LAPA, 32 — RIO DE JANEIRO

IMPERMOL



PROTEGE
**FERRO
CIMENTO**

CONTRA
**FERRUGEM
HUMIDADE**

UNICOS DISTRIBUIDORES PARA TODO O BRASIL:
LIMA NETTO & CIA.
Rua da Quitanda, 47 - 4.º — Tel. 4-0149
CAIXA POSTAL, 595 — RIO DE JANEIRO

THEREZOPOLIS

Terrenos e construcções a
:: longo prazo ::
materiaes de construcção



A. Vieira & Co. Ltda.
RIO DE JANEIRO

Rua Buenos Aires, 80 - Tel. 3-4121

THEREZOPOLIS

Rua Xingú, 131 — Telephone 63

A CASA

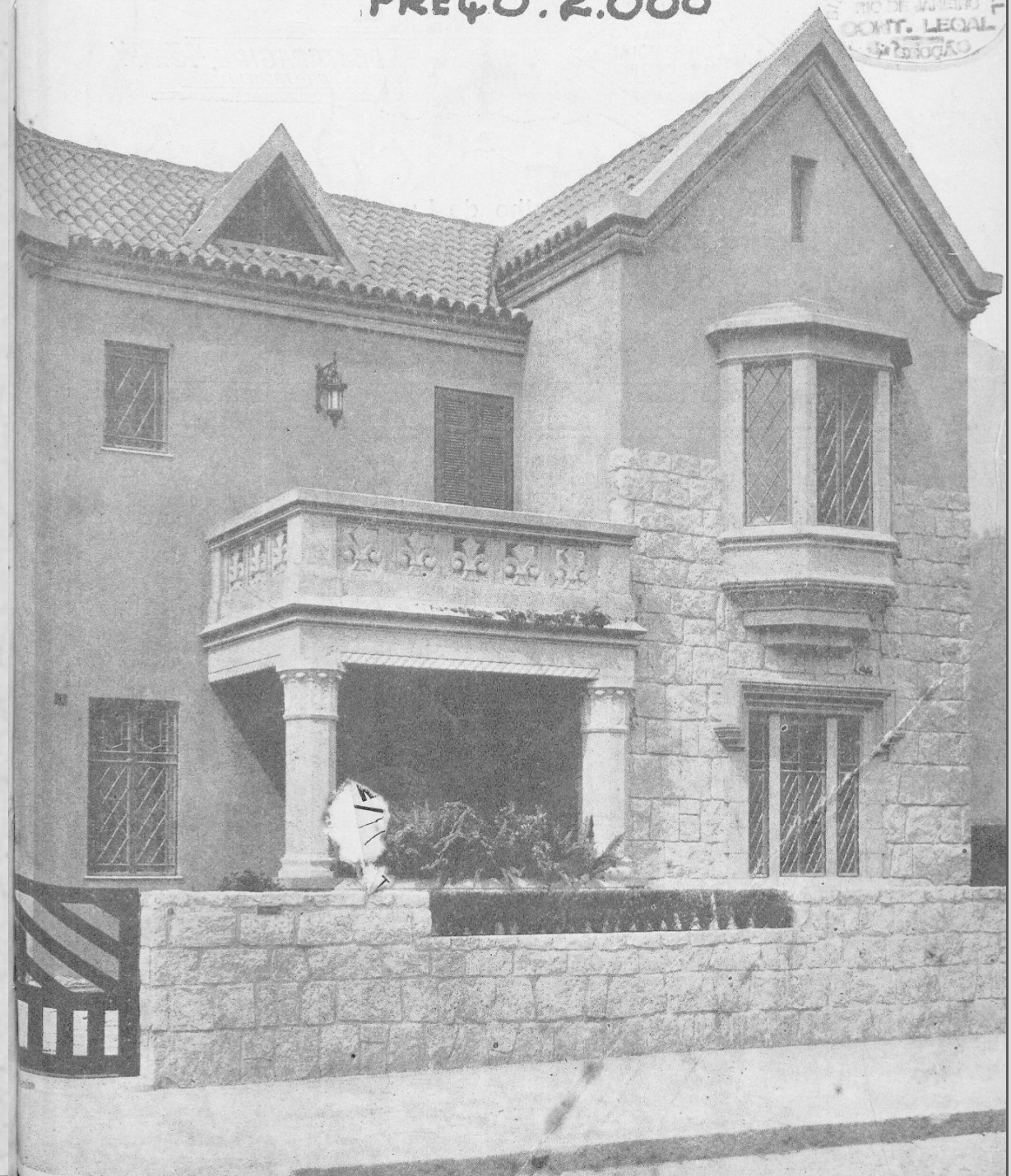
Nº 91

DEZEMBRO, 931

ANO IX

PREÇO. 2.000

IMPRESSÃO
DO
MUNICÍPIO DE SÃO PAULO
CONT. LEGAL
N.º 12.500



— A CASA —



Vamos, meu filho...

Hoje completas 10 anos, já terminamos o pagamento de nossa casinha adquirida na COMPANHIA BRASILEIRA DE IMOVEIS E CONSTRUÇÕES; não pagamos mais aluguel.

Já posso empregar a mensalidade da casa na tua educação. Estuda para seres digno de tua patria, a alegria de tua mamãe e o orgulho de teu papae.

COMPANHIA BRASILEIRA
DE

IMOVEIS E CONSTRUÇÕES

Capital realizado:
6.000:000\$000

Avenida R. Branco, 48

Rio de Janeiro

Fones: 4-4182 e 4-3519

IV.
Que sorte de Henrique ter uma mãe como Marion!

I.
Marion vestia o casaco de pele que seu marido tinha lhe dado.

III.
Decidiu, por livre espontânea vontade, investir nos estudos de seu filho.

II.
Mas a economia feita com a compra da casa, pela Companhia de Imóveis e Construções foi decidida por Marion.

CR\$ { 5,00 (Rio)
5,50 (Est.) } • ANO XXIII • JANEIRO 1945 • RIO DE JANEIRO

1

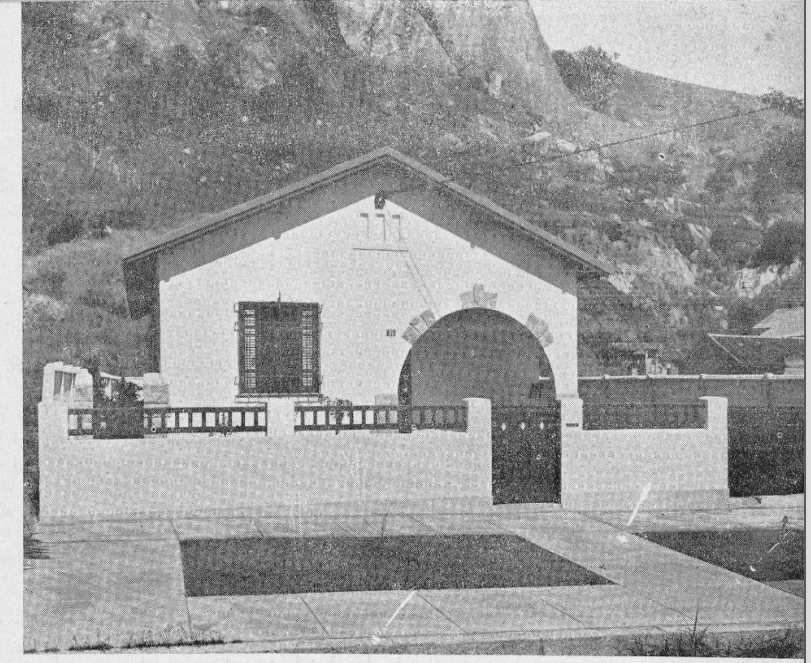


+

1158

A CASA

REVISTA DO LAR



N. 248



Fotografia de uma pequena residência construída em lugar bastante pitoresco do Rio

A CIDADE DO VATICANO

O mais pequeno Estado do mundo é o Vaticano, que se encontra encajado no coração da Itália, e que era, até 1929, parte integrante de Roma. Constitue um Estado independente e soberano em todos os sentidos, tal qual a Inglaterra, a França, a Espanha, com todos os respectivos atributos, tanto na ordem da administração interna como na das relações internacionais. Possui exército, cunha moeda, imprime seus próprios selos de correio, etc. Entretanto, a sua área total abrange apenas uns 44 hectares.

Apesar das suas limitadas proporções territoriais, encerra, além do Palácio Pontifical com os seus 1.000 quartos, um bem aparelhado observatório, uma casa da moeda, uma usina elétrica, uma excelente imprensa, uma escola, correios, um armazém, garage, cárcere, jardins e plazoletas, refúgios subterrâneos (não seja o caso que do céu também chovam bombas), e a maior das igrejas do mundo: a basílica de São Pedro.

A Cidade Vaticana possui ainda uma poderosa estação radio-emissora, instalada por Marconi em pessoa, e uma rede telefônica que permite comunicar diretamente, com todos os países do mundo. Dispõe, igualmente, uma estrada férrea de via dupla, com uns 180 metros de extensão, cuja estação é uma autêntica obra de arte, servindo-lhe de pátio de manobras um túnel de 91 metros de comprimento, que passa debaixo da colina do Vaticano. A população total é de mil pessoas, mais alma, menos alma.

Entre as suas indústrias floresce a dos tapetes, a dos

azulejos, a encadernação e a restauração de documentos e de velhos manuscritos de toda a espécie. Quanto a museus e bibliotecas, pelo número, qualidade e quantidade de obras que encerram, a Cidade Vaticana é duma riqueza incalculável.

O "exército permanente" do Vaticano é constituído pela pitoresca Guarda Suíça, que desde o século XVI vem sendo recrutada entre suíços de línguas alemã, e que conta uns cem homens. Há ainda um corpo de polícia, também com cem membros, estes todos italianos.

Antes de estabelecida a unidade da Itália, em 1870, o território que se encontrava sob a soberania papal estendia-se do Mar Tirreno ao Adriático, através do centro da Itália, e contava mais de 3 milhões de habitantes. Efetuada a unificação da Itália, sob o reinado de Vitor Manuel II, o Vaticano passou a ser propriedade do Estado embora continuasse a servir como residência do Papa e da corte pontifícia.

Em 1929, por via do Tratado Lateranense, o Vaticano constituiu-se em Estado independente e soberano, sob o nome de Estado da Cidade do Vaticano (ou Cidade Vaticana), debaixo da soberania absoluta do Papa, comprometendo-se o Governo italiano a entregar ao sumo pontífice, a título de indenização pelo território de que o reino se tinha apoderado, uma soma equivalente a mais de 39 milhões de dólares em dinheiro, e mais uns 52 milhões e meio de dólares, em obrigações da nação italiana.

Nada mais clássico da família de Carlinhos do que colocar uma roupa de praia, encher uma piscina de plástico e fazer um churrasco aos finais de semana com sol. Tudo perfeitamente organizado por sua mãe! Apesar de não ser uma casa muito grande, Laura não deixou a desejar na escolha no lugar: rodeado de montanhas e árvores. Lugar digno de uma pintura!

O mesmo tipo de narrativa pode ser construída em cima das imagens apresentadas nas páginas: I) 17 da edição de número 248; II) 19 da edição de número 256-257; e III) 47 e 48 da edição de número 259. Isto se deve ao fato delas apresentarem a construção de uma casa e o entorno de onde ela se insere. Assim, vemos o acesso da casa junto a um jardim que constroem justamente este espaço de transição entre o espaço público, frequentemente associado ao homem, e o espaço privado, associado à mulher.

1945 • SETEMBRO - OUTUBRO • 1945

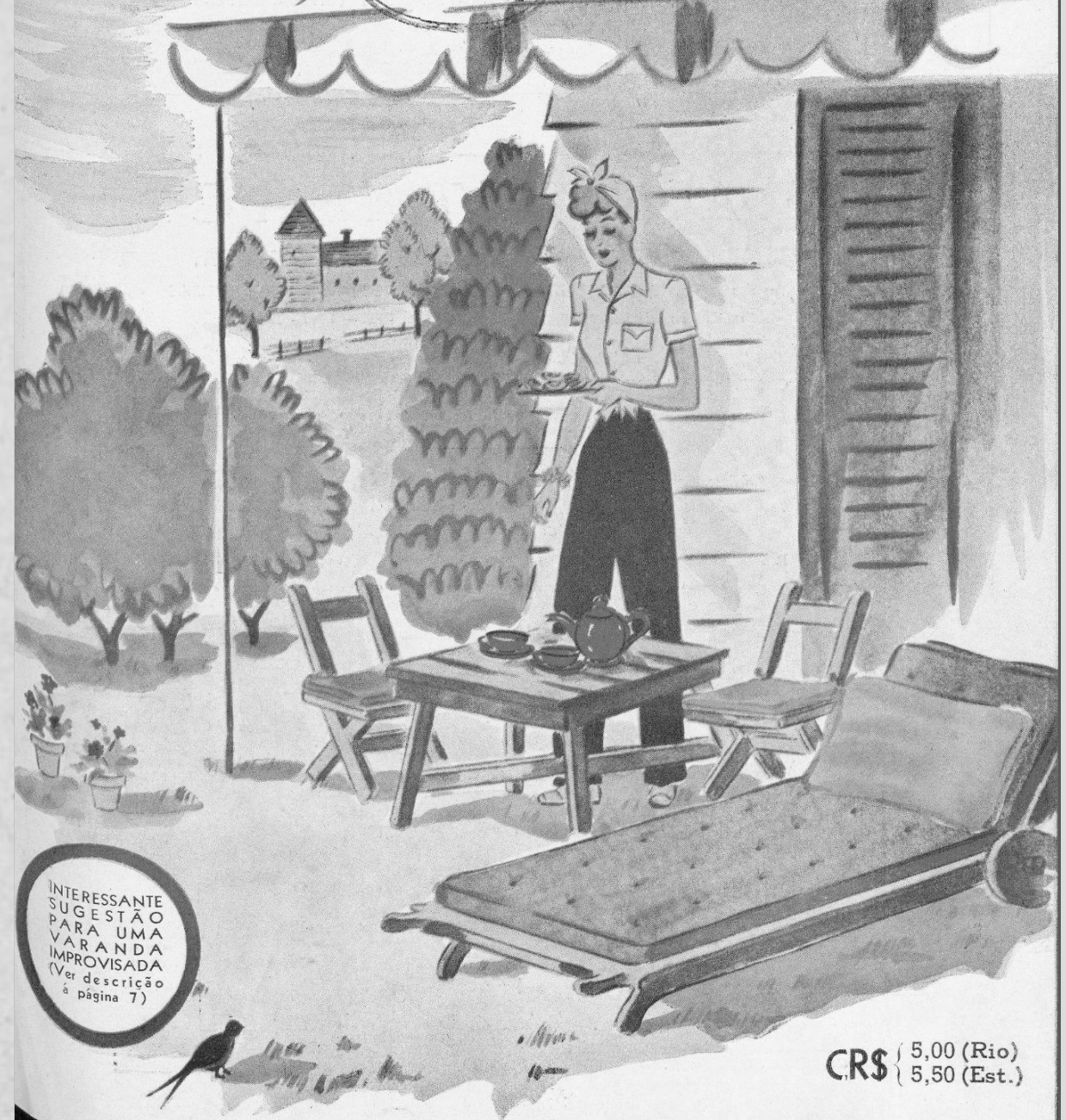
Nº
XIV

a casa

Nºs.
256-257

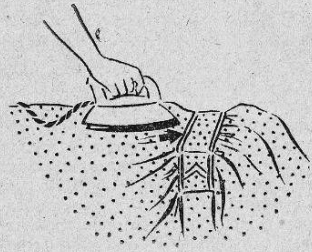
REVISTA DO LAR

BIBLIOTH. RA. NACIONAL
DE
RIO DE JANEIRO
CONT. LEGAL



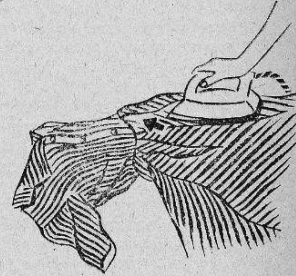
INTERESSANTE
SUGESTÃO
PARA UMA
VARANDA
IMPROVISADA
(Ver descrição
à página 7)

CR\$ { 5,00 (Rio)
5,50 (Est.)

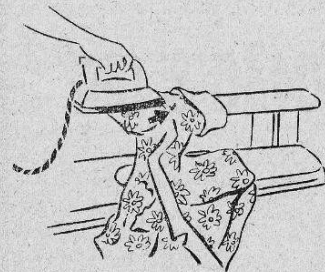


As saias franzidas são encantadoras para quase todas as silhuetas mas costumam perder inteiramente a graça quando amarradas. Para evitar isso é preciso passá-las constantemente, levando a ponta do ferro até o extremo dos franzidos com um lento movimento de zig-zag. Empregue a parte mais estreita da taboa e não aqueça muito o ferro.

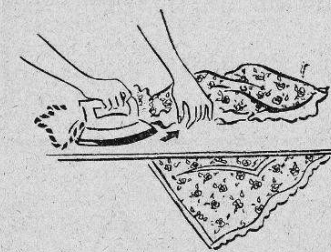
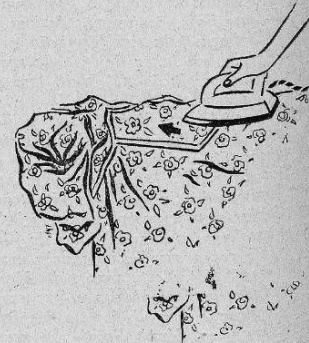
— Quando as saias forem cortadas em viés, deve-se passá-las na direção da trama do tecido, para que não se deformem. A barra deve ser passada de cima para baixo e não ao comprimento, para evitar preguinhas. Alize suavemente, sem puxar. Passe também pelo lado do avesso, mas sem encostar o ferro na costura da barra.



— As mangueiras fôjas são encantadoras, mas dão um trabalho insano para passar. As pequenas taboas, especiais para mangas são uma inovação interessante e um complemento indispensável para a clássica taboa de passar. Pelas gravuras podemos ver como se torna fácil o trabalho quando se usa uma dessas taboazinhas.

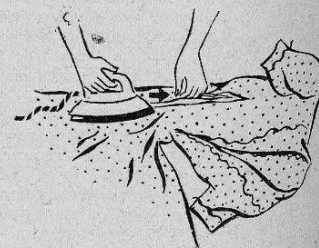


— Estamos na época dos bolsos, tanto nos vestidos esportivos como nas "toilettes" de cerimônia e um bolso mal passado põe a perder qualquer conjunto elegante. Vire o vestido pelo avesso e passe o bolso pelo lado de dentro em primeiro lugar. Do lado direito ele deve ser passado de baixo para cima evitando as rugas.



— Passar babadinhos é questão de paciência e prática. Em primeiro lugar conduza a ponta do ferro no sentido do comprimento do babado, por uns dez centímetros mais ou menos. Mude depois a direção do ferro e passe, sempre com a ponta, no sentido da largura. É preciso ter paciência e passar lentamente e por etapas, para que o trabalho fique perfeito.

— Para passar um fecho relâmpago sem estragá-lo, é preciso que esteja fechado, pelo menos este é o conselho dos fabricantes. Passe a ponta do ferro sobre a fita mas trate de não passá-lo por cima do fecho, pois poderia estragá-lo. Passe sem puxar, mas, com firmeza, principalmente no fim da costura.



Mary ouviu de uma amiga que tinha uma revista de arquitetura que ensinava a passar roupa. Tudo o que Mary pediu a Deus! Depois que se casou, tinha vergonha de dizer que não sabia nada a respeito da casa. Bendita revista! Assim ninguém precisaria saber do segredo de Mary.

O mesmo tipo de narrativa pode ser construída em cima das imagens apresentadas nas páginas: I) 22, 45 e 46 da edição de número 256-257; e II) 44, 45, 6, 49, 50, 51, 54 e 97 da edição de número 259. Isto se deve ao fato delas também sugerirem a presença do feminino a partir de um elemento específico apresentado em suas imagens, sempre no interior de um ambiente.



O QUE É "SWEET-HOME"?

LYNN BARI, DA "20TH." DA A SUA EXPLICAÇÃO — SIMPLICIDADE E BOM GOSTO

Por JAY COTH (Especial para A CASA)

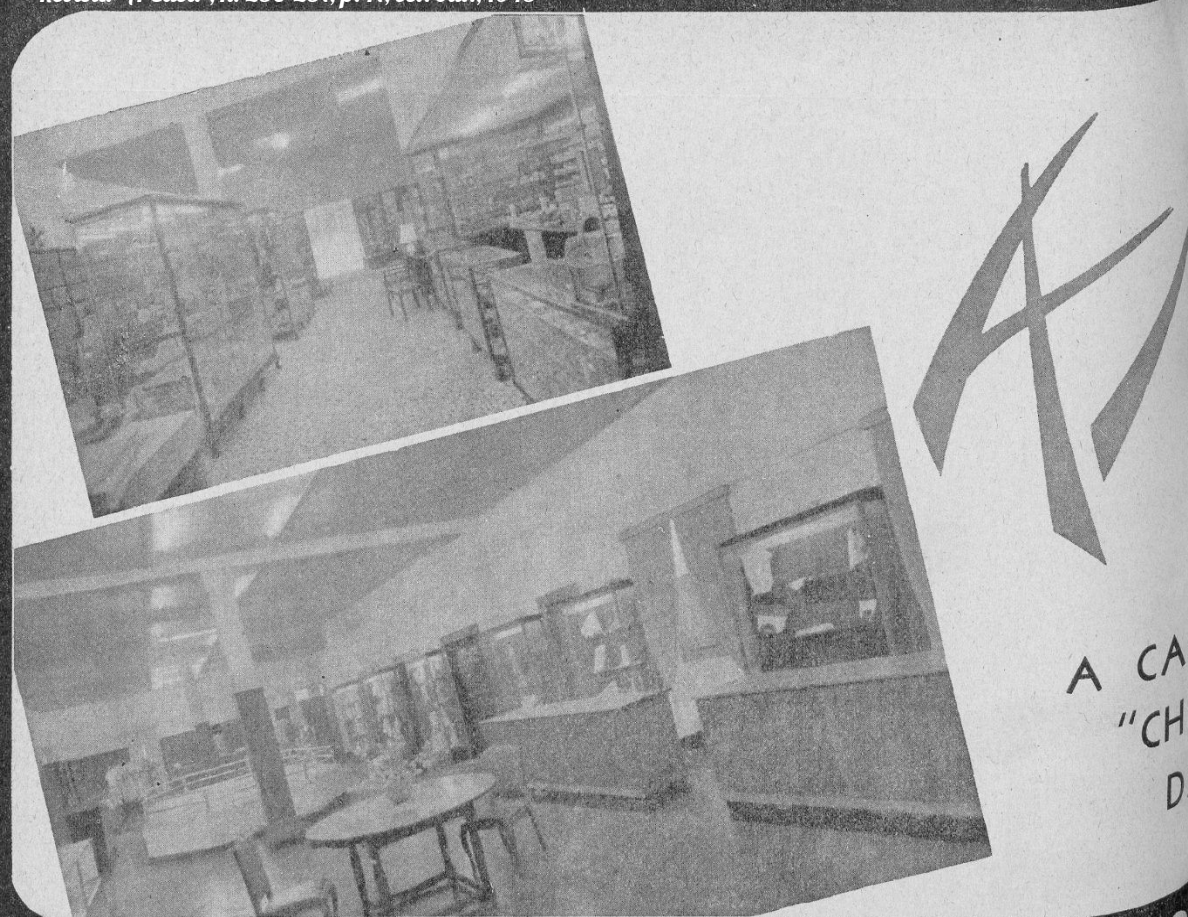
"Quando sei que alguma das minhas amigas costuma ficar alheada com a chegada inesperada de uma visita, deduzo logo que ela não conhece o que é "sweet-home". Aqui em nossa casa o processo é outro. Não que eu tenha permanentemente a preocupação de reservar meus melhores petiscos às visitas. E fiquem certas de que existe um grande número de pessoas que não compram suas gulodices porque têm o endereço das amigas que costumam fornecer-las apenas pelo prazer de agradar a visita. Conheço mesmo uma mocinha que costuma dizer assim: "— Quando tenho vontade de comer "marron-glacé" visito a prima Margherite, mas se desejo um bom sorvete, não há como ir à casa de Henriete". Vejam vocês. A culpa não é da minha amiga, mas sim da Margherite e da Henriete, que já viciaram a visita. Não pensem, porém, que sou sovina! Não! Deus me livre! Apenas trato as minhas visitas como

se fossem parentas chegadas. Se temos bombons, todos comemos. Se não temos não comemos. Em geral não recebo pessoas que estão habituadas a mexer nos meus armários, mas se aparece alguma desse gênero, uso um processo que não falha. Começo a queixar-me da empregada, que perdeu o molhe de chaves dos armários. Se na visita seguinte ela reincide, eu também repito a mentira até que ela compreenda. Para as que costumam ir diretamente à geladeira e, com ar falsamente natural, "avancar" numa ou noutra guloseima que não estou disposta a distribuir, então digo simplesmente: "— Não sei de onde surgem essas baratijas no armário, confie-me o lugar da devassa". Mas sempre tenho muito prazer em receber as pessoas amigas. Aqui em nossa casa não removemos uma cadeira, especialmente porque Juliana ou Sicrana estejam para chegar. A visita mais importante numa casa deve ser a sua pró-

pria dona. Isto é um processo que educa para sentir-se o prazer de se estar em casa. Não gosto de fazer meu lauche na copa. Não costumo usar serviços de louça especial para as visitas, e um, mais modestosinho para mim. Não compro as minhas chávenas ou cristais, para servir as visitas. Compro-os para mim. Podem ficar certas de que essa maneira de agir deixa as visitas muito mais à vontade do que a ostentação de uma demonstração de gentileza artificial. Conheci uma família que chegava ao cúmulo de deixar mojar um quiló de hiscoitos e só então os garis da casa podiam consumir a gulodice. Enquanto estavam bons eles eram guardados para as possíveis visitas inesperadas e que devoravam-nos sem prestar a mínima atenção, em poucos segundos! Isto é demais! Não somos hoteleiros. O que temos de bom em casa é para repartir com quem estiver no momento. Se não houver ninguém, paciência, consumimos nós, sozinhos..."

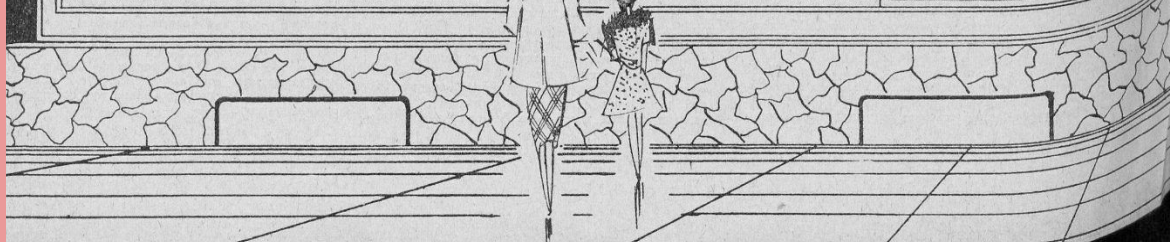
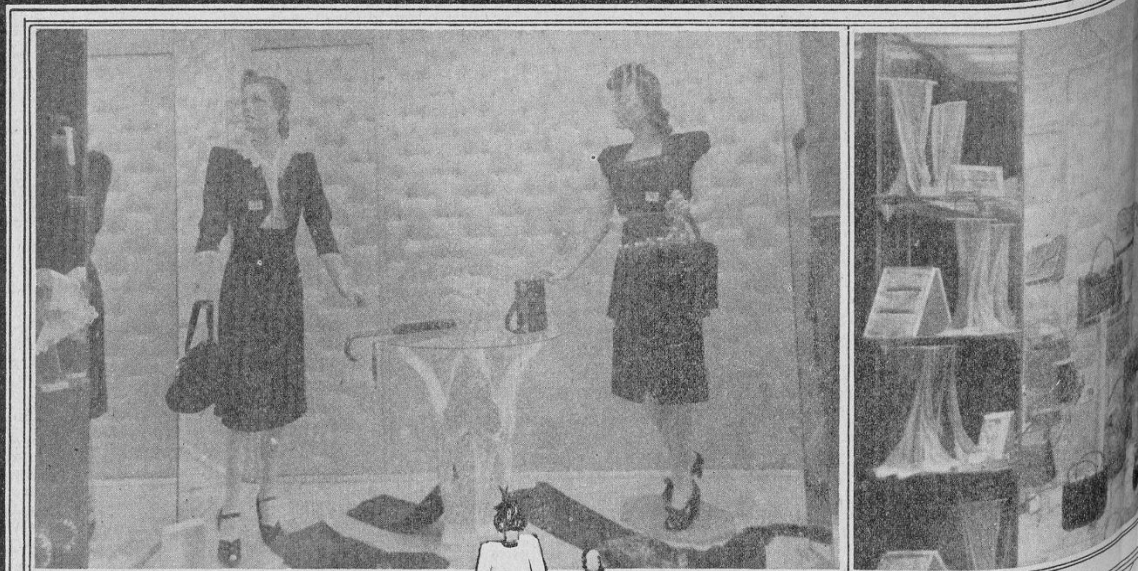
Marlene tentava explicar a Juventino o conceito de "sweet-home" que tinha lido em uma revista. Explicava não ter problema se não tivessem quitutes ou chá inglês quando viesse uma visita. Afinal, isso pouparia inúmeras idas de Marlene às pressas ao mercado.

O marido de Marlene não só não gostou da ideia como a proibiu de ler a tal revista quando soube que, além de querer mudar as coisas dentro da casa dele, ainda estava informando mulheres sobre heresias. Sobre heresias, ele quis dizer, divórcio.



A CASA
"CHI
DA

RUA SETE DE SETEMBRO



Olha, Eduardina! Que
preciosidades!

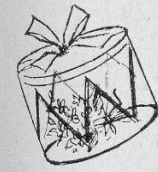
Mãe, você comprou um vestido
ontem..!

Não importa. Uma mulher deve
estar sempre bem vestida. É o que
se espera dela e, portanto, o que
espero de você.

O mesmo tipo de narrativa pode ser construída em cima das imagens apresentadas na página 18 da edição de número 256-257. Isto se deve ao fato dela também vincular a figura feminina à prática de consumo na esfera do vestuário.

Tinham acabado de sair as tendências primavera-verão. Cada modelo era mais bonito que o outro e as estampas tinham voltado à moda. Todas as mulheres estavam indo às lojas de roupa ou de tecido para começarem a se aprontar para a próxima estação e tinham sempre uma revista em suas mãos.

O mesmo tipo de narrativa pode ser construída em cima das imagens apresentadas nas páginas: I) 33, 38 e 41 da edição de número 256-257; e II) 17, 34, 35, 36, 38, 39, 42 e 43 da edição de número 259. Isto se deve ao fato delas também apresentarem a figura feminina e vinculá-la a um padrão de vestimenta e, conseqüentemente, de consumo.



1 - Nesta linda caixa de celofane, Bibi guarda suas golinhas preferidas.



2 - Flores artificiais servidas em caixas com fitinhas.



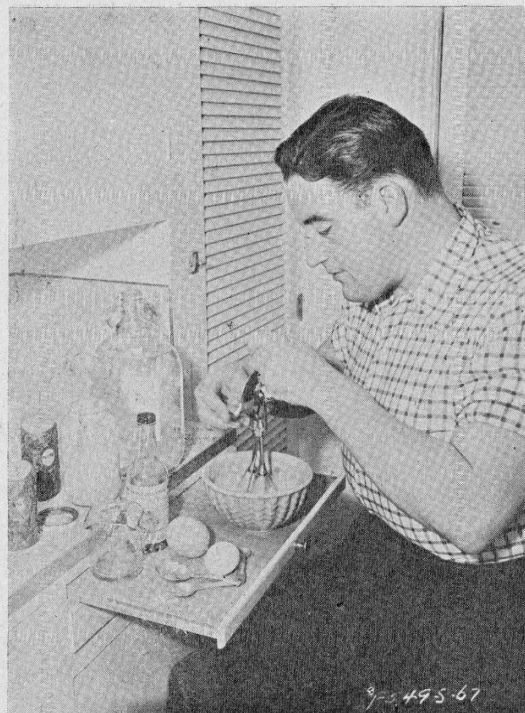
3 - Simplicidade e bom gosto, é o que a nossa jovem "estrela" quando escolhe suas "toilettes". Eis aqui um lindo modelo em crepe azul cobalto, que é um poema de graça e juventude. O pequeno gorro é um protesto contra esses inconcebíveis monumentos que estão sendo chamados de chapéus. Em feltro azul pálido, veludo e lantejoulas azul cobalto, pode ser usado com ou sem o babado de tulle azul cobalto bordado a missangas.

4 - Cabides acolchoados com algodão e forrados de setim rosa, protegem os cintos delicados das "toilettes" de seda ou veludo.

5 - Os armários de Bibi são perfumados por meio de saquinhos de vários tons e feitos, cheios de capim cheiroso e forrados com retalhos de crepe, amarrados com fitinhas.



6 - Bibi oferece às nossas leitoras uma criação sua para a Primavera: em georgete estampado em tons alegres, saia larga, decote redondo e manga japonesa, é um traço de união entre a linha prática das americanas e a elegância requintada das francesas. O chapéu grande de linha chinesa completa maravilhosamente o conjunto.



C O Z I N H A

Eis aqui alguns conselhos para economizar gaz: Antes de acender o fogão observe se os bicos estão completamente limpos, se estiverem a luz será azul e não amarela. Procure não acender todos os bicos ao mesmo tempo. Não acenda o gaz senão no momento exato em que precisar dele e não permita que a chama saia pelos lados das panelas. Cozinhe os vegetais em pouca água; isso não só economizará gaz como conservará as vitaminas.

Se deseja conservar sua geladeira durante muitos anos, trate-a com carinho. Por exemplo, nunca permita que se forme uma capa espessa de gelo, pois isso não só prejudica o maquinismo da geladeira como aumenta a conta do gaz ou da luz. Não guarde nunca os alimentos quentes, espere primeiro que esfriem. Para conservar a geladeira limpa e aumentar a conservação dos alimentos, empregue uma solução de bicarbonato de sódio para limpar os pratos, as divisões e as paredes interiores.

Para tirar manchas e dar brilho aos utensílios de alumínio, ferva neles água com vinagre. Faz o mesmo efeito que qualquer pó de dar brilho e não desgasta o metal.

1 — Seu marido gosta de cozinhar? E por que não? Se as mulheres auxiliam os homens a sustentar financeiramente o lar, por que estes não poderão auxiliá-las nos trabalhos domésticos? Peça ao seu marido

que siga o exemplo de Laird Gregar, o europeu que a guerra trouxe para ser o "homem mãe" de tantos filmes americanos e que no fundo não passa de um "manso cor-deirinho", muito amigo dos trabalhos domésticos. Ei-lo aqui batendo ovos para um bolo que fará as delícias de um jantar em família.

2 — Eis aqui outro exemplo de marido perfeito, auxiliando a jovem esposa no trabalho da cozinha.

3 — E para que não se diga que cozinhar não é serviço para homem, temos aqui as mãos de Giuseppe Milani um mestre internacional na arte de cozinhar, que nos mostram a maneira certa de trinchar galinha para um jantar de cerimônia. A carne branca deve ser cortada em fatias.

2 — Para separar as pernas, as azas e outros pedaços perigosos de serem trinchados, porque é preciso cortá-los bem juntos, Giuseppe usa um outro prato e muito cuidado. A faca deve ser especial e estar muito afiada.

CAIPIRAS

125 grs. de açúcar
250 grs. de manteiga
1 colher de sobremesa de fermento
3 gemas
Um pouco de baunilha
Farinha de trigo até poder enrolar na mão.

Bate-se a manteiga com o açúcar durante meia hora, depois as gemas após a farinha misturada com o fermento, até adquirir consistência suficiente para fazer bolinhas. Vão ao forno regular; quando estiverem corando, fura-se no meio com o cabo de uma faca e voltam ao forno para acabar de assar. Depois de prontas enfeitase o centro das caipiras com geleia de morango ou outra qualquer.

BEIJINHOS

Leite de 1 côco
3 gemas
Açúcar à vontade
1 colher de chá de sal
Meio quilo de araruta
3 colheres de sopa de manteiga.
Rala-se o côco e espreme-se o leite; em uma vasilha põem-se as gemas com o sal, o açúcar e a manteiga. Bate-se bem, depois coloca-se a araruta. Amassa-se bem com as mãos; fazem-se as bolinhas. Se a massa estiver pegando na mão, é sinal de que precisa mais farinha. Forno regular.

Bebeto tinha 37 anos. Já tinha vivido alguns capítulos importantes de sua vida: presenciou as bodas de ouro dos seus pais, casou-se com a mulher que amava, com ela teve dois filhos, ... Mas aquele dia tinha sido marcante na vida dele. Bebeto estava ajudando a esposa na cozinha pela primeira vez!

Mas não se enganem, também tinha sido um dia importante para Josefa ao constatar a sorte que tinha de ter um marido como Bebeto, Josefa percebeu que nunca pediria o divórcio. Afinal, que homem que ajuda a mulher na cozinha? Só mesmo Bebeto.

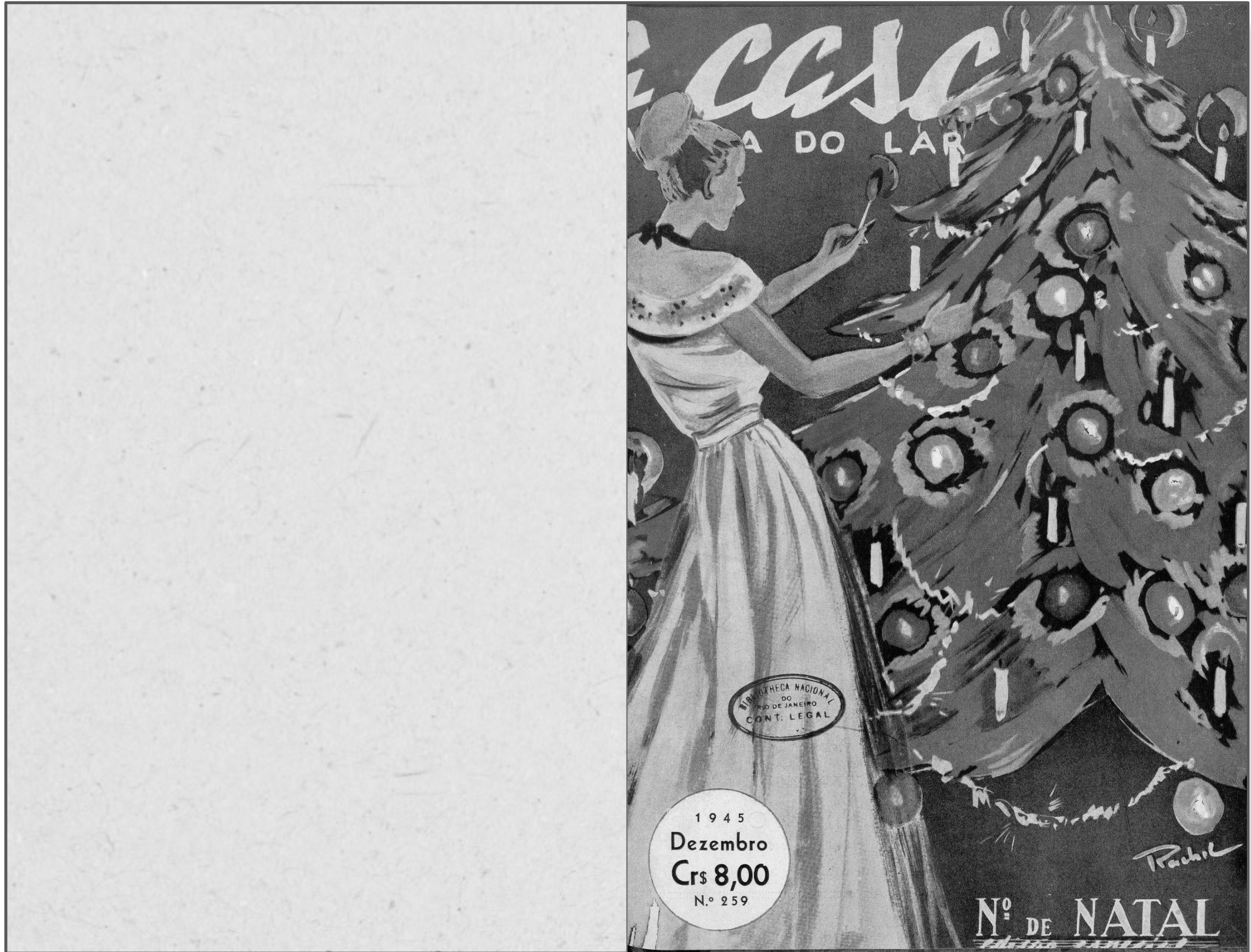
O mesmo tipo de narrativa pode ser construída em cima das imagens apresentadas nas páginas: I) 21 da edição de número 256-257; e II) 11 e 66 da edição de número 259. Isto se deve ao fato delas também apresentarem a imagem de uma mulher vinculada ao imaginário de "família perfeita", que consiste na presença de uma mulher, um homem e filhos, todos de acordo com características específicas.

Era o primeiro dia de Ceci em sua casa nova, aquela que compartilharia com seu marido até o final de suas vidas. Tentando arrumando a estante, percebeu que não sabia decorar ou organizar uma casa. Ao contrário do que seu pai lhe disse, Ceci não estava "tirando de letra, como qualquer mulher faria".

Que tipo de esposa era Ceci se não sabia nem arrumar os livros do marido?

O mesmo tipo de narrativa pode ser construída em cima das imagens apresentadas nas páginas: I) 34 da edição de número 248; II) 31 e 32 da edição de número 256-257; e III) 13 e 67 da edição de número 259. Isto se deve ao fato delas também apresentarem a figura feminina, no interior de uma casa e praticando algum trabalho doméstico, e condicioná-lo a papel de boa esposa.

Arranjos Interiores
Não esqueça que entre as suas qualidades de boa esposa, deve incluir o carinho no trato dos livros do seu marido.



BIBLIOTECA NACIONAL
DO RIO DE JANEIRO
CONT. LEGAL

1945
Dezembro
Cr\$ 8,00
N.º 259

Nº DE NATAL



MARIA DE LOURDES CORDEIRO VIEIRA

Ruth Weber Levy representa um tipo relativamente raro: uma comerciante que não tem casa de modas e sim um escritório de representações. Sabendo que a própria novidade do fato pode levantar dúvidas quanto à sua capacidade profissional, usa um interessante estratagema: sua firma leva o nome de R. Levy, para que se imagine que se trata de um Raul, Roberto ou Renato, em lugar de uma encantadora Ruth. É Secretária Social da Cruz Vermelha e esteve na Alemanha até o princípio da guerra. Poderia contar um mundo de coisas esclarecedoras e terríveis, mas prefere não falar nisso.

Procuramo-la em seu escritório da Avenida Churchill e lhe fizemos a primeira pergunta. Ruth respondeu-nos:

— Em princípio, sou inteiramente favorável ao divórcio, dentro de certos limites. Quero dizer com isso que a causa do pedido deve ser importante e não uma ninharia. Há coisas na vida de um casal que impossibilitam a continuação da vida em comum. Mas sou, é claro, absolutamente contrária às facilidades que certos países dão com relação ao divórcio.

— E quanto ao desquite?

— Prefiro o divórcio ao desquite porque possibilita o segundo casamento, o que não acontece com aquele. Acho indispensável a possibilidade do segundo casamento, não tanto pelos cônjuges, porque de um modo ou de outro a sociedade passa a aceitá-los e dois desquitados que se amam não necessitam tanto de ver legalizada sua união; desejo-o ainda pelos filhos que

DIVÓRCIO

possam vir a nascer, porque estes precisam ter sua situação legalizada.

Quando lhe perguntamos se admitia o divórcio por mútuo consentimento, ela nos disse:

— Desde que não haja filhos, o ideal (se é que neste assunto se pode usar esta palavra) é que o divórcio possa ser obido por consentimento mútuo. Não vejo motivo para que duas pessoas que, depois de viverem intimamente unidas descobriram que há motivos para se separarem, tenham de tornar-se inimigas pela continuação obrigatória da vida em comum. Nestes casos, vindo logo a separação, a lembrança dos dias em que, juntos, foram felizes pode permitir que mantenham até relações de amizade, depois de separados. Conheço muitos casos de casais divorciados que se tornaram excelentes amigos. Mas quando existem filhos, o divórcio deve ser concedido só em último caso, pois são os filhos que sofrem e não os pais.

Perguntamos ainda se achava que o divórcio deveria ser adotado no Brasil e qual a situação da mulher em face do divórcio.

— Acho que deve ser adotado imediatamente e que a mulher nada tem a perder com ele. Só tem a ganhar.

♦

Maria de Lourdes Cordeiro Vieira é uma jovem advogada, agora na faina de montar um novo escritório. Conseguimos detê-la um momento e lhe fizemos a primeira pergunta. prontamente ela respondeu-nos:

— Não sou favorável nem contrária ao divórcio. Acho, porém, que é uma solução que só interessa aos cônjuges. Para a prole, os resultados são os mesmos que os do desquite. Qualquer pessoa, pondo-se no lugar da esposa abandonada ou do marido descontente com sua cara metade, é favorável ao divórcio. Mas não devemos esquecer que, se o divórcio beneficia os cônjuges infelizes permitindo-lhes uma nova união legal, essa mesma possibilidade vem tornar a instituição do casamento mais fragil e, portanto, os filhos menos protegidos. Porque o casamento não visa apenas legalizar as relações sexuais entre o homem e a mulher, não é somente um contrato que celebram dois nubentes para uma melhor vida futura, mas tem como principal finalidade a proteção da prole que dele ha de vir.

— E quais as vantagens ou desvantagens que você vê no divórcio em relação ao desquite?

— Ambas as soluções têm vantagens e desvantagens manifestas. O divórcio, sendo a dissolução do

Isaurinha ficou pasma ao abrir a revista e logo ligou para Nalva. Estavam falando de divórcio! Isaurinha desabafou: "Logo "A Casa", a revista que costumava falar de família... E ainda por cima estavam mostrando mulheres negras agora... vestidas de terno. Coisa de homem! Nunca mais entra aqui em casa!"

O mesmo tipo de narrativa pode ser construída em cima das imagens apresentadas nas páginas 55, 57, 58 e 83 da edição de número 259. Isto se deve ao fato delas também apresentarem a figura feminina, no interior de um ambiente, e a relacionarem a matérias que as desvincula da narrativa pautada no gênero e, portanto, as afasta fisicamente e dentro do imaginário criado espaço doméstico.

2.5. Revista DES.CASA - Parte II



A DES.CASA - Parte II surge a partir do cruzamento dos temas apresentados nas imagens analisadas da revista “A Casa” com questões e questionamentos contemporâneos que contribuem para os questionamentos que tocam a construção do imaginário feminino. O formato de apresentação, bem como o meio escolhido para a veiculação – plataforma Instagram – remetem-se à disputa de imagens citada anteriormente, incitada pela reportagem da revista Veja. A ideia de reposicionar elementos específicos de uma imagem já existente, ou substituí-los por novos, dando um novo caráter e gerando uma nova comunicação para aquela figura foi o fio condutor para a produção das imagens a seguir.

Alguns testes foram feitos até que se chegasse a uma espécie de padrão, que contempla uma borda branca e uma mesma paleta de cor. Esta padronização permitiu que a leitura da página inicial do instagram fosse feita a partir de linhas, onde cada uma diz respeito a um tema originado da Casa.

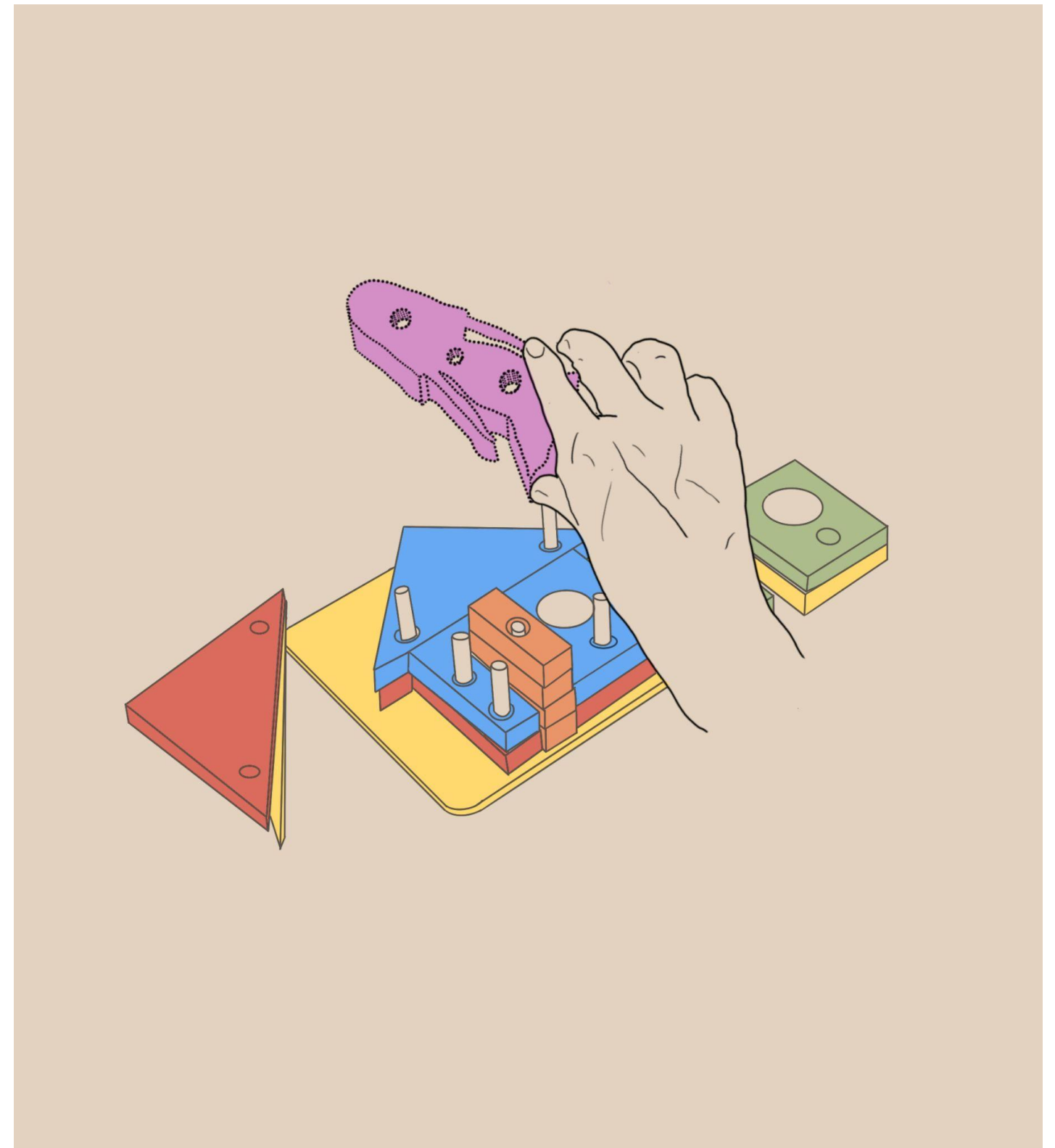


Figura 11 - Imagem de capa do Instagram da revista DES.CASA. Fonte: Autoria própria.



Figura 12 - Postagem do Instagram da revista DES.CASA. Fonte: Autoria própria.



Figura 13 - Postagem do Instagram da revista DES.CASA. Fonte: Autoria própria.



Figura 14 - Postagem do Instagram da revista DES.CASA. Fonte: Autoria própria.



Figura 15 - Postagem do Instagram da revista DES.CASA. Fonte: Autoria própria.



Figura 16 - Postagem do Instagram da revista DES.CASA. Fonte: Autoria própria.



Figura 17 - Postagem do Instagram da revista DES.CASA. Fonte: Autoria própria.



Figura 18 - Postagem do Instagram da revista DES.CASA. Fonte: Autoria própria.

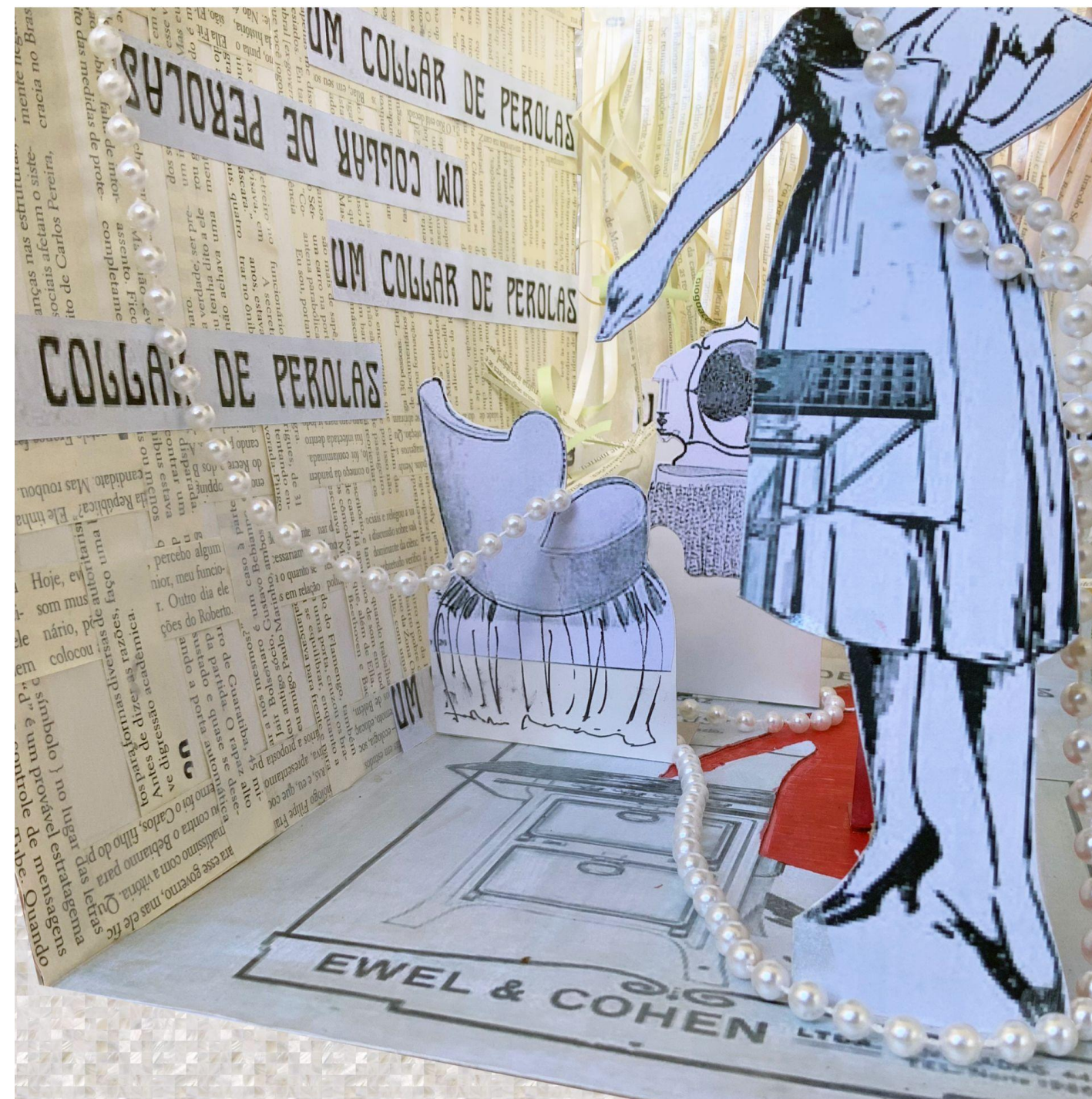


Figura 19 - Postagem do Instagram da revista DES.CASA. Fonte: Autoria própria.

2.6. Análises quantitativas

No início da DES.CASA - Parte I, foi apresentada uma legenda que identifica, em diferentes tonalidades de verde e rosa, as classificações estabelecidas para as páginas do recorte da revista "A Casa". A legenda foi de acordo com o seguinte critério:

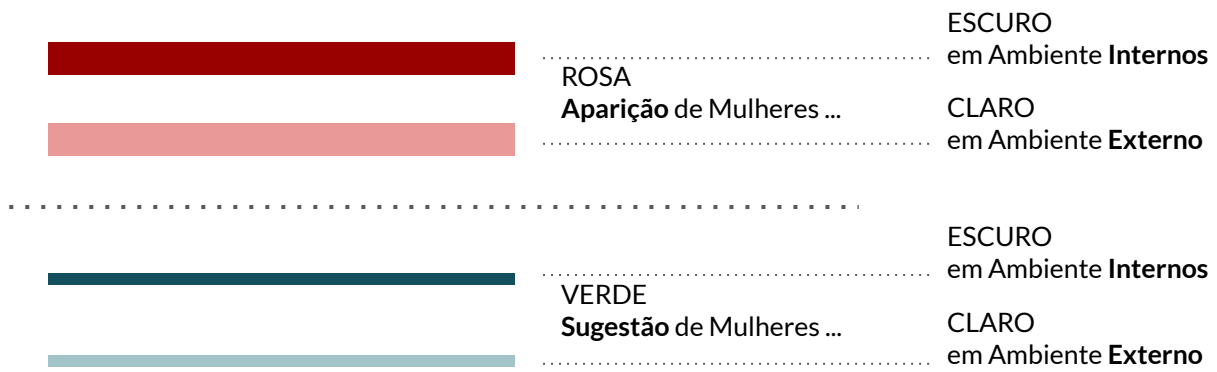
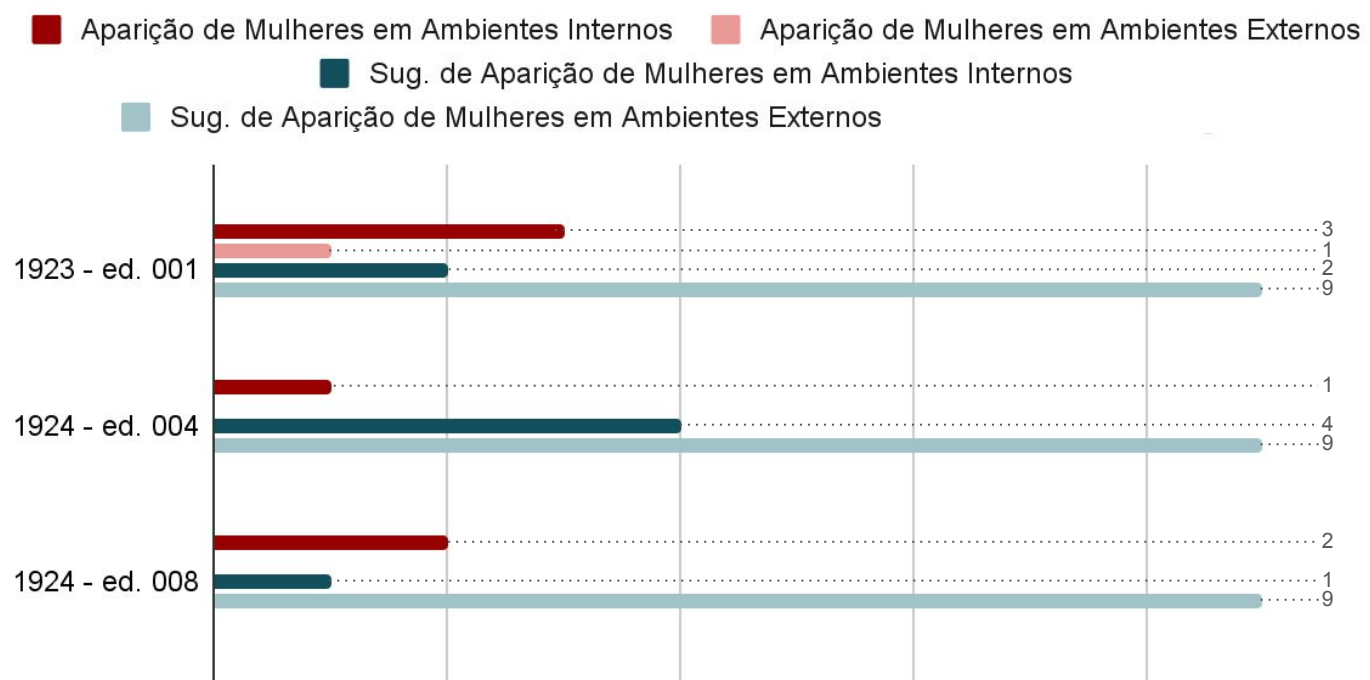


Figura 20 - Esquema que exemplifica o critério aplicado nas cores utilizadas para a construção da legenda na revista DES.CASA - Parte I.. Fonte: Autoria própria.

A fim de promover uma análise comparativa entre os blocos estabelecidos no recorte de acordo com as categorias acima listadas, foi feito um levantamento quantitativo de quantas páginas cada edição continha em cada categoria. A partir destas informações, foram gerados dois tipos de gráfico: I) em formato de barras, que apresenta os resultados das três edições que compõem cada bloco individualmente; II) em formato de pizza, que apresenta o resultado total referente aquele bloco. Por fim, foi gerado um gráfico (em linhas) comparativo entre os resultados finais dos três blocos, visando estabelecer uma análise crítica em relação aos momentos escolhidos previamente.



Gráfico 1: Análises Individuais das edições 001, 004 e 008

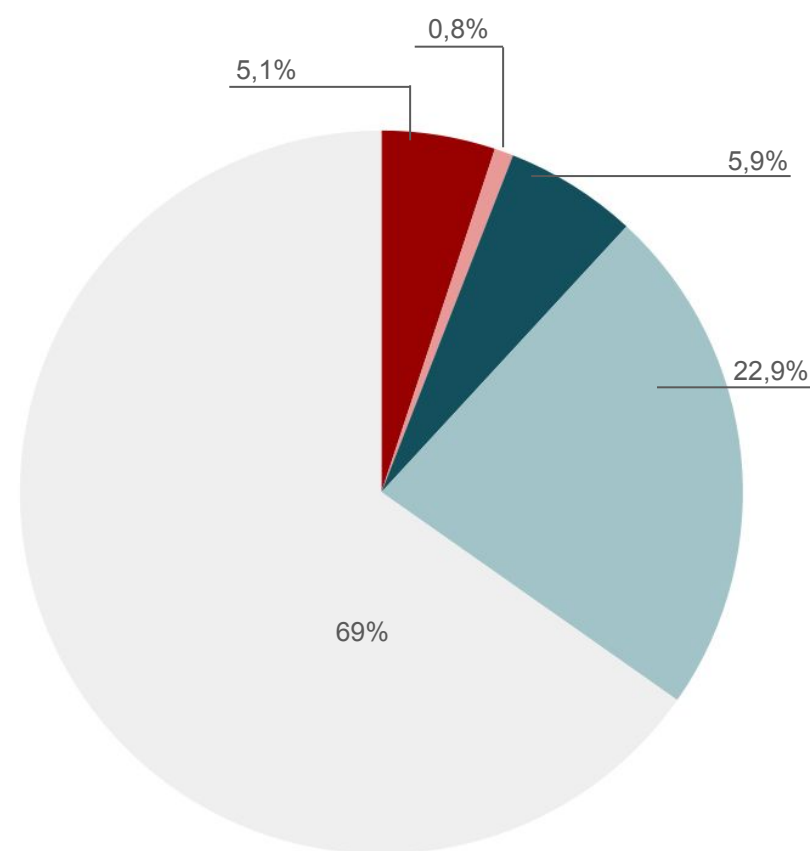


No gráfico 1 é possível perceber os índices levantados¹⁶ correspondentes a cada uma das edições que compõem o Bloco 1 – são elas: 001, 004 e 008. Com relação a categoria “Aparição de Mulheres em Ambientes Internos”, é notável uma diminuição da edição 001 para a edição 004 e então, um aumento da edição 004 para 008. Em números, os valores passam de 3 para 1 e de 1 para 2 páginas. A categoria de “Aparição de Mulheres em Ambientes Externos” só é contabilizada na edição de número 001, identificada em uma única página.

Ao analisarmos as páginas classificadas como “Sugestão de Aparição de Mulheres em Ambientes Internos”, é perceptível sua constância durante as três edições analisadas, se mantendo no valor de 9 páginas. A categoria de “Sugestão de Mulheres em Ambientes Externos” no entanto, aumenta da edição 001 para a edição 004 e diminui da edição 004 para a edição 008, atingindo por fim um número de páginas inferior ao da primeira edição. Em números, os valores passam de 2 para 4 e de 4 para 1 página.

Gráfico 2: Análise Final do Bloco 1

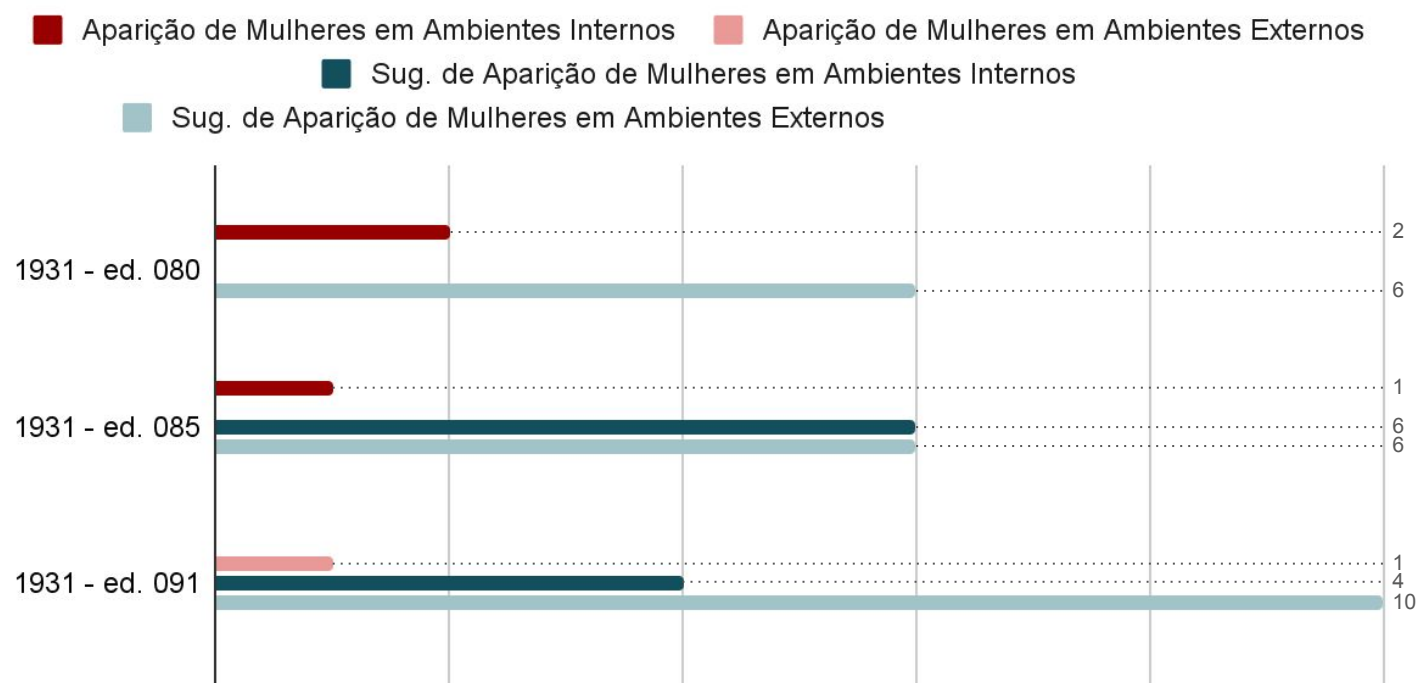
- Aparição de Mulheres em Ambientes Internos - 6 p.
- Aparição de Mulheres em Ambientes Externos - 1 p.
- Sug. de Aparição de Mulheres em Ambientes Internos - 7 p.
- Sug. de Aparição de Mulheres em Ambientes Externos - 27 p.
- Restantes das Páginas - 77 p.



No gráfico 2, quando comparamos as classificações que identificam a **presença efetiva** da imagem feminina (rosa) com as que identificam a **sugestão** dessa presença (verde), concluímos que a porcentagem da segunda é consideravelmente maior, atingindo o valor de 28,8% (quando somadas). Isto se deve ao fato de o Bloco 1 corresponder ao momento inicial do periódico, ou seja, quando este ainda tinha como tema principal projetos de arquitetura. Foram a partir dos desenhos destas arquiteturas veiculados – perspectivas que retratam principalmente o exterior da casa e sua relação com o entorno imediato do terreno – que se construiu grande parte das narrativas deste primeiro bloco da Des.casa. As imagens que continham efetivamente a figura de mulheres encontravam-se no contexto de anúncios de produtos vinculados ao espaço doméstico, como mobiliário, eletrodoméstico, etc.

¹⁶. As páginas analisadas e classificadas não se restringem as neste caderno mostradas. Foram analisadas todas as páginas das descritas edições que se enquadrassem nas categorias criadas.

Gráfico 3: Análises Individuais das edições 080, 085 e 091



No gráfico 3 é possível perceber os índices levantados correspondentes a cada uma das edições que compõem o Bloco 2 – são elas: 080, 085 e 091. Com relação a categoria “Aparição de Mulheres em Ambientes Internos”, é notável uma diminuição da edição 080 para a edição 085 e então, um desaparecimento na edição 091. Em números, os valores passam de 2 para 1 e de 1 para 0 páginas. A categoria de “Aparição de Mulheres em Ambientes Externos” só é contabilizada na edição de número 091, identificada em uma única página.

Ao analisarmos as páginas classificadas como “Sugestão de Aparição de Mulheres em Ambientes Internos”, é perceptível seu aumento da edição 080 para a edição 085 e uma pequena redução para a edição 091. Em números, os valores passam de 0 para 6 páginas, chegando a 4 páginas na edição 091. A categoria de “Sugestão de Mulheres em Ambientes Externos” tem uma constância em seus índices nas edições 080 e 085, mantendo o valor em 6 páginas, e um aumento considerável na edição 091, quando chega a 10 páginas.

Apesar de no ano 1931 o periódico já ter iniciado seu primeiro direcionamento explícito ao público feminino, quando comparamos as classificações que identificam a **presença efetiva** da imagem feminina (rosa) com as que identificam a **sugestão** dessa presença (verde) – gráfico 4 –, concluímos que a porcentagem da segunda é consideravelmente maior, atingindo o valor de 27,6% (quando somadas). Surpreendentemente as outras temáticas que começaram a ser abordadas para além dos projetos arquitetônicos, abrindo espaço para uma maior quantidade de anúncios de produtos relacionados ao espaço doméstico, não se apropriaram da figura da mulher e sim da aposta do imaginário que a vincula aos espaços representados.

Gráfico 4: Análise Final do Bloco 2

- Aparição de Mulheres em Ambientes Internos - 3 p.
- Aparição de Mulheres em Ambientes Externos - 1 p.
- Sug. de Aparição de Mulheres em Ambientes Internos - 10 p.
- Sug. de Aparição de Mulheres em Ambientes Externos - 22 p.
- Restantes das Páginas - 80 p.

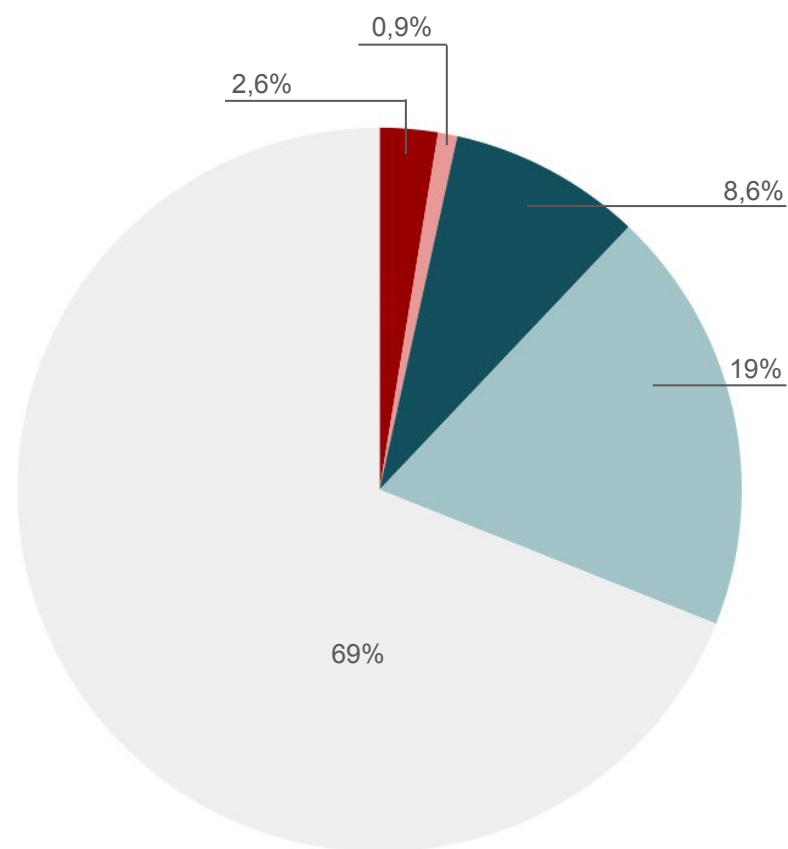
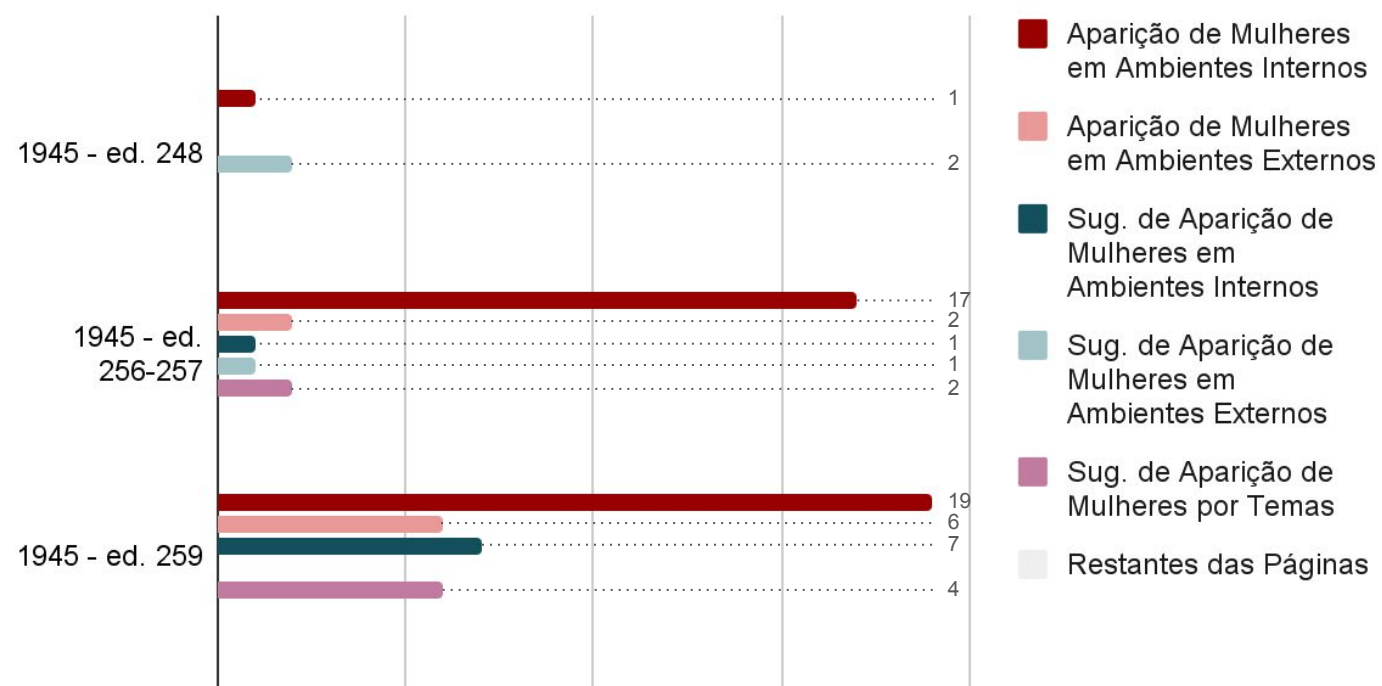


Gráfico 5: Análises Individuais das edições 248, 256-257 e 259

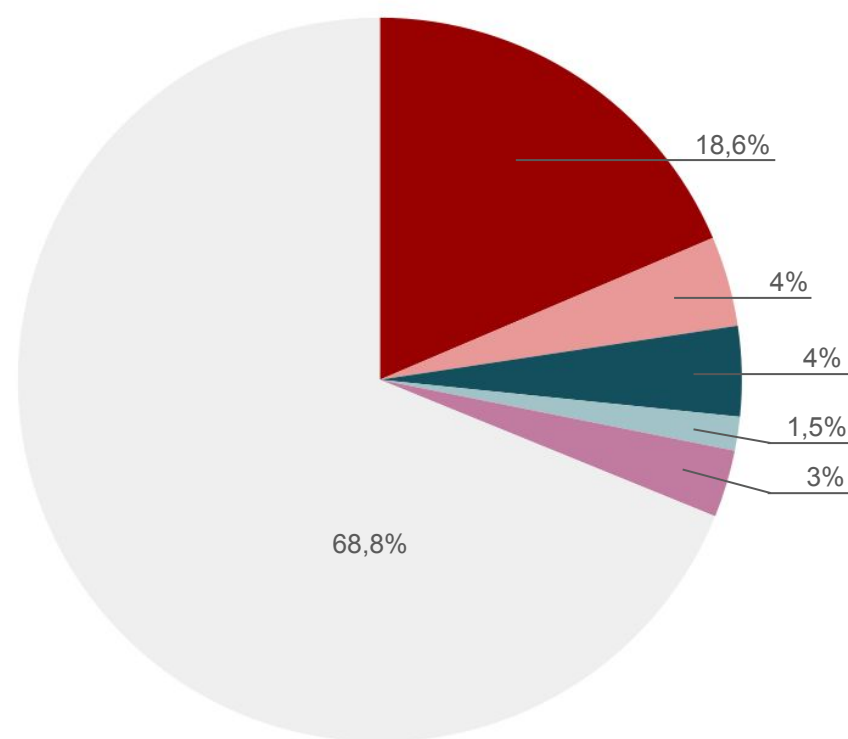


No gráfico 5 é possível perceber os índices levantados correspondentes a cada uma das edições que compõem o Bloco 2 – são elas: 248, 256/257 e 259. Com relação a categoria “Aparição de Mulheres em Ambientes Internos”, é notável um acréscimo substancial a partir da edição de 256/257, onde teve um salto de 1 para 17 páginas classificadas nesta categoria, chegando a 19 páginas na edição 259. Além disso, assim como como a categoria anterior, a “Aparição de Mulheres em Ambientes Externos” também aumentou significativamente, passando em números, de 0 para 2 e de 2 para 6 páginas. Estes dados representam a intensa transformação sofrida pela revista durante o ano de 1945, especialmente a partir dos meses de setembro e outubro, onde há um grande e explícito apelo ao público feminino por parte do periódico e uma apropriação muito forte da imagem da mulher, vinculando-a com o espaço doméstico, especialmente com o espaço interior da casa.

O reforço deste imaginário pautado no gênero por parte do periódico também pode ser sustentado pelos índices crescentes da categoria “Sugestão de Aparição de Mulheres em Ambientes Internos”. Por outro lado, com o aumento da veiculação de temas relacionados ao gênero feminino, o número de páginas destinadas a projetos de arquitetura caiu drasticamente, o que acarretou na diminuição das páginas classificadas na categoria “Sugestão de Aparição de Mulheres em Ambientes Externos”. Em números, os valores passam de 2 para 1, e de 1 para 0 páginas ao longo das edições analisadas.

Gráfico 6: Análise Final do Bloco 3

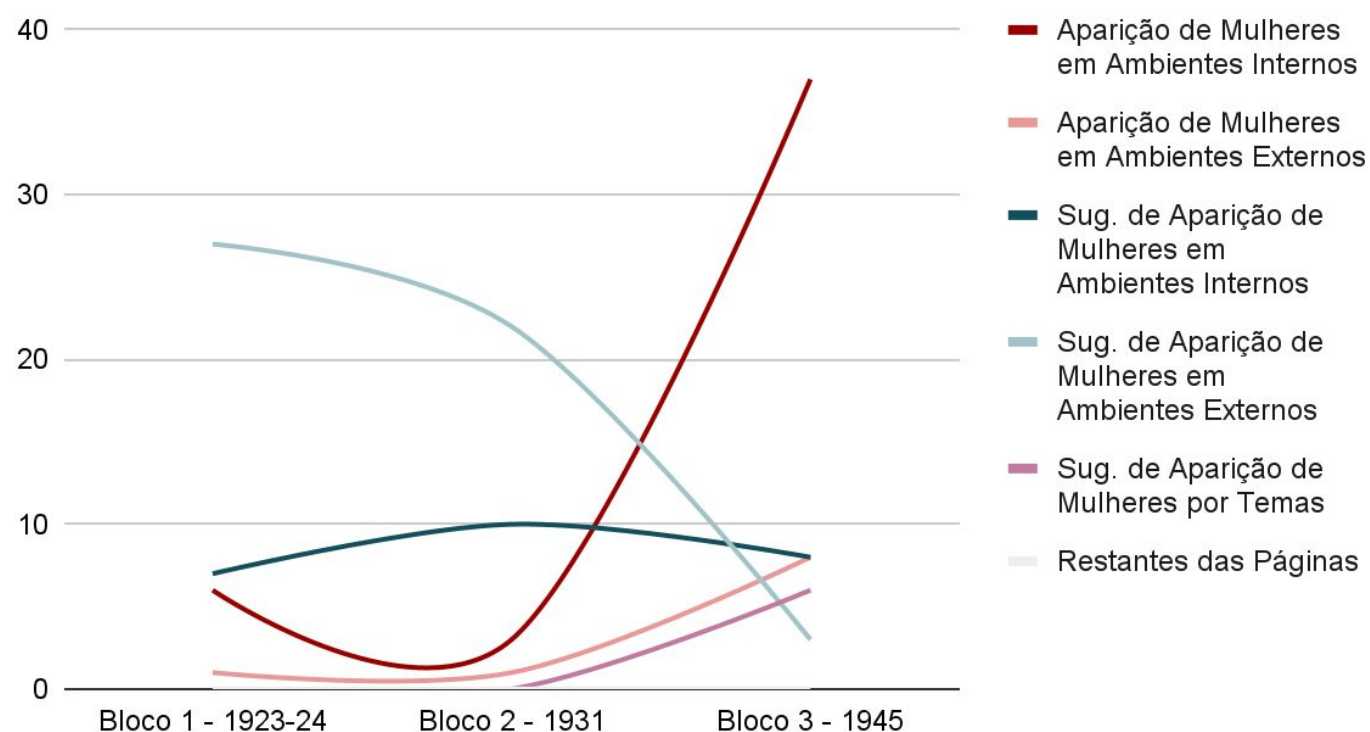
- Aparição de Mulheres em Ambientes Internos - 37 p.
- Aparição de Mulheres em Ambientes Externos - 8 p.
- Sug. de Aparição de Mulheres em Ambientes Internos - 8 p.
- Sug. de Aparição de Mulheres em Ambientes Externos - 3 p.
- Sug. de Aparição de Mulheres por Temas - 6 p.
- Restantes das Páginas - 137 p.



Uma especificidade importante do Bloco 3 foi a necessidade de se criar a categoria “Sugestão de Aparição de Mulheres por Temas”. Isto se deu pela percepção de um vínculo crescente da figura feminina de forma mais consistente com o texto que estava sendo veiculado junto à imagem – e consequentemente com o tema que este abordava – do que com o espaço em que a inseriram. Nestes casos, o papel da arquitetura na **representação na imagem do femino** foi considerado coadjuvante.

Ao analisarmos o gráfico 6, identificamos o Bloco 3 como o único do recorte analisado em que a porcentagem das classificações que indicam a **presença efetiva** de mulheres (rosa) somadas supera a porcentagem das classificações que indicam a sugestão dessa presença (verde).

Gráfico 7: Análise Comparativa entre os Blocos 1, 2 e 3

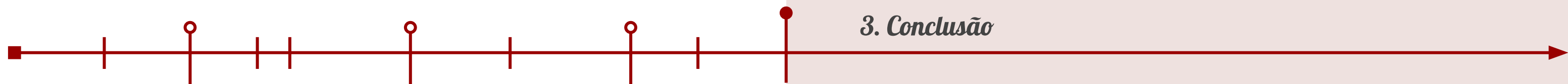


O gráfico acima é um comparativo entre os resultados obtidos nos Blocos 1, 2 e 3. A partir dele, é possível estabelecer duas principais constatações: enquanto os índices das categorias “Aparição de Mulher em Ambientes Externos” e “Sugestão de Aparição de Mulheres em Ambientes Internos” se mantêm razoavelmente estáveis, os números referentes a “Aparição de Mulheres em Ambientes Internos” e “Sugestão de Aparição de Mulheres em Ambientes Externos” se modificam consideravelmente a partir das edições de 1945.

Ao se apropriarem de forma mais constante da figura feminina nas edições 255/256 e 259, naturalmente a contribuição do imaginário do leitor na formação de narrativas diminui. No entanto, é interessante ressaltar que os vinculados ao gênero feminino representado são em sua grande maioria o espaço interior e, reforçando esta ideia, o índice que sugere a presença feminina que diminui é o que a atribui ao espaço externo.

Se somarmos a porcentagem de todas as categorias criadas de cada bloco, entendendo que a força da construção de uma narrativa a partir do imaginário é tão forte quanto a presença efetiva da figura feminina, nos deparamos com os seguintes números: Bloco 1 - 34,7%; e Blocos 2 e 3 - 31,1%. Ainda que as porcentagens sejam muito próximas, é surpreendente o fato da maior numeração ter aparecido junto ao Bloco 1, momento inicial da revista “A Casa”, em que ainda se mostrava extremamente comprometida com a divulgação de projetos de arquitetura. Dados como este nos mostram a potência e influência dos imaginários na construção e perpetuação dos mesmos.





3. Conclusão

No presente trabalho, analisou-se as imagens do feminino na revista “A Casa”, em um recorte pré-estabelecido a fim de verificar a influência da representação da arquitetura na construção de imaginários pautados no gênero. Além disso, produziu-se uma Linha do Tempo, vinculando as mudanças de editorial da revista a fatores políticos, históricos e sociais significativos da época, que pudessem ter interferido o rumo do periódico. Como produto, foi desenvolvida a revista DES.CASA, subdividida em duas partes, que são disponibilizadas no presente caderno e na plataforma Instagram, sob o usuário “@revista_des.casa”, respectivamente.

De maneira geral, mostrou-se que a revista “A Casa” aumentou a veiculação de imagens do feminino a partir do ano de 1945, especificamente a partir da edição de número 256-257. A necessidade da criação da categoria “Sugestão da Aparição de Mulheres por Temas”, no entanto, mostrou uma crescente importância dos textos na comunicação da informação. A identificação da maior presença da figura feminina permitiu uma contribuição cada vez menor dos leitores do periódico para construção de uma narrativa. Os signos foram cada vez mais manipulados e dispostos em locais estratégicos, de forma a costurar uma história já consolidada.

O mesmo se vê em muitas imagens do feminino veiculadas atualmente. O caso da Marcela Temer é trazido a fim de ilustrar tal manipulação da figura da mulher para que esta caiba em um estereótipo pré-existente. Porém, o fato deste último muitas vezes não corresponder à realidade de grande parte das mulheres, faz com que a manipulação da imagem da mulher no Brasil seja um campo notadamente em disputa — especialmente no que diz respeito à classe média.

Então, entendendo as imagens consumidas como produtos de signos arranjados, a representação da arquitetura é considerada sim um fator de impacto na consolidação do imaginário pautado no gênero a partir do momento em que atribui (de forma explícita ou não) o feminino ao espaço doméstico, onde a consequência disso é a perpetuação deste imaginário.

Além disso, a produção da DES.CASA em duas partes, que exigiram duas formas distintas de pensar e executar, evidencia o quanto nosso imaginário é articulado a partir dos elementos que consumimos — e o quanto estes respondem a diferentes lógicas de construção a depender do objetivo que queiram atingir.



4. Bibliografia

AGREST, Diana I. À margem da arquitetura: corpo, lógica e sexo. In: NESBITT, Kate (Org.). **Uma nova agenda para a arquitetura**. São Paulo: Cosac Naify, 2008. p. 585-599.

AMORA, Ana Albano. Arquitetura em Revista – o moderno e a tradição em dois periódicos representativos dos campos acadêmico e profissional da arquitetura e do urbanismo. **Docomomo**. 2006. p. 1-18. Disponível em: <<http://docomomo.org.br/wp-content/uploads/2016/01/041-1.pdf>>. Acesso em: 23 ago. 2021.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. **Racismos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Takano Editora, v. 49, p. 49-58, 2003.

FAVERO, Marcos. **Dos mestres sem escola à escola sem mestre**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal do Rio de Janeiro. p. 194. 2009.

FELZ, Jorge Carlos. A fotografia de imprensa nas primeiras décadas do século XX – o desenvolvimento do moderno fotojornalismo. In: **Trabalho apresentado ao GT História da Mídia Visual do VI Congresso Nacional de História da Mídia – Niterói (RJ)**. 2008.

HEYNEN, Hilde. Modernity and Domesticity: tensions and contradictions. In: HEYNEN, Hilde e BAYDAR, Gülsüm (eds.) **Negotiating Domesticity: spatial productions of gender in modern architecture**. UK, Abingdon, Routledge, 2005, p.1-29.

HORTA, Natália Botelho. **O meme como linguagem da internet: uma perspectiva semiótica**. (Mestrado em Comunicação) - Universidade de Brasília. p. 14. 2015.

LINHARES, Juliana. Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”. **Veja**, 18 abr 2016. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>>. Acesso em: 23 de nov. de 2021.

MARINS, Paulo César Garcez. Um sobrado como mediação: Ana Rosa de Araújo entre a reclusão e a vida social (São Paulo, século XIX). In: BRITO, Flávia et al (orgs.). **Domesticidade, Gênero e Cultura Material**. São Paulo: EdUSP, 2017. p. 53-73.

MARTÍNEZ, Zaida M. Introducción - Cuestiones Previas. In: **Mujeres, Casas y Ciudades - Más allá del umbral**. Barcelona: DPR-Barcelona, 2018. p. 12-40.

NERY, Juliana Cardoso. **Falas e ecos na formação da arquitetura moderna no Brasil**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia. Salvador, p. 287-309. 2013.

PINHEIRO, Maria Lúcia Bressan. Lucio Costa e a Escola Nacional de Belas Artes. In: VI SEMINÁRIO, 1997, São Paulo. **Anais do VI Seminário**, 1997.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. São Paulo: Editora 34, 2005. _____. O destino das imagens. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

SANTOS, Marinês Ribeiro. Domesticidade e identidades de gênero na revista Casa & Jardim (anos 1950 e 60). **Caderno Pagu**, 36. 2011. p. 257-282. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cpa/a/s8qCfr7bkYMN6C3SLzRdQkx/?format=pdf&lang=pt>> . Acesso em: 23 ago. 2021.

SLADE, Ana. Arquitetura moderna brasileira e as experiências de Lúcio Costa na década de 1920. **Perspectiva**, 2002, p. 57.

SOUZA, Gabriela. Casos Samuel e Saul Klein: violência de gênero também se aprende em casa. **Universa Uol**, 17 de abr. de 2021. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/colunas/2021/04/17/casos-samuel-e-saul-klein-violencia-de-genero-tambem-se-aprende-em-casa.htm>>. Acesso em: 23 de nov. de 2021.

WIGLEY, Mark. Untitled: The housing of gender. In: COLOMINA, Beatriz (ed.). **Sexuality and Space**. New York: Princeton Architectural Press, 1992. p. 327-390.

ZURIARRAIN, José Mendiola. **Nos livros elas são “lindas” e “encantadoras”. Eles, “corajosos” e “racionalis”**. Documento eletrônico. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/29/tecnologia/1567094920_557887.html>. Acesso em: 30 de agosto de 2021.

PERIÓDICOS

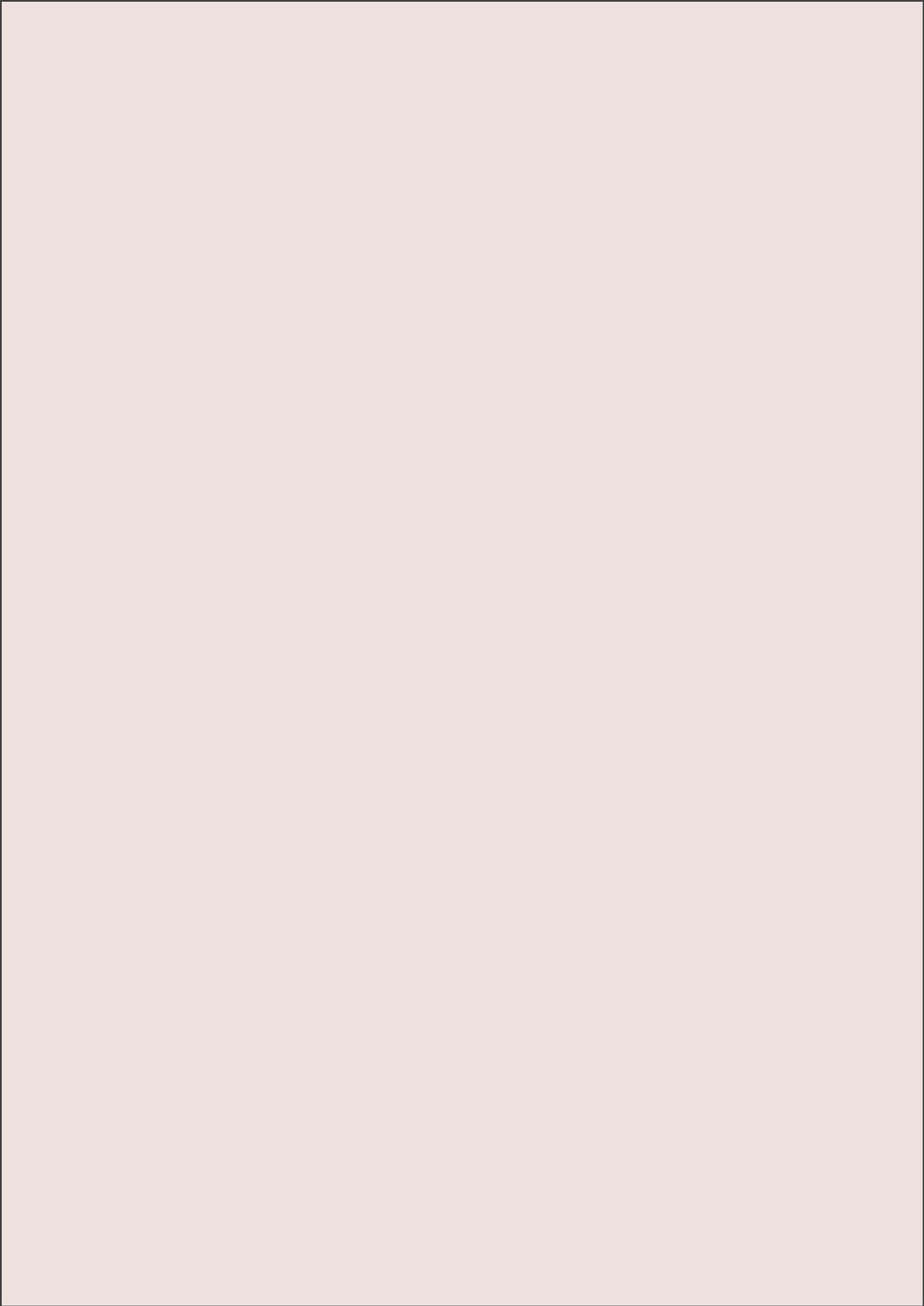
A Casa. Rio de Janeiro: s.n., 1923-1952. Mensal. 1923-1952

ANEXO 1 - LOCALIZAÇÃO EDIÇÕES

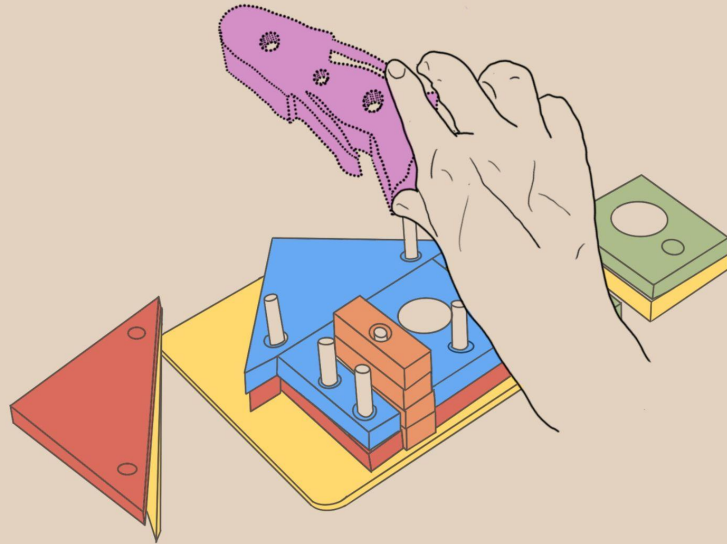
ANO/MÊS	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
1923										1	2	
1924	3		4	5	6						7	8
1925	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
1926	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32
1927	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44
1928	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56
1929	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68
1930	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78		79
1931	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91
1932	92	93	94	95	96	97	98	99	100 e 101		102	103
1933	104	105	106 e 107		108	109	110	11	112	113	114	115
1934	116	117	118	119	120	121	122	123	124	125	126	127
1935	128	129	130	131	132	133	134	135	136	137	138 e 139	
1936	140	141	142	143	144	145 e 146		147	148	149	150	151
1937	152	153 e 154		155	156	157	158 e 159		160	161	162 e 163	
1938	164	165	166	167	168 e 169		170	171 e 172		173	174 e 175	
1939	176	177	178 e 179		180	181	182	183	184 e 185		186 e 187	
1940	188	189 e 190		191	192 e 193		194	195 e 196		197, 198 e 199		
1941	200	201, 202 e 203				204, 205, 206, 207, 208 209, 210 e 211						
1942	212	213	214	215	216	217 e 218		219 e 220		221 e 222		223
1943	224	225	226	227	228	229	230	231	232	233	234	235
1944	236	237	238	239	240	241	242	243	244	245	246	247
1945	248	249	250	251	252	253	254 e 255		256 e 257		258	259
1946	260	261	262 e 263		264	265	266	267	268	269	ed. esp.	
1947	272	273	274	275		276	277	278	279	280	281	282
1948	283	284	-	285	286		287	288	289	290	291	292
1949	293	294	295	296	297	298	299	300	301	302	303	304
1950	305	306	307	308	309	310						
1951	315	316	317	318		319	320	321	322	323	324	325
1952	326		327	328	329			330	331			332

LEGENDA

	acesso integral
	acesso parcial
	sem acesso

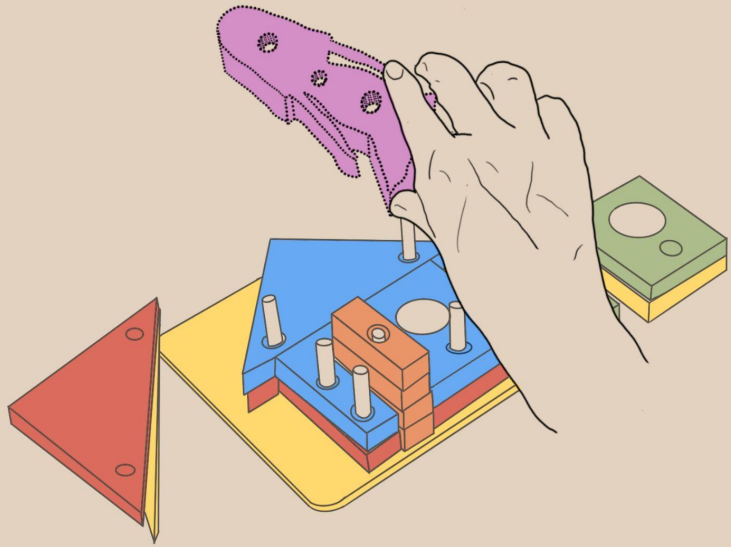


novembro 2021
banca final TFG2 | FAU-UFRJ



**Bela, Recatada e do Lar: as imagens do feminino da revista
“A Casa” e seus enfrentamentos na contemporaneidade**

Elisa Clemente da Fonseca Costa
Flávia Santos de Oliveira



BELA, RECATADA E DO LAR

Brasil

Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”

A quase primeira-dama, 43 anos mais jovem que o marido, aparece pouco, gosta de vestidos na altura dos joelhos e sonha em ter mais um filho com o vice

Por Juliana Linhares 18 abr 2016, 10h14



Marcela, mulher do vice, Michel Temer: jantares românticos e apelidos carinhosos Bruno Poletti/Folhapress



LINHARES, Juliana. Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”. Veja, 18 abr 2016. Disponível em:

<<https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>>.

Acesso em: 21 de abr. de 2021.

CAMPO EM DISPUTA



CONSTRUÇÃO DOS IMAGINÁRIOS



O juramento dos Horácios, Jacques-Louis David (1786)

MACHISMO >

Nos livros, elas são “lindas” e “encantadoras”. Eles, “corajosos” e “racionais”

Sistema baseado em inteligência artificial examina mais de três milhões de livros para analisar a linguagem usada para descrever homens e mulheres

O estudo utilizou um sistema baseado em [inteligência artificial](#) e aprendizagem de máquina para analisar palavra por palavra as obras publicadas nesse período e concluir que o tratamento dado a mulheres e homens é abertamente sexista. A análise conclui que as mulheres recebem apenas qualificativos relacionados ao seu físico, enquanto para os homens as referências se concentram principalmente em sua força e personalidade. Os atributos negativos relacionados ao físico e à aparência nestas obras são observados até cinco vezes mais nas mulheres do que nos homens. Entre as palavras mais usadas para descrever as mulheres estão “bonita”, “encantadora”, “linda”, “sexy”, “solteira”, “fértil” ou “sofisticada”. Para eles, os adjetivos mais frequentes são “justo”, “pacífico”, “racional”, “honrado”, “brutal” e “corajoso”.

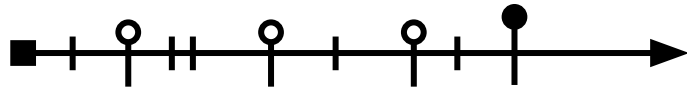
Os algoritmos aprendem com os textos já escritos e publicados, assim um sistema pode considerar bom um padrão que se repete várias vezes (por exemplo, aqueles relacionados à beleza e à mulher)

ZURIARRAIN, José Mendiola. **Nos livros elas são “lindas” e “encantadoras”. Eles, “corajosos” e “racionais”**. Documento eletrônico. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/29/tecnologia/1567094920_557887.html>. Acesso em: 30 de agosto de 2021.

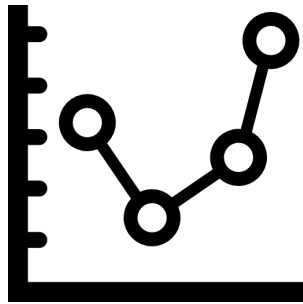
OBJETIVOS

- (1) O trabalho buscou analisar as representações do feminino nas imagens da revista “A Casa”, um dos primeiros periódicos de arquitetura do Brasil durante o surgimento do movimento moderno no país, a fim de questionar o papel da representação da arquitetura na construção de imaginários pautados nas questões de gênero.
- (2) Como objetivo secundário, a fim de promover a reflexão sobre a importância da arquitetura na construção dos imaginários pautados no gênero foi desenvolvido o produto “Revista DES.CASA”.

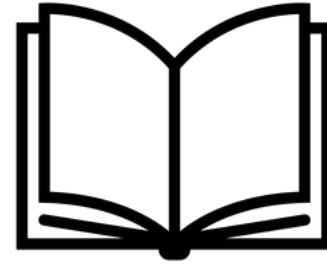
RESULTADOS



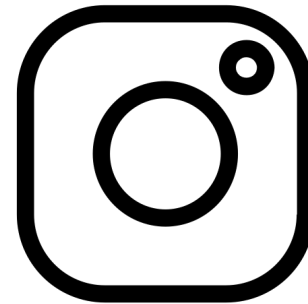
I) Linha do Tempo



II) Análise

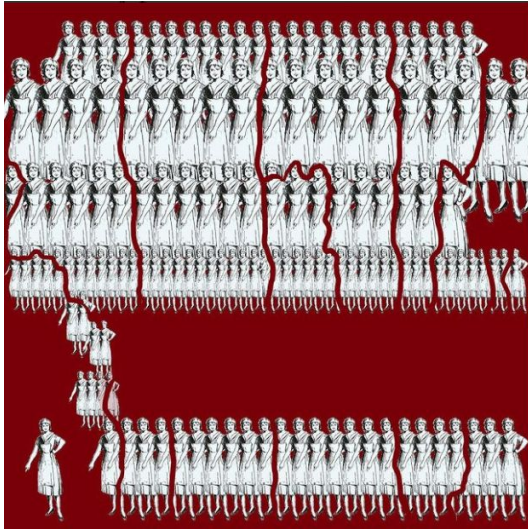


III) DES.CASA - Parte I



IV) DES.CASA - Parte II

QUESTÃO DE GÊNERO E DOMESTICIDADE NA ARQUITETURA



“Esse sistema se define tanto pelo que inclui como pelo que exclui, sendo a inclusão e a exclusão partes integrantes do mesmo constructo. Entretanto, o que é excluído, o que fica de fora, não é propriamente excluído, mas reprimido.”

AGREST, Diana I. À margem da arquitetura: corpo, lógica e sexo. In: NESBITT, Kate (Org.). *Uma nova agenda para a arquitetura*. São Paulo: Cosac Naify, 2008. p. 585.

QUESTÃO DE GÊNERO E DOMESTICIDADE NA ARQUITETURA



“Domesticidade portanto é a construção do século XIX. O termo se refere ao conjunto de ideias que se desenvolveu em reação à divisão entre trabalho e casa.”

“Domesticity therefore is a construction of the nineteenth century. The term refers to a whole set of ideas that developed in reaction to the division between work and home.”

(HEYNEN, Hilde. *Modernity and Domesticity: tensions and contradictions*. In: HEYNEN, Hilde e BAYDAR, Gülsüm (eds.) *Negotiating Domesticity: spatial productions of gender in modern architecture*. UK, Abingdon, Routledge, 2005, p.7)

QUESTÃO DE GÊNERO E DOMESTICIDADE NA ARQUITETURA

Inglaterra: final do séc. XIX



TOSH, 1996

DOMESTICIDADE



relação:
domesticidade e masculinidade



**burguesia
profissional liberal**

afastamento

**operário
trabalhador**

aproximação

QUESTÃO DE GÊNERO E DOMESTICIDADE NA ARQUITETURA



“Quando falamos em romper com o mito da rainha do lar, da musa idolatrada dos poetas, de que mulheres estamos falando? As mulheres negras fazem parte de um contingente de mulheres que não são rainhas de nada, que são retratadas como antimusas da sociedade brasileira, porque o modelo estético de mulher é a mulher branca.”

(CARNEIRO, Sueli. *Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. Racismos contemporâneos*. Rio de Janeiro: Takano Editora, v. 49, p. 49, 2003.)

REVISTA "A CASA"

APRESENTAÇÃO



“Como acima citamos, nos resolvemos suprir esta falta e assim entregamos á circulaçã o a >A CASA<, esperando que a mesma tenha de parte dos leitores a mais satisfatória acceitaçã o e que cada um encontre nella o, que desde muito tempo vem procurando: um guia exacto do estylo decorativo externa e interna de sua casa.

Interessamos-nos especialmente pelo typo de construcção pequena, afim de facilitar aos menos abastados a escolha e organisaçã o do seu futuro lar.

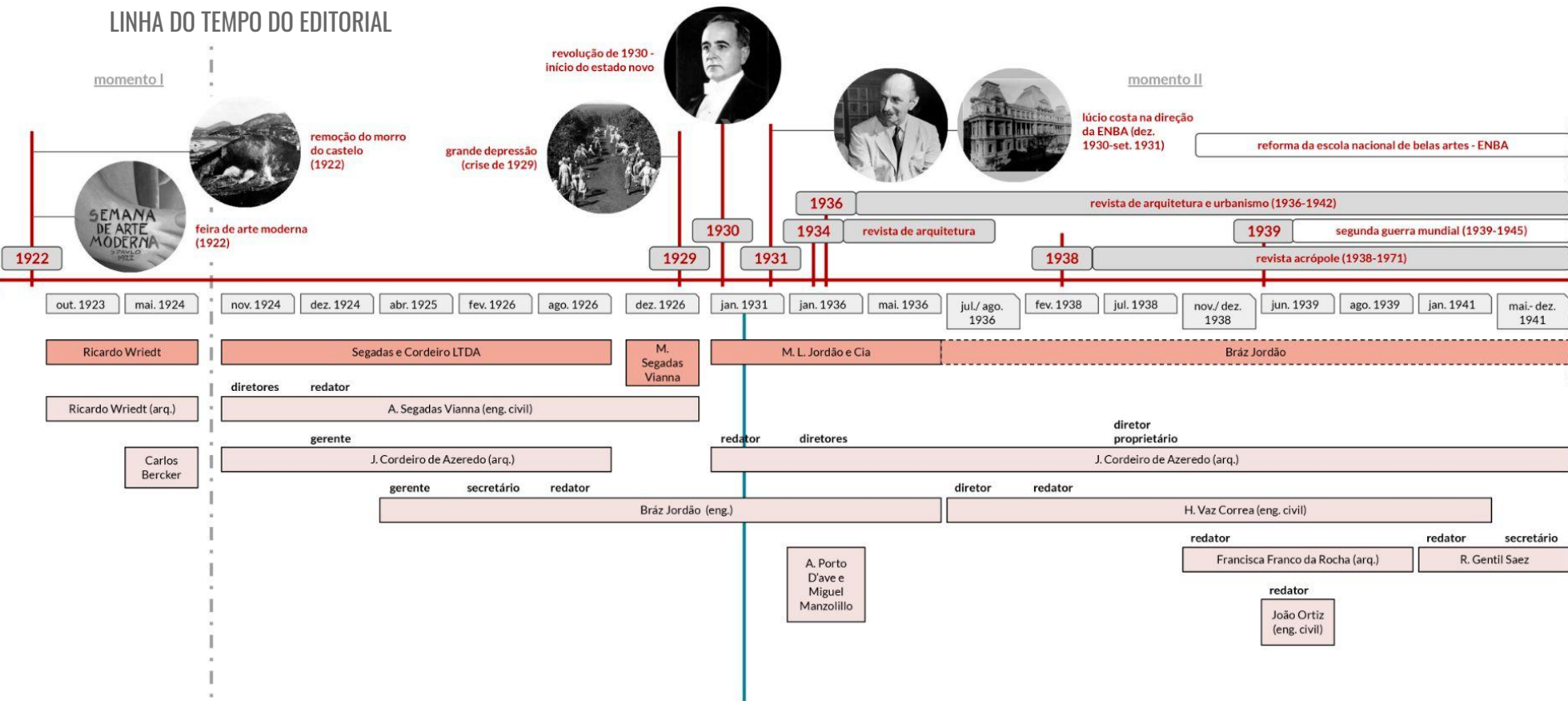
Os modelos que publicamos em nossa revista, deverão servir do mesmo modo aos profissionais, como aos leigos n'esta seductora arte, que é a Architectura.”

REVISTA "A CASA"

LINHA DO TEMPO DO EDITORIAL

momento I

momento II



O RECORTE

BLOCOS	ANOS	EDIÇÕES
bloco 1	1923 e 1924	001, 004 e 008
bloco 2	1931	080, 085 e 091
bloco 3	1945	248, 256-257 e 259

INÍCIO

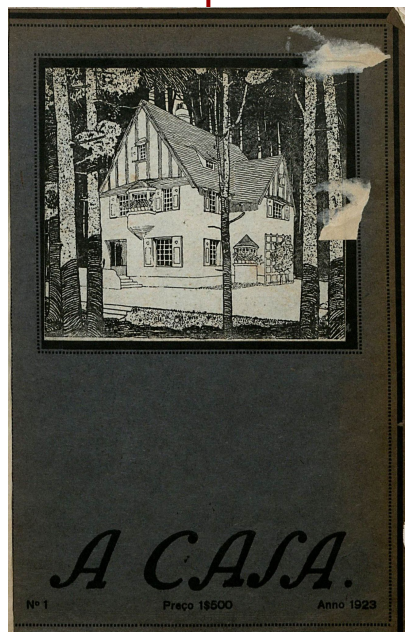
1º DIRECIONAMENTO AO
PÚBLICO FEMININO

2º DIRECIONAMENTO AO
PÚBLICO FEMININO



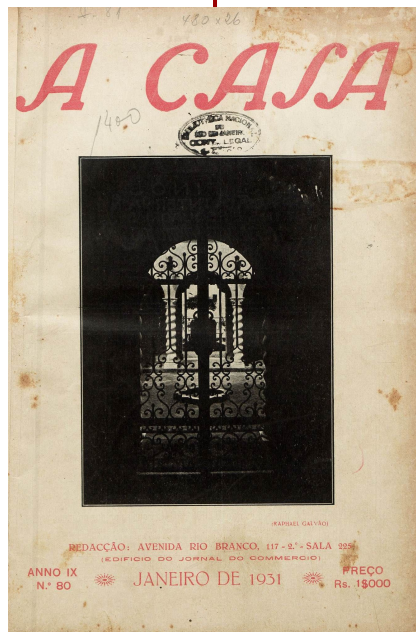
O RECORTE

1923



Capa da Revista "A Casa" de outubro de 1923. Fonte: Revista "A Casa", n. 01, capa, out., 1923.

1931



Capa da Revista "A Casa" de janeiro de 1931. Fonte: Revista "A Casa", n. 80, capa, jan., 1931.

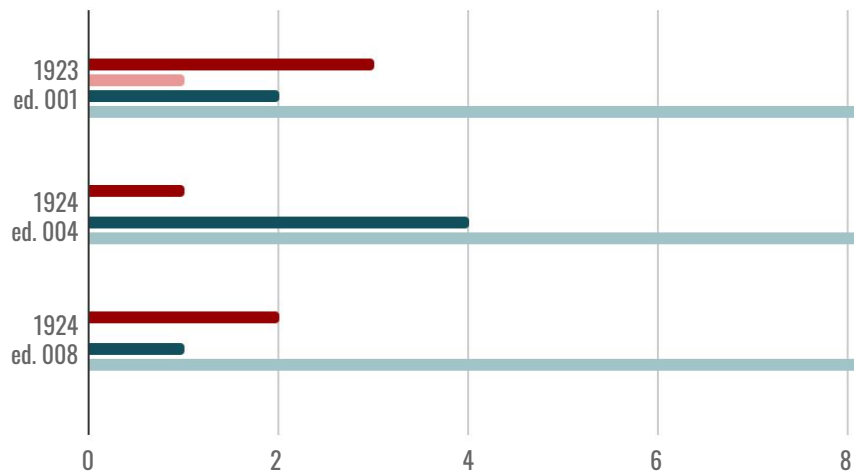
1945



Capa da Revista "A Casa" de setembro/outubro de 1945. Fonte: Revista "A Casa", n. 256/257, capa, set./out., 1945.

RESULTADOS

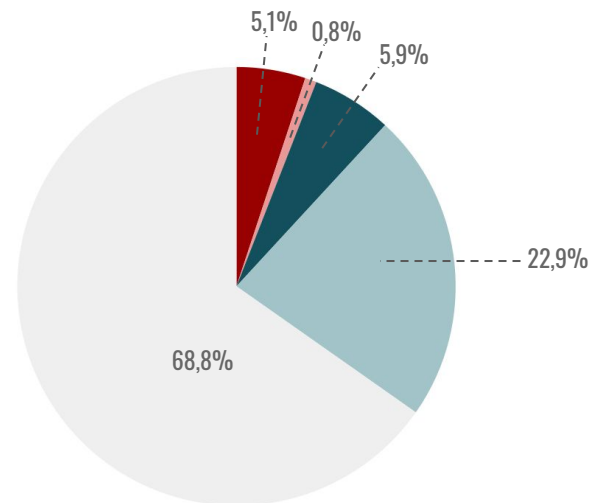
BLOCO 1 - 1923-24



legenda:

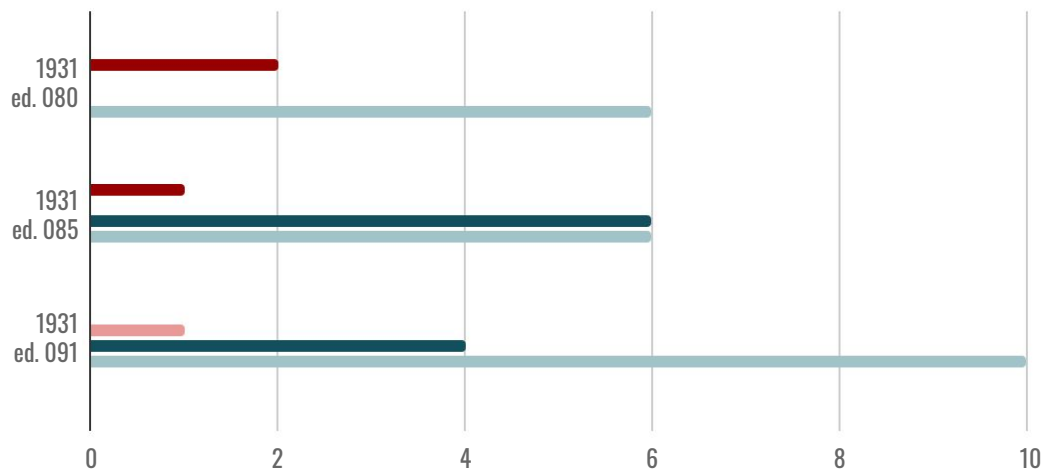
■ aparição de mulheres em ambientes internos
■ aparição de mulheres em ambientes externos

■ sugestão de aparição de mulheres em ambientes internos
■ sugestão de aparição de mulheres em ambientes externos



RESULTADOS

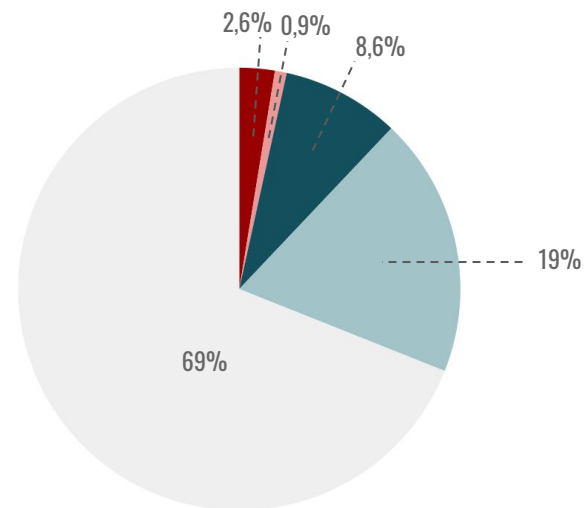
BLOCO 2 - 1931



legenda:

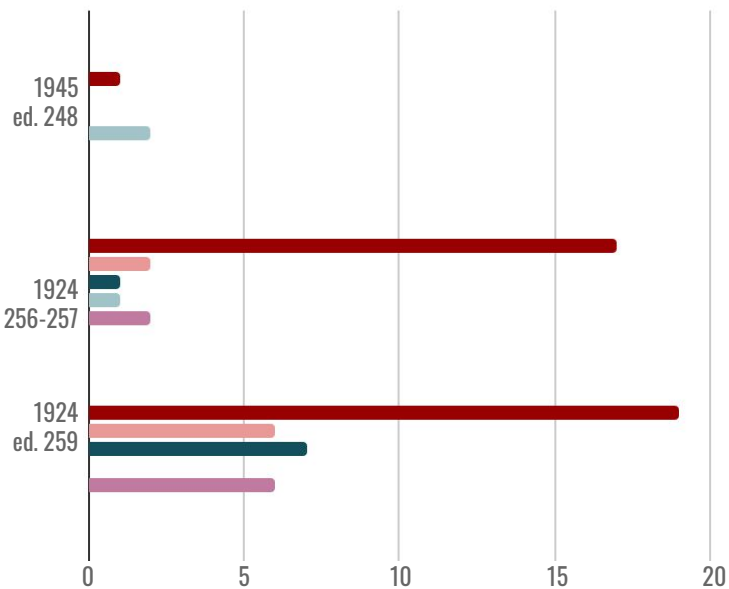
- aparição de mulheres em ambientes internos
- aparição de mulheres em ambientes externos

- sugestão de aparição de mulheres em ambientes internos
- sugestão de aparição de mulheres em ambientes externos



RESULTADOS

BLOCO 3 - 1945



legenda:

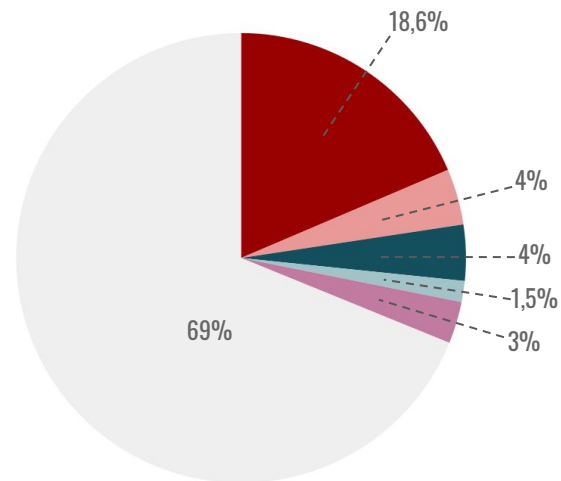
■ aparição de mulheres em ambientes internos

■ aparição de mulheres em ambientes externos

■ sugestão de aparição de mulheres em ambientes internos

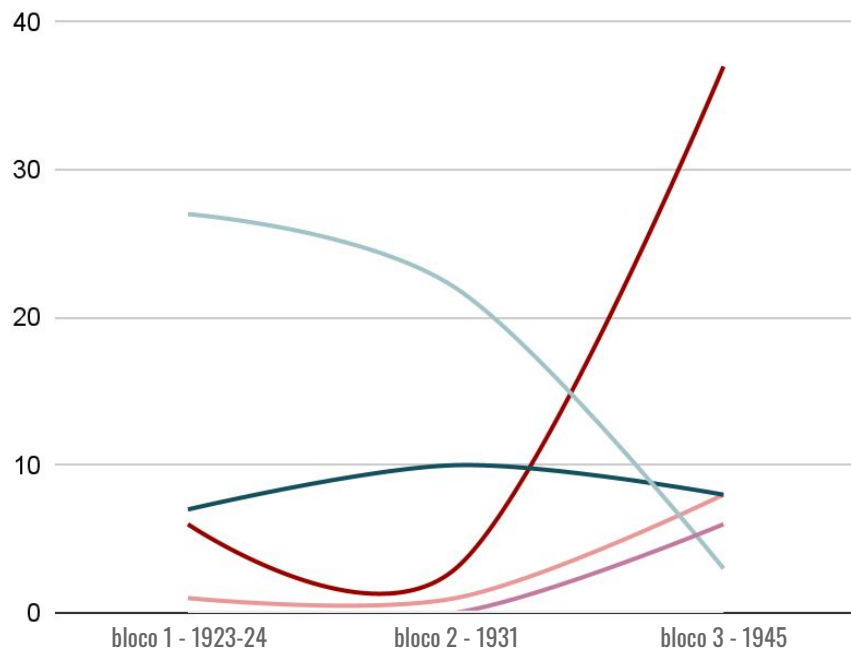
■ sugestão de aparição de mulheres em ambientes externos

■ restante das páginas



RESULTADOS

COMPARAÇÃO BLOCOS 1, 2 E 3



legenda:

- aparição de mulheres em ambientes internos
- aparição de mulheres em ambientes externos
- sugestão de aparição de mulheres em ambientes internos
- sugestão de aparição de mulheres em ambientes externos
- sugestão de aparição de mulheres por temas

DES.CASA - PARTE I



A CASA.

Nº 1

Preço 19500

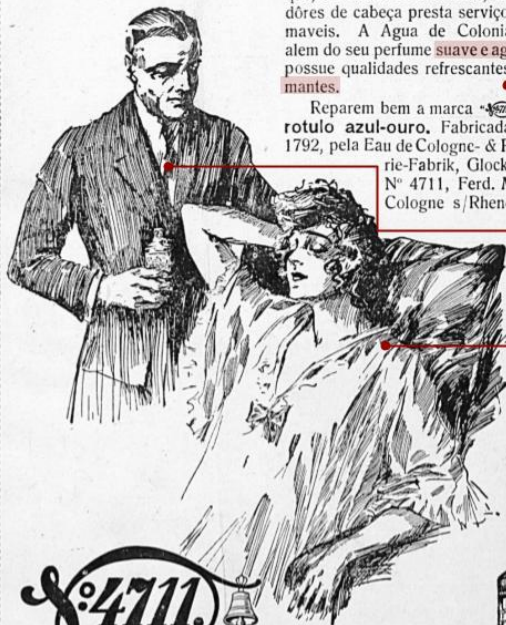
Anno 1923

DES.CASA - PARTE I

Em nenhuma Casa de Família

deve faltar um vidro da preciosa **4711** que, em casos de desmaios, cansaço e dores de cabeça presta serviços inestimáveis. A Água de Colônia **4711** além do seu perfume suave e agradável, possui qualidades refrescantes e acalmantes.

Reparem bem a marca **4711** sobre rotulo azul-ouro. Fabricada, desde 1792, pela Eau de Cologne- & Parfümerie-Fabrik, Glockengasse N° 4711, Ferd. Mühlens, Cologne s/Rheno (Ale. (marka)).



4711

Eau de Cologne.



À Venda nas melhores Perfumarias, Casas de Modas e Pharmacias.
Representantes-Depositarios para o Brasil: EWEL & COHEN Ltda., Rio de Janeiro,
Rua dos Andradas 44. — Telephone Norte 1896.

IV. Realmente, nenhuma casa de família se sustenta sem a Água de Colônia N°4711. Sorte a de Arlete que tinha um vidro desses em sua casa!

III. A Água de Colônia, assim como Arlete, tem um perfume suave e agradável. Afinal, que mulher não iria querer um produto assim, com propriedades calmantes, para os nervos?

I. Arlete, mulher branca e de classe média, é um ser de muita sorte. Depois de um dia inteiro arrumando a casa, ao sentir-se cansada e com dores de cabeça, tem a ajuda de seu marido que lhe oferece a milagrosa Água de Colônia N° 4711.

II. Mas também, não se engane! Arlete faz por merecer este cuidado! Mesmo depois de um dia orientando a empregada como preparar o almoço e o jantar, o jardineiro a cuidar das folhagens e tomar conta de seu filho, ela se arruma para receber seu marido quando este chega do trabalho. Veste sempre vestidos confortáveis, porém elegantes, salto e arruma seus cabelos.

NOTA:
A Água de Colônia foi inventada em 1709 pelo italiano expatriado Giovanni Maria Farina, então residente da cidade de Colônia. Originalmente, ficou conhecida como "água milagrosa" e era vendida como medicamento a fim de curar diversos tipos de males, podendo ser de uso externo ou interno. Porém, foi somente em 1792 que o comerciante Wilhelm Mühlens fundou a empresa que comercializaria a Água de Cheiro que conhecemos hoje. Como presente pelo casamento, recebeu a receita secreta da água milagrosa (água de colônia) e por isso, comprou uma propriedade onde passou a comercializar o produto. Em 1845, a marca "KÖLNISCH WASSER 4711" (que significa "Água de Colônia 4711") foi registrada, sendo o número 4711 originado da renumeração das ruas de Colônia a partir da invasão de Napoleão. A venda passou a ser somente da água de cheiro e não mais da água milagrosa. Nos anos de 1900 a marca recebeu seu design característico e nos anos de 1920 teve como slogan: "frangrâncias especiais para mulheres especiais!".

DES.CASA - PARTE I

Assim como a maçã do Jardim do Éden era o *bungalow* para Eva — uma tentação. Mas como Deus na história bíblica, determinava o marido de Eva à ela: o mais perto que poderia chegar de um bagalô era olhando àquela revista. Pobre Eva.

Revista "A Casa", n. 01, p. 38, out., 1923



FREIRE & SODRÉ
Lugares

TENTAÇÃO UM BUNGALOW

ROSÁRIO 58
N.º 2329

DES.CASA - PARTE I

Assim como a maçã do Jardim do Éden era o *bungalow* para Eva — uma tentação. Mas como Deus na história bíblica, determinava o marido de Eva à ela: o mais perto que poderia chegar de um bagalô era olhando àquela revista. Pobre Eva.

Assim como a maçã do Jardim do Éden era o *bungalow* para Eva — uma tentação. Mas como Deus na história bíblica, determinava o marido de Eva à ela: o mais perto que poderia chegar de um bagalô era olhando àquela revista. Pobre Eva.



DES.CASA - PARTE I

Assim como a maçã do Jardim do Éden era o *bungalow* para Eva — uma tentação. Mas como Deus na história bíblica, determinava o marido de Eva à ela: o mais perto que poderia chegar de um bagalô era olhando àquela revista. Pobre Eva.

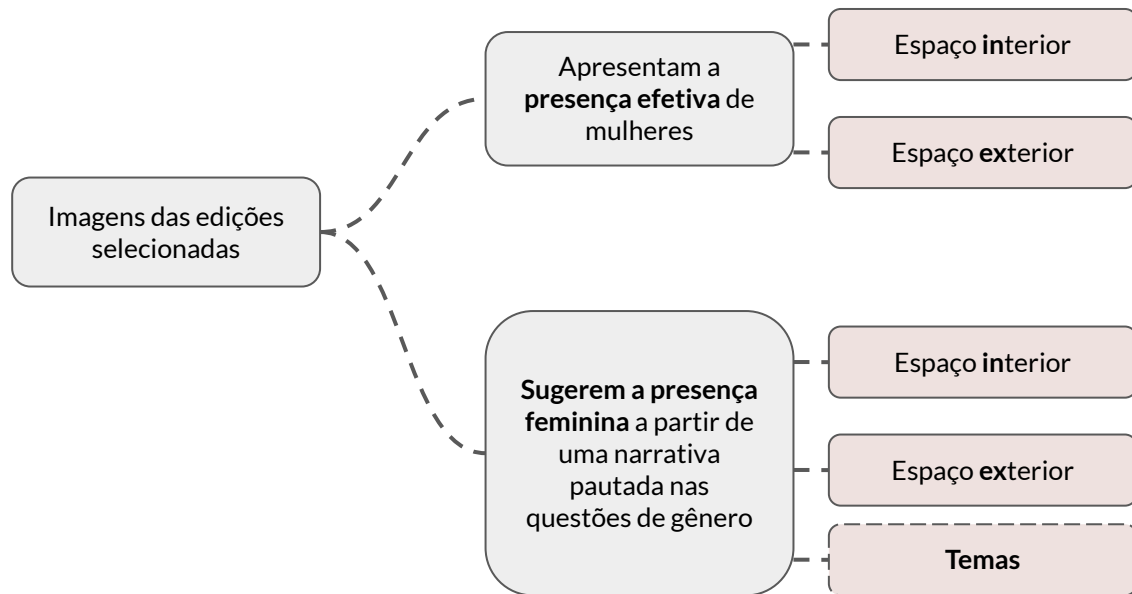


FREIRE & SODRÉ
Lugares

TENTAÇÃO
UM BUNGALOW

ROSÁRIO 58
N.º 1230

DES.CASA - PARTE I



legenda:





A CRIANÇA E O NATAL

MARIA DUARTE

Críticos, almeiros de alegria e de felicidade. Infância, mundo de sonhos, incompreensível como lódas, as coisas puras. Mas os pontos, como a sua inspiração sem limites, sem as ilações com a independência de suas ideias; sem os abalos com o peso de suas opiniões, conseguiram desenvolver a indústria que sobrevive a mundo miraculoso da primeira idade, onde o racionalismo cede o controle das ações aos instintos e às emoções.

Os impulsos infantis refletem a humana condição que caracteriza a natureza humana. O desejo de domínio de comportamento, de lutar, de ser o impetuoso, a constante atividade, a indisciplina do comportamento, que fazem desses pequeninos seres, pelas preocupações e cuidados que reclamam, os verdadeiros ambientes do mundo.

Mas, em um ponto talvez concordem os educadores e psicólogos da idade infantil, é que não há, não pode

haver duas crianças iguais, em nível em vivacidade, em temperamento. Essa diversidade se explica em faixas de enorme variedade de impressões, impressões essas que jamais se extinguem de seu sub-consciente, e que muitas vezes determinam a seu procedimento futuro, fa-

to a sociedade, como treze-moventes evolucionadas do espírito humano.

Por isso, acionadas os modernos pedagogos, nos seus métodos de ensino, o maior resíduo da industrial de criação, é em de inventar suas os impressos mentais, primeiras distâncias de inteligência, que devem ser amparadas e

estimuladas e jamais controladas.

Já disse um auctor celebre que o homem de qualquer condição, hoje em dia, não encontra tratamento outra coisa que não seja estudar a vida de seus próprios filhos. Isso se explica facilmente pela marca da natureza, pelo progresso científico, pelo diferenciado de vida social e mundana e por uma série de outras coisas que se sucedem no tempo e no espaço.

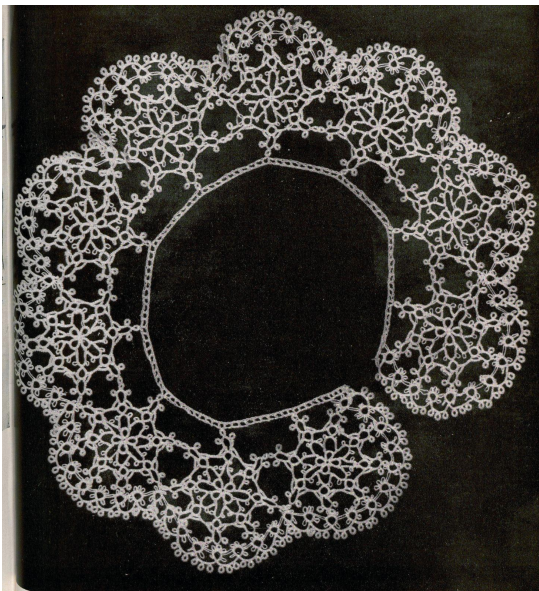
Muito inteligente são os pais que se limitam a amar os filhos, sem dar importância à criança da infância. O pai desista, os maiores progressos científicos e operários e caridosos. Não como o espírito de fé e o espírito de compreensão, de sereno e de amor.

É de resistência e de amor. Como se compare com uma

(Conclui na pág. 76)

DEZEMBRO

A CASA — Pág. 52



TRABALHOS

por MME. MACHADO

Desenhamos a nossa acção de trabalhos, apresentando as nossas ideias uma forma e delicada pela de "Fritolite".

É um trabalho de detalhadíssimo, não concebido a nível de artes e mais caro e trabalhoso, utilizando os mais apurados e exigentes géios.

O "Fritolite" é muito usado e pratica-

do em França. A par disso obtemos uma centena de géios, vestidos e vários ornamentos de "Fritolite", aplica-os como o Jazmin, com as rendas, com grande variedade por que ela mesma o fabrica. É um excelente ornamento para a roupa branca.

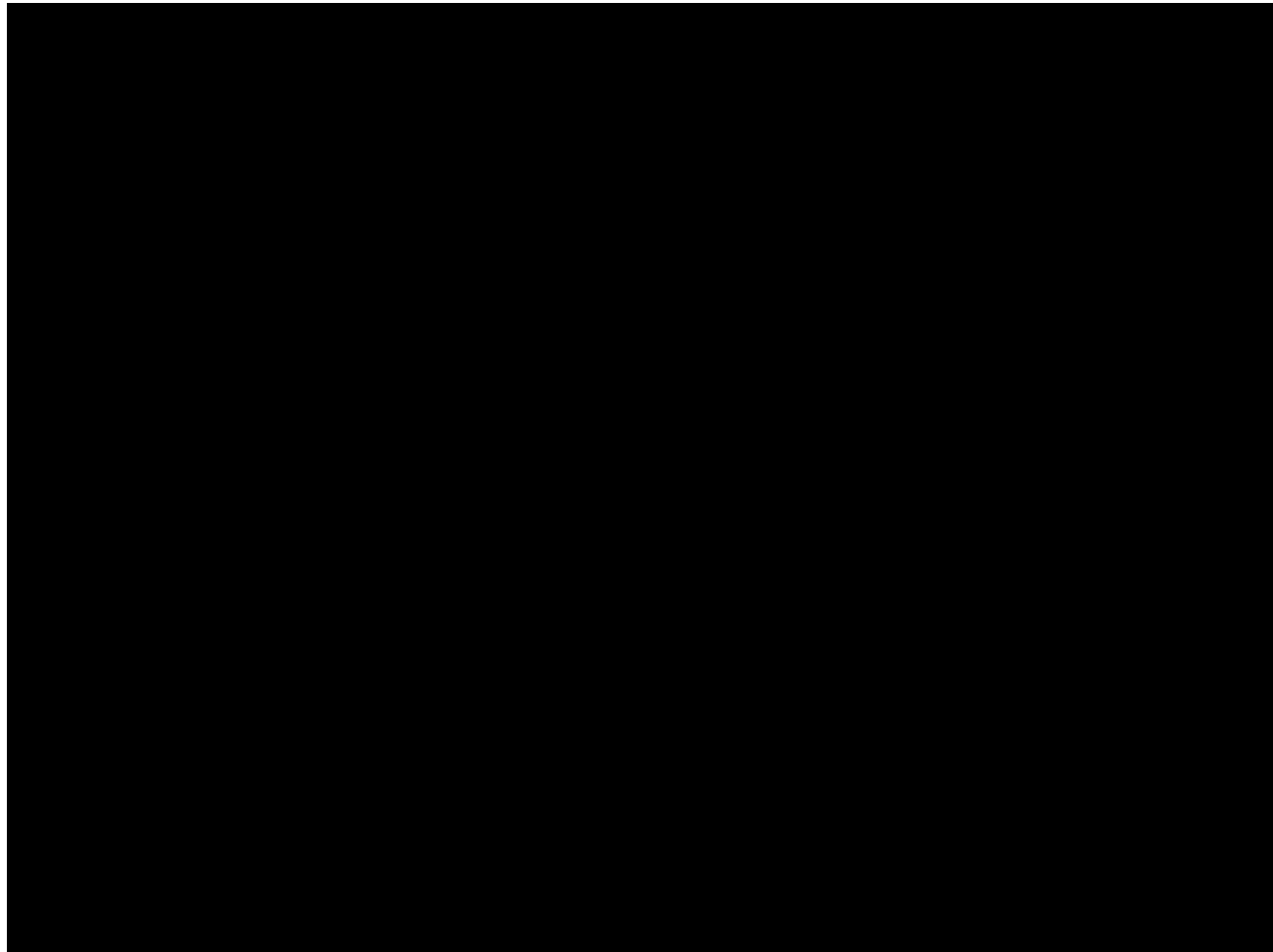
Vejamos pelos detalhes nas figuras "A",

"B" e "C", como é fino e delicado, entrando qualquer coisa poderá faz-la, como se faz com o "Tico", nas viagens e em casa, como rendas e um detalhado.

Para as nossas leitoras que desiciem aprender a "Fritolite", damos as aulas sociais, por intermédio desta sociedade.

(Conclui na página 76)

DES.CASA - PARTE I



DES.CASA - PARTE II



Instagram

Pesquisar



revista_des.casa

Editar perfil



24 publicações

23 seguidores

2 seguindo

DES.CASA

Espaço de experimentação (e construção) de uma futura arquiteta e urbanista, @elisacfcosta, e seu trabalho de graduação ;)

PUBLICAÇÕES

REELS

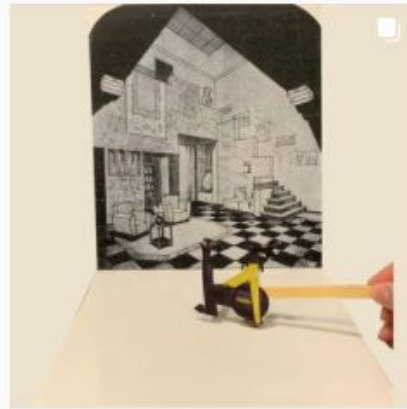
VÍDEOS

SALVOS

MARCADOS

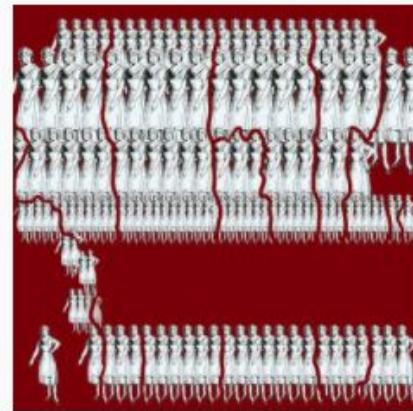
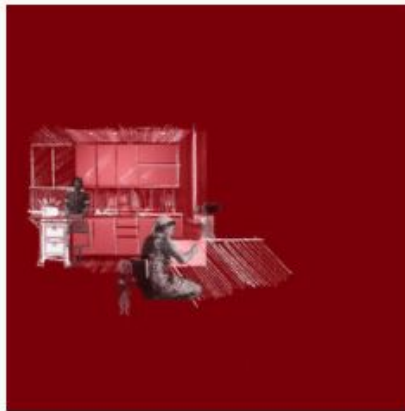


DES.CASA - PARTE II

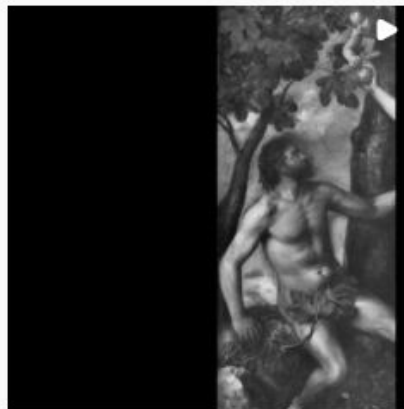


H
o
l
i
m
o
d
e
r
n

Este novo estilo de que já sabemos bem do
sentido de dizer que não era propriamente
nada mais do que o resultado de um esforço
comparativo. Entretanto, no entanto, quando
vimos um interior de casa, devemos sempre
que o primeiro que devemos fazer é sempre
o mesmo: analisar, pensar, sentir, discutir,
mas não esquecer, principalmente, a
responsabilidade dos nossos. Quando se a
casa, portanto, estiver em mãos que se não
tem a intenção de criar de novo, mas de
melhorar o que já existe, então, a
tarefa é sempre a mesma: pensar, sentir,
discutir, analisar, discutir, discutir, discutir,
mas não esquecer, principalmente, a
responsabilidade dos nossos. Quando se a
casa, portanto, estiver em mãos que se não
tem a intenção de criar de novo, mas de
melhorar o que já existe, então, a
tarefa é sempre a mesma: pensar, sentir,
discutir, analisar, discutir, discutir, discutir,
mas não esquecer, principalmente, a
responsabilidade dos nossos.



DES.CASA - PARTE II



BIBLIOGRAFIA

AGREST, Diana I. À margem da arquitetura: corpo, lógica e sexo. In: NESBITT, Kate (Org.). **Uma nova agenda para a arquitetura**. São Paulo: Cosac Naify, 2008. p. 585-599.

HEYNEN, Hilde. Modernity and Domesticity: tensions and contradictions. In: HEYNEN, Hilde e BAYDAR, Gülsüm (eds.) **Negotiating Domesticity: spatial productions of gender in modern architecture**. UK, Abingdon, Routledge, 2005, p.1-29.

LINHARES, Juliana. Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”. **Veja**, 18 abr 2016. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>>. Acesso em: 23 de nov. de 2021.

MARTÍNEZ, Zaida M. Introducción - Cuestiones Previas. In: **Mujeres, Casas y Ciudades - Más allá del umbral**. Barcelona: DPR-Barcelona, 2018. p. 12-40.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. São Paulo: Editora 34, 2005. _____. **O destino das imagens**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

BIBLIOGRAFIA

SOUZA, Gabriela. Casos Samuel e Saul Klein: violência de gênero também se aprende em casa. **Universa Uol**, 17 de abr. de 2021.

Disponível em:

<<https://www.uol.com.br/universa/colunas/2021/04/17/casos-samuel-e-saul-klein-violencia-de-genero-tambem-se-aprende-em-casa.htm>>. Acesso em: 23 de nov. de 2021.

ZURIARRAIN, José Mendiola. **Nos livros elas são “lindas” e “encantadoras”. Eles, “corajosos” e “racionais”**. Documento eletrônico.

Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/29/tecnologia/1567094920_557887.html>. Acesso em: 30 de agosto de 2021.

PERIÓDICOS

A Casa. Rio de Janeiro: s.n., 1923-1952. Mensal. 1923-1952. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=690422&pagfis=1>>.